

Deutscher Morgen

Einzelpreis 500 Reis

Berausgeber: E. Sommer

Aurora Allemã

Erscheint wöchentlích

Folge 43

São Paulo, 27. Oktober 1939

8. Jahrgang

Schriftleitung, Verwaltung und Druckerei: Rua Victoria 200 — Fernruf: 4-3393, Caixa postal 2256 — São Paulo. — Zuschriften nicht an Einzelpersonen, sondern nur an die Verwaltung. — Bezugsgebühr: halbjährlich 10\$000, ganzjährig 20\$000, für Deutschland und die Weltpostvereinsländer 7 Mark

Energico Protesto do Governo Sovietico contra as Listas de Contrabando Inglezas

A Guerra das Falsidades

Nosso Quadro Negro

kt. — Sendo a tarefa da folha diaria noticiar promptamente todo acontecimento, explicando-o o quanto possivel succintamente, a um semanario, como o nosso, cabe apresentar as occorrencias dentro de u'a moldura mais ampla, facilitando ao leitor a penetração na copia de successos perturbadores e desvendando energias activas e objectivos. Porisso, em nosso „Quadro negro“, já desistimos de citar e constestar não poucas noticias espantosas e assim restringimo-nos ainda hoje; pomos em destaque, entretanto, duas cousas que, agora, sete semanas após a deflagração da guerra na Europa, apparecem, sem duvida, sob sua luz verjadeira.

Como andam as cousas em relação á frente occidental?

Até aqui, temo-nos referido apenas rapidamente á frente occidental, nesta série de artigos. Chegou, porém, o momento de se desvendar toda a formidavel trama de mentiras engendrada com enorme espalhamento e espalhada por todo o globo. Socorremo-nos para isso dos boletins militares allemães e francezes, que concordam entre si naquillo que tem occorrido de importante e, frequentemente, mesmo quanto aos respectivos detalhes. Em 19 de outubro, o Alto Commando das forças armadas allemães reuniu em reatorio os acontecimentos desde o começo da guerra até 17 de outubro, do qual reproduziremos a seguir, em synthese, o que ha de mais notorio: Em 9 de setembro, os francezes iniciaram, entre o Luxemburgo e o Rheino, a oeste de Karlsruhe, as hostilidades; transpuzeram a fronteira, occuparam algumas aldeias, penetraram, entretanto, apenas em duas zonas mais avançadas em territorio allemão, isto é, na floresta de Warndt e na parte sudeste de Saarbrücken, numa penetração de tres a cinco kilometros; da mole occidental (linha de Siegfried), aproximaram-se apenas perto de Saarbrücken, onde a mole chega até junto á fronteira; esses trechos foram evacuados espontaneamente pelos allemães, dado que se tratava de zonas avançadas; não se registaram combates de envergadura; em geral, participaram dos encontros apenas unidades que não passavam de contingentes de uma companhia, ás vezes mesmo de um regimento (3.000 homens); os allemães tiveram ao todo 196 mortos, 356 feridos, 114 extraviados, perdendo ainda 11 aviões; foram prisionados 689 francezes e abatidos 48 aviões francezes e 12 inglezes; na fronteira rhenana, que se estende ao longo de 160 kilometros; foi ferido apenas um soldado allemão, e isso por um estilhaço de granada, ao se fazer funcionar um canhão anti-aéreo; a actividade da artilharia e da aviação foi diminuta e correspondia a essas lutas entre os postos avançados; não se constatou, em ponto algum, a presença de tropas inglezas; os francezes retiraram-se espontaneamente em 15 de outubro, mais ou menos, e os allemães passaram a occupar a região toda até á fronteira. — O Alto Commando francez communicou em 17 de outubro, que as tropas francezas haviam sido retiradas espontaneamente, fundamentando a retirada com uma offensiva allemã em perspectiva. Os dados allemães não foram contestados pelas autoridades competentes francezas. São estes os factos reaes e incontestes. As agências „Havas“, „Reuter“ e „United Press“ exaggeraram excessivamente os acontecimentos; desperdiçaram-se enormes quantidades de papel e tinta de impressão. Lembramo-nos ajuda muito bem dos titulos garrafas; todavia, não queremos terminar este capitulo, sem, ao menos, fixar em forma impressa uma série de telegrammas e

AMSTERDAM, 26. (T. O. — Agencia alemã) — De acordo com informes procedentes de Londres, o governo sovietico reagira energicamente contra a lista de contrabandos divulgada pelo governo britânico, e entregou a Sir William Seeds, embaixador inglez em Moscou, a resposta ás duas notas inglezas de 11 e 26 de setembro.

Nessas respostas, o governo sovietico declara, que as listas de contrabando inglezas infringem os Estatutos da Sociedade das Nações, e prejudica os interesses das nações neutras.

As notas sovieticas fazem-se mais ener-

gias, ao protestar contra a inclusão nas listas dos viveres e vestimentas destinadas á população civil. — O energico protesto formulado pelo governo sovietico em resposta ás duas notas formuladas pelo governo britânico a proposito das listas de contrabando inglezas, foi publicado nas primeiras paginas de todos os matutinos moscovitas que, em commentarios marginaes, affirmam que a attitude do governo sovietico visa repudiar de modo categorico as medidas inglezas por collidirem com os principios do direito internacional. — O exercito francez conseguiu romper a linha de defesa allemã. 8. 9.: Conquistada pelos francezes a primeira linha fortificada allemã. 9. 9.: No sector do Mosella, os allemães não conseguem resistir aos francezes. 13. 9. U. P.: Considerada imminente a queda de Saarbrücken. 16. 9. U. P.: As tropas alliadas continuam avançando firme, a despeito dos violentos contra-ataques germanicos. 19. 9. A. N.: As tropas alliadas fazem um novo progresso de 25 milhas. 26. 9. R.: Provarda a supremacia dos aviões francezes. 27. 9. R.: A possibilidade da queda da linha Siegfried. 29. 9.: Occupadas pelos francezes, desde o inicio das hostilidades, mais de 50 localidades allemãs. 30. 9.: Tropas alliadas realizam apreciavel avanço na região do Sarre. 4. 10.: Novo triumpho das armas francezas a léste do Mosella. Desarticulado o estado maior allemão. 100. 10. H.: Repellido os ataques allemães. Os teutos soffreram perdas pesadas. 16. 10. H.: Tempestade de fogo sobre a retaguarda allemã. 16. 10. R.: Numerosos prisioneiros allemães ignoravam o inicio das hostilidades. 17. 10. (do correspondente de guerra E. Amsel Mowrer): Os primeiros soldados allemães, com que se topou em Saarbrücken, não passavam de infantes da mocidade hitlerista. 17. 10.: As tropas allemãs deixaram no campo da luta cerca de 1.000 homens. 18. 10.: Cinco divisões allemãs, apoiadas por tanques, atacaram os postos da vanguarda franceza, desde o Rio Mendel até ao Rio Lauter. 18. 10. R.: Ataque allemão a oeste do Sarre. Tomaram parte cerca de 150.000 soldados allemães. Acredita-se que as perdas allemãs sejam superiores a 6.000 homens. — Eis algumas provas de estílo. As demais noticias, em numero abundante, publicadas, em parte, de modo espalhafatoso, repetiu-se sempre no mesmo diapasão: Grandes batalhas, rebasados os ataques allemães, pesadas perdas dos allemães, ataques allemães fracassados, os allemães retrocedem, Aix-la-Chapelle evacuada, o Alto Commando allemão atrapalhado, e assim por deante.

A impressão geral que com isso se visava provocar nos paizes neutros era a de se terem ferido enormes e encarniçadas batalhas, de terem os allemães sido batidos seriamente e de terem os francezes e os inglezes penetrado fundo em territorio teuto. Se agora, em 22. 10., soubermos, depois de concluída a retirada dos francezas, pela Havas e pela Reuter, que, pelos seus postos avançados até á fronteira, as tropas allemãs se vem em uma situação extremamente difficil e perigosa, e que cousa parecida, e se, de futuro, continuarem a „informar“ dessa forma, difficilmente se encontrará uma pessoa razoavel, que ainda se deixe impressionar pela Havas, Reuter e United Press. Pois mesmo aquelle, que mostre tendencias de duvidar dos com-

municados do exercito allemão terá de reconhecer o contraste flagrante entre os comunicados dos Exercitos allemão e francez e as noticias das citadas tres agencias de informações.

Der Lügenkrieg

Unser schwarzes Brett

VII.

kt. — Wie es die Aufgabe eines Tagblattes ist, jedes Ereignis sofort zu berichten und nach Möglichkeit kurz zu erläutern, so kommt es bei einer Wochenschrift wie der unseren darauf an, das Geschehen in einen grösseren Zusammenhang zu stellen, dem Leser einen Ueberblick über die Fülle der verwirrenden Ereignisse zu erleichtern und wirkende Kräfte und Ziele aufzuzeigen. Wir haben in unserem „Schwarzen Brett“ deshalb schon auf die Erwählung und Widrigung mancher erstaunlichen Nachricht verzichtet und beschränken uns auch heute, stellen aber zwei Dinge heraus, die nun, sieben Wochen nach Ausbruch des Krieges in Europa, zweifellos im richtigen Lichte erscheinen.

Wie steht es um die Westfront?

Auf die Westfront haben wir in diesen Artikeln bisher nur kurz Bezug genommen. Nun ist aber der Augenblick da, das ganze, ungeheuerliche Lügengewebe aufzudecken, das mit einem gewaltigen Aufwand hergestellt und über alle Welt verbreitet wurde. Die deutschen und französischen Heeresberichte, die in allem Wesentlichen, oft selbst in Einzelheiten übereinstimmen, liefern dazu die willkommenen Unterlagen. Am 19. Oktober fasste das Oberkommando der deutschen Wehrmacht die Ereignisse von Beginn des Krieges bis zum 17. Oktober zusammen, und wir wiederholen das Wichtigste in Stichworten: Am 9. September eröffneten die Franzosen zwischen Luxemburg und dem Rhein westlich Karlsruhe die Feindseligkeiten; sie überschritten die Grenze, besetzten einige Dörfer, drangen aber nur in zwei Vorsprüngen deutschen Gebietes, dem Warndtwald und südöstlich von Saarbrücken, bis zu einer Tiefe von drei bis fünf Kilometern vor; dem Westwall (der Siegfriedlinie) näherten sie sich nur bei Saarbrücken, wo der Wall bis dicht an die Grenze reicht; diese Gebietsstreifen wurden als Vorgelände von den Deutschen freiwillig geräumt; grosse Kämpfe haben sich nicht abgespielt; im allgemeinen waren nur Verbände bis zur Stärke einer Kompanie beteiligt, einige Male bis zur Stärke eines Regiments (3000 Mann); die Deutschen verloren insgesamt 196 Tote, 356 Verwundete, 114 Vermisste und 11 Flugzeuge; 689 Franzosen wurden gefangen genommen, 48 französische und 12 englische Flugzeuge abgeschossen; an der 160 Kilometer langen Rheingrenze wurde nur ein deutscher Soldat verwundet, und zwar bei Flakfeuer durch einen Granatsplitter; die Artillerie- und Flieger-tätigkeit war gering und entsprach diesen Vorhützkämpfen; englische Truppen konnten

an keiner Stelle festgestellt werden; die Franzosen zogen sich um den 15. Oktober herum freiwillig zurück, und die Deutschen besetzten das ganze Gebiet bis an die Grenze. — Das französische Oberkommando meldet am 17. Oktober, dass die französischen Truppen freiwillig zurückgenommen worden seien und begründet den Rückzug mit einer erwarteten deutschen Offensive. Die deutschen Angaben wurden von offizieller französischer Seite nicht bestritten. Das sind die einwandfrei feststehenden Tatsachen. Die Agenturen „Havas“, „Reuter“ und „United Press“ haben die Ereignisse in massloser Uebertreibung dargestellt; Unmengen von Papier und Druckerschwärze wurden verschwendet. Wir erinnern uns noch sehr gut an die fetten Ueberschriften, wollen aber dieses Kapitel nicht abschliessen, ohne wenigstens eine Auswahl von Telegrammen und Ueberschriften auch schriftlich festzuhalten. Sie sind zu aufschlussreich und lassen die Unverfrorenheit der genannten Agenturen in einem zu hellen Lichte erscheinen, als dass sie ohne weiteres in den Papierkorb versinken dürften. Man höre, alles wörtlich zitiert und vergleiche mit den obigen Angaben: 6. 9. United Press: Die französischen Truppen in Deutschland eingebrochen. — 7. 9. Havas: Das französische Heer greift innerhalb der deutschen Grenzen an. — 7. 9.: Es wird mitgeteilt, dass es dem französischen Heer gelungen ist, die deutsche Verteidigungslinie zu durchbrechen. — 8. 9.: Die erste befestigte deutsche Linie von den Franzosen erobert. — 9. 9.: An der Mosel können die Deutschen den Franzosen nicht widerstehen. — 13. 9. United Press: Der Fall Saarbrückens scheint unmittelbar bevorzustehen. — 16. 9. United Press: Die alliierten Truppen marschieren weiterhin entschlossen vor trotz der heftigen deutschen Gegenangriffe. — 19. 9. A. N.: Die alliierten Truppen drangen wiederum 25 Meilen vor. — 26. 9. R.: Die Ueberlegenheit der französischen Flieger erwiesen. — 27. 9. R.: Möglich, dass die Siegfriedlinie fällt. — 29. 9.: Seit Beginn der Feindseligkeiten mehr als 50 deutsche Ortschaften von den Franzosen besetzt. — 30. 9.: Beachtlicher Voranschritt der alliierten Truppen an der Saar. — 4. 10.: Neuer Triumph der französischen Waffen westlich der Mosel. Verwirrung im deutschen Generalstab. — 10. 10. H.: Die deutschen Angriffe zurückgeschlagen. Die Deutschen erlitten schwere Verluste. 16. 10. H.: Die deutschen Nachhuten vom Feuer überschüttet. — 16. 10. R.: Zahlreiche deutsche Soldaten wussten nicht, dass der Krieg begonnen hatte. — 17. 10. Kriegsberichterstatte E. Amsel Mowrer: Die ersten deutschen Soldaten, auf die man bei Saarbrücken traf, waren noch richtige Kinder von der Hitlerjugend. — 17. 10.: Die deutschen Truppen liessen ungefähr 1000 Mann auf dem Schlachtfeld zurück. — 18. 10.: Fünf deutsche Divisionen, von Tanks unterstützt, griffen die französischen Vorposten zwischen den Flüssen Mandel und Lauter an. — 18. 10. R.: An dem deutschen Angriff westlich der Saar haben etwa 150.000 Mann teilgenommen. Man hält die deutschen Verluste für höher als 6000 Mann.

Das sind einige Stilproben. Die übrigen zahllosen Meldungen in teilweise recht grosser Aufmachung wiederholten sich stets in derselben Weise: Grosse Schlachten, deutsche Angriffe zurückgeschlagen, schwere deutsche Verluste, erfolglose deutsche Angriffe, die Deutschen weichen zurück, Aachen geräumt, das deutsche Oberkommando ratlos usw. Der Gesamteindruck, der bei den Neutralen erweckt werden sollte, war, dass gewaltige und erbitterte Schlachten stattfanden, die Deutschen schwer geschlagen wurden und die Franzosen und Engländer (!) tief in deutsches Land eindringen. Wenn wir nun am 22. 10. nach Abschluss des französischen Rückzuges durch Havas und Reuter erfahren, dass die deutschen Truppen durch ihre Nachposten bis an die Grenze in eine äusserst schwicrige und gefährliche Lage geraten sind, und ähnliches, und wenn künftig weiterhin in dieser Weise „berichtet“ wird, dann dürfte es kaum noch einen denkenden Menschen geben, der sich durch Havas, Reuter und United Press beeindrucken lässt. Denn selbst derjenige, der zu Zweifeln gegenüber den deutschen Heeresberichten neigt, muss einsehen, in welchem schroffen Gegensatz die deutschen und französischen Heeresberichte der drei genannten Agenturen auf der anderen Seite stehen.

Putz gemacht

Das Wichtigste der Woche
Aus dem Transocean-Dienst (Agencia Uemá)

Berlin, 18. — Die Reichshauptstadt sowie ganz Deutschland standen in diesen Tagen im Zeichen der Ehrung des Kapitänleutnants Prien, der mit seinem U-Boot die englischen Schlachtschiffe „Royal Oak“ und „Repulse“ im Kriegshafen Scapa Flow torpedierte. „Wer mit aufmerksamen Ohren auf die deutsche Volkseele hören kann, der spürt, wie sie langsam zu brodeln beginnt,“ so schreibt der „Angriff“, „jeder Schlag gegen England wird mit einer wachsenden ingrimmen Freude begrüßt. Jede Bombe auf englische Kriegsschiffe möchte jeder Deutsche gern selbst abgeworfen haben. Wenn im Rundfunk die neue Weise aufklingt: „Denn wir fahren gegen England“, dann summen die Millionen sie mit. Chamberlain möge sich gesagt sein lassen, dass die bisherigen Angriffe erst der Anfang seien. Die Insel England ist jetzt Kriegsschauplatz.“ — Kapitänleutnant Günther Prien ist 31 Jahre alt, war zuerst Offizier der Handelsmarine und trat 1933 zur Kriegsmarine über. Seine Mutter arbeitet bei den Leipziger Stadtwerken. Sie hatte gerade ihren zweiten Sohn, der nach Beendigung des Polenfeldzuges den Urlaub zu Hause verlebte hatte, zur Bahn gebracht, als die Nachricht erhielt, dass ihr Sohn Günther zwei große englische Schlachtschiffe versenkt bzw. kampfunfähig gemacht habe.

Amsterdam, 18. — Die englische Admiralität gibt die Liste der bei der Torpedierung der „Royal Oak“ ums Leben gekommenen Besatzungsmitglieder bekannt. Von 81 Offizieren und 1153 Mann, die sich im Augenblick der Versenkung an Bord befanden, sind 24 Offiziere und 786 Mann mit dem Schiff auf dem Meeresgrund gegangen.

Amsterdam, 18. — Der Kapitän des holländischen Ueberseedampfers „Vendam“ war Augenzeuge der Versenkung des britischen Flugzeugträgers „Courageous“ am 17. September. Er schildert das Ereignis wie folgt: „Der britische Flugzeugträger befand sich in Begleitung zweier Kreuzer. Drei Bombenflugzeuge flogen über dem Flugzeugträger und landeten kurz danach an dessen Deck. Für einige Zeit war weiter nichts Bemerkenswertes wahrzunehmen. Plötzlich bedeckte sich die „Courageous“ mit einer künstlichen Rauchwolke um sich dadurch einem unsichtbaren Feinde zu entziehen. Einige Sekunden später ereignete sich eine ohrenbetäubende Explosion. Eine ungeheure Wolke von Rauch und Feuer schlug zum Himmel empor; der Flugzeugträger drehte sich um, bäumte auf und ging unter, während Mannschaft und Flugzeuge von seinem Deck heruntergefegt und in die Wellen gerissen wurden.“

Berlin, 18. — Der Führer empfing Kapitänleutnant Prien und die Mannschaft des Unterseebootes, welche die Heldentat in Scapa Flow durchführten, in seinem Arbeitszimmer in der neuen Reichskanzlei, wo er ihnen den Dank des deutschen Volkes aussprach. Dem Kommandanten wurde das Ritterkreuz des Eisernen Kreuzes, der höchsten militärischen Auszeichnung, überreicht. Den Besatzungsmitgliedern war bereits von Grossadmiral von Raeder das Eisenerne Kreuz nach ihrer Ankunft im Heimathafen verliehen worden.

Danzig, 18. — Reichsverkehrsminister Dr. Dornmuier übergab die neue von Pionieren des deutschen Heeres erbaute Weichselbrücke bei Dirschau dem Verkehr für die direkte Eisenbahnverbindung Ostpreussen-Reich. Bis zum Juli nächsten Jahres wird auch die von den Polen zerstörte grosse Weichselbrücke wieder hergestellt sein.

Amsterdam, 18. — Der englische Unterstaatssekretär Butler erklärte, dass das Aussensekretariat Grund zu der Annahme habe, dass die russische Regierung in der letzten Zeit an Deutschland 17,5 Tonnen Gold geliefert habe. Man schliesst das aus dem letzten Ausweis der holländischen Staatsbank, bei der die Erhöhung der Goldbestände um 8 Millionen Gulden auf deutsche Zahlungen mit russischem Gold zurückgeführt wird.

Brüssel, 18. — Die belgische Zeitung „Metropole“ stellt fest, dass ein grosser Teil der für Belgien bestimmten Waren aus Kleinasien und dem Orient infolge der britischen Blockade nicht mehr über Antwerpen, sondern über italienische Häfen und die deutsche Eisenbahn befördert werden. Italien und Deutschland bereiten nicht die geringsten Schwierigkeiten.

New York, 18. — Die „New York Times“ veröffentlichten einen sensationellen Bericht über die Versenkung der „Athenia“, in welchem ein nordamerikanischer Staatsbürger und weitere 48 Ueberlebende erzählen, die am 4. September um 7 Uhr morgens von dem Dampfer „Southern Cross“ aufgenommen wurden, dass drei englische Zerstörer die „Athenia“, die noch flott war, mit Kanonenschüssen versenkten. Der grosse Passagierdampfer hatte sich nach der angeblichen Torpedierung noch 14 Stunden lang über Wasser gehalten. Die Beschiessung erfolgte mit der Begründung, dass die „Athenia“ eine Gefahr für die Schifffahrt bedeutet. Aus diesen Erklärungen schliesst man, dass die „Athenia“ versenkt wurde, um entsprechend den erhaltenen Befehlen mit einer so schnellen Versenkung in Anwesenheit neutraler Schiffe eine Torpedierung durch ein deutsches U-Boot vorzutauschen.

Berlin, 19. — Nach einer amtlichen Mitteilung der Obersten deutschen Heeresleitung belaufen sich die deutschen Verluste an der Westfront seit Beginn des Krieges bis zum 17. Oktober einschliesslich auf insgesamt 196 Tote, 356 Verwundete und 114 Vermisste sowie 11 Flugzeuge.

Deutschland-England bis zur Entscheidung!

Wenn diese Ankündigung über der Bekanntgabe eines Fußballspieles stände, würde jeder sportlich gut unterrichtete Mann den Bewohnern der grünen Insel die grössere Siegesaussicht zuschreiben; wenn es um wissenschaftliche Errungenschaften, um medizinische oder chemisch-industrielle Entdeckungen ginge, würden wir den Deutschen schon in Gedanken unbestrittenen Vorrang lassen; aber diesmal handelt es sich nicht um einzelne besonders gut ausgebildete Veranlagungen und Wesenszüge der beiden Völker. Heute stehen sie im Kampf um Sein oder Nichtsein gegeneinander. Der totale Krieg mit seinen gesamten bitteren Begleitererscheinungen, mit seinen unermeßlichen Folgen steht vor ihnen. Jetzt haben die harten schnellen Waffen das Wort — nur sie. Die Anrufe zur Vernunft, die geradezu beschwörenden Mahnungen an die Verantwortlichen, die zum letztenmal ausgestreckte Friedenshand wurden hohnlachend überhört und spottvoll zurückgestoßen. Jetzt wird gekämpft bis die Männer und Waffen fallen und zerbrechen. Das Duell Deutschland-England geht bis zur klaren Entscheidung; geht bis zu jener Stunde, da eine der beiden Nationen aus dem Ring der Grossmächte ausscheiden muß, weil sie militärisch, wirtschaftlich, propagandistisch, kurz, im vaterländischen Widerstand unterlag. In diesem Gang der Dinge dürfen wir nicht mehr zweifeln.

Den an diesem Kampf nicht beteiligten Völkern ist nur die Hoffnung geblieben, daß die Auseinandersetzung wirklich auf Britanien und das Reich beschränkt sein möge und daß nicht wie 1914-18 ein Weltbrand entfacht werde, in welchem die meisten an Europa nur handelspolitisch interessierten Länder für die Kriegsheher die Kassenien aus dem Feuer holen müssen.

Mit dem dreiwöchigen siegreichen Feldzug in Polen ist der letzte Trümmerblock von Versailles auf dem Kontinent beseitigt worden. Von Frankreich hat der Führer nie etwas gefordert, von England verlangt er jetzt nur noch die geraubten Kolonien in Afrika.

Außerdem weiß jedermann, daß Deutschland militärisch und wirtschaftlich bedeutend stärker ist als damals vor fünfundsingzig Jahren.

Die letzten Telegramme aus Südafrika, Indien und Palästina lassen nun die Unabhängigkeitsbestrebungen der Millionenmassen dieser Gebiete deutlicher denn je erkennen. Von Amerika wird die Londoner Regierung angesichts der aufrichtigen Neutralitätsbestrebungen in allen Ländern der Neuen Welt außer von seinen in früheren Jahrhunderten eroberten Gebieten kaum

die erwartete Hilfe erhalten. Im Fernen Osten gibt Japan den Ton an, das man wohl kaum als einen Busenfreund Englands bezeichnen kann. Die nach der Verständigung mit Deutschland neu ausgerichtete sowjetrussische Außenpolitik kann sich frei in anderen Himmelsgegenden bewegen. Zunächst wurden Meldungen über russische Truppenansammlungen an den Grenzen Afghaniistans und Persiens demontiert. Das dürfte auch zutreffend sein, weil die Sowjetunion im eigenen Land über genügend Petroleum verfügt. Nur im Falle eines britisch-russischen Zusammenstoßes würde die Erdölversorgung des Inselreiches durch den Iraq in Frage gestellt sein.

Die Moskauer Regierung hat außerdem soeben erst die türkische Regierung durch eine amtliche Presseerklärung wissen lassen, daß der englisch-französisch-türkische Pakt nicht als ein Werkzeug zur Störung des Friedens betrachtet werden dürfe. Auch die italienische Kritik an diesem Vertrag, der die bisherige neutrale Stellung der Türkei über den Haufen warf, ist überaus deutlich. Italien sieht im Mittelmeer seine Lebensader, auf dem Balkan hat es weitreichende wirtschaftliche Interessen, es kann darum der Türkei keinen Freibrief für Operationen ausstellen, welche die gesunde Neutralität des gesamten Mittelmeerraumes gefährden. Nach einem Telegramm der Tageszeitungen soll die Türkei von England eine 50-60 Millionen Pfund-Anleihe erhalten. Die politischen Kreise Roms schreiben allerdings der englischen Garantie für die Türkei keine große Bedeutung zu. Daß aber der Paktvertrag der Westmächte mit den Türken sowohl Rom wie Moskau vor neue Tatsachen stellte, steht ganz außer Frage.

Bei den gegenwärtigen diplomatischen Gesprächen in Berlin, das in engster Führung mit Italien und der Sowjetunion seine Entscheidungen trifft, sind für die nächste Zeit Ergebnisse zu erwarten, die jeden Zweifel über die europäische Zukunft beseitigen. Wir werden dann wissen, warum Reichsaußenminister von Ribbentrop am letzten Dienstag so erfüllt von innerer Überzeugung ausrufen konnte: „In vollem Bewußtsein, daß das Recht auf seiner Seite steht und daß bis zum letzten Augenblick alles getan wurde, was in seiner Macht stand, um diesen Krieg zu verhindern, der ihm aufgezwungen wurde und der absolut keinen Sinn hat, wird Deutschland ihn mit der gewaltigen Macht seiner ganzen nationalen Kraft bis zum Ende führen. Dieses Ende in dem für das deutsche Volk entscheidenden Kampf kann nur ein großer deutscher Sieg sein.“

Berlin, 19. — Der Führer hat am 18. Oktober die Ratifizierung des am 28. September d. J. in Moskau unterzeichneten Grenz- und Freundschaftsvertrages zwischen Deutschland und der Sowjetunion vollzogen. Gleichzeitig hat er auch das zu diesem Vertrag gehörende Zusatzprotokoll vom 4. Oktober ratifiziert, das die genaue Beschreibung der für die Abgrenzung der beiderseitigen Reichsinteressen im Gebiet des bisherigen polnischen Staates festgelegten Linie enthält.

Berlin, 19. — Reichsleiter Alfred Rosenberg, der bekanntlich Deutschbalte ist, schreibt zur Rücksiedlung der bisher in Estland und Lettland ansässigen Deutschen im „Völkischen Beobachter“: „Die Bewohner der baltischen Länder verlieren ihr Wahlvaterland, um in ihr grosses Vaterland heimzukehren. Sie bewahren die Erinnerung an den schöpferischen Kampf, an die Zeugen der Jahrhunderte eines aufbauenden Willens. Alle sind sie erfüllt von Schmerz und Traurigkeit, jetzt wo sie

ihr Vaterhaus verlassen müssen, um sich einem fremden Herde zuzuwenden, wenn die Türme von Reval und Riga aus ihrem Blickkreis verschwinden. Gleichwohl aber werden sie von einer schweren Last befreit. Es ist ihr Schicksal gewesen, von Fremden regiert zu werden. Um ihre Heimat erhalten zu können, mussten sie Untertanen einer fremden Nation werden, ohne sich des Schutzes ihres Vaterlandes erfreuen zu können. Sie können jetzt tiefer aufatmen, denn es sind ihnen neue Möglichkeiten geschaffen, zu arbeiten. Schöpferisches zu leisten und ihre Fähigkeiten aufzuzeigen. Das Bewusstsein, ein Teil einer geschlossenen Gemeinschaft im Dienste an der Nation zu sein, wird ihnen Zukunft, Sicherheit und Widerstandskraft geben.“

Berlin, 19. — Durch ein Gesetz des Führers wurden die ehemaligen deutschen Gebiete, die einen Teil des früheren Kongress-Polens bildeten, sowie einige kleinere Gebietsteile von Polen selbst als in das Reich

eingegliedert erklärt. Die beiden neuen Reichsgaue heissen Westpreussen und Posen. An der Spitze der Reichsgaue stehen Reichsstatthalter mit dem Sitz in Danzig bzw. Posen. Der Reichsgau Westpreussen zerfällt in die Regierungsbezirke Danzig, Marienwerder und Bromberg. Der Reichsgau Posen in die Regierungsbezirke Hohensalza, Posen und Kalisch. Die neu an Schlesien fallenden Gebiete bilden den Regierungsbezirk Kattowitz. Ausserdem ist ein neuer ostpreussischer Regierungsbezirk nach Süden zu geschaffen worden mit dem Sitz Zichenau (früher Ciechanow). Dieser Bezirk umfasst auch die schwer umkämpfte Stadt Mlawka.

Brüssel, 19. — Ganz England ist von einer schweren Ueberschweimmungskatastrophe heimgesucht worden. Eisenbahnen und Landstrassen sind überflutet, die Bevölkerung musste auf die Dächer ihrer Häuser flüchten.

Rom, 19. — Am kommenden 28. Oktober soll die neue direkte Luftverbindung zwischen Italien und Brasilien eröffnet werden.

Mailand, 19. — „Regime Fascista“ schreibt, dass die im englischen Unterhaus so oft angewandten Ausdrücke „Zivilisation und Humanität“ in krassem Widerspruch mit der von den Engländern praktisch verfolgten Politik stehen, wenn diese z. B. Lebensmittel und Brennstoffe in die Bannliste einbezogen haben.

Bukarest, 19. — Die rumänischen Behörden haben dem ehemaligen polnischen Marschall Rydz-Smigly nicht gestattet, nach Herkulesbad überzusiedeln, wo sich die übrigen Mitglieder der früheren polnischen Regierung befinden. Er lebt also weiterhin in dem Palais des Fürsten Bibescu in Begleitung des Obersten Wenda, eines Arztes und vier Chauffeuren. Insgesamt befinden sich in Rumänien mehr als 10.000 polnische Soldaten und Offiziere in Konzentrationslagern, während ca. 30.000 geflüchtete Zivilisten nicht recht wissen, wo sie in Zukunft bleiben sollen.

Washington, 19. — In zwei nordamerikanischen Autofabriken sind 57.000 Arbeiter in den Streik getreten.

Berlin, 20. — Im neuen deutschen Industriegebiet um Salzgitter (Nordharz) wurden in den Hermann-Göring-Werken zwei neue Hochöfen angeblasen. In knapp zwei Jahren ist eine Landschaft, deren Felder der Pflug fürchte, so zu einer Stätte der Förderer, rauchenden Essen und zischenden Hochöfen geworden.

Berlin, 20. — In den Werkstätten der deutschen Filmindustrie wird trotz des Krieges mit voller Besetzung und einem wahren Hochdrucktempo gearbeitet. Gegenwärtig werden sieben Filme gedreht, während elf weitere in Vorbereitung sind. Zur selben Zeit dreht man in London nur zwei Filme, während man in Paris keine Schauspieler hat, da diese angeblich alle zum Militärdienst einberufen wurden.

Berlin, 20. — Generalfeldmarschall Hermann Göring hat veranlasst, dass die Familien der im Militärdienst stehenden Männer, rückwirkend vom 1. Oktober, erheblich höhere Unterstützungen erhalten.

Genf, 20. — Neutrale Reisende, die in diesen Tagen aus Strassburg eintrafen, erzählen von dem schweigsamen Bild dieser Stadt, die in Schlummer gefallen zu sein scheint, seitdem Hunderttausende von Personen nach Südwestfrankreich gebracht wurden. Man sähe in den Strassen überhaupt niemanden mehr. Die Geschäfte seien geschlossen, die Schaufenster verdeckt. Viele Läden trügen Schilder: „Wiedereröffnung nach dem Krieg“. Die Zeitungsstände seien mit alten vergilbten Zeitungen verhangen, die öffentlichen Uhren stehen geblieben, als ob es in der verödeten Stadt keine Stunde mehr gäbe. Man höre nur noch den Schritt der Soldaten und Polizisten, die von Zeit zu Zeit durch die einsamen Strassen gingen. Mehr als 300.000 Einwohner mussten Strassburg und Umgegend verlassen.

Rom, 20. — Die Zeitung „Tevere“ meldet aus Jerusalem, dass der jüdische Terror erneut zunimmt, während die Araber stärker denn je die Unabhängigkeit Palästinas fordern. Man rechnet mit einer starken Verschärfung der Lage in Palästina.

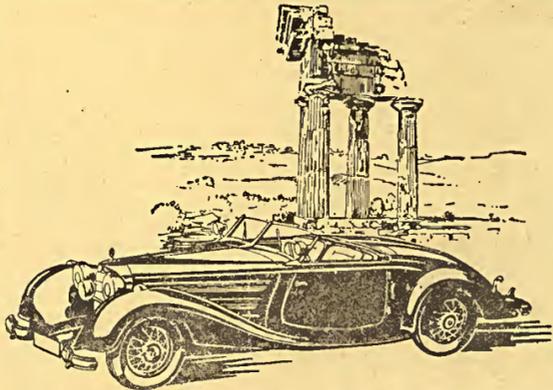
New York, 20. — Das Institut für öffentliche Meinung, das hin und wieder Rundfragen über die Rückwirkung politischer Ereignisse im amerikanischen Volk anstellt, hat jetzt eine solche über die Frage der nordamerikanischen Einmischung in den europäischen Krieg vorgenommen. Nur 5 vH. aller Antworten waren für die Einmischung, während 71 vH. dagegen Stellung nahmen.

Berlin, 22. — Zwischen dem Reich und Italien ist in Rom eine grundsätzliche Einigung über die Rücksiedlung der Deutschen aus Südtirol erzielt worden. Danach werden die Reichsdeutschen das Gebiet bis Ende dieses Jahres verlassen, während die Deutschen italienischer Staatsangehörigkeit sich bis zu diesem Zeitpunkt entscheiden sollen, ob sie im Verlauf weiterer zwei Jahre, also bis Ende 1941, von ihrem Optionsrecht Gebrauch machen wollen. Von den 220.000 bis 240.000 Deutschen in Südtirol sind jetzt bereits 180.000 fest entschlossen, ins Reich zurückzukehren.

Berlin, 22. — Der deutsche Handelskrieg gegen England hat in den letzten Tagen wachsende Erfolge zu verzeichnen. Die britischen Stellen geben selbst zu, dass sie in der kurzen Zeit vom 13. bis 15. Oktober 7 Dampfer mit 54.396 Tonnen verloren haben. Auch die Franzosen haben den Verlust mehrerer moderner Handelsschiffe sowie Tankdampfer, welche Konterbande führten, zu beklagen.

Berlin, 22. — Die Zahl der in der deutschen Landwirtschaft eingesetzten polnischen Kriegsgefangenen betrug am 18. Oktober bereits 134.000 Mann. Die ehemaligen polnischen Soldaten sind hauptsächlich mit dem Einbringen der Hackfrüchtereite beschäftigt.

Berlin, 22. — Am ersten Eintopfsontag des Winterhilfswerkes 1939-40 wurden allein im Gau Berlin mehr als eine Million Reichsmark gesammelt.



Mercedes-Benz
Personen-
wagen
Nutzfahrzeuge

Sociedade Auto-Distribuidora Ltda.
São Paulo, Av. Brig. Luiz Antonio 133 / Rio de Janeiro / Santos

A Grande Injustiça

kt. — Ao dar por terminadas as suas irradiações, o radioemissor alemão repete, diariamente, as seguintes palavras: „A Alemanha luta pela reparação de uma injustiça; os outros lutam por mantel-a.”

Eis uma constatação simples que nada encerra de emphatico e que, apesar disso, contém tanto de substancioso, que vale a pena occuparmos-nos de sua significação. Ora, a injustiça que cabe ser removida consiste no inadimplemento de Versalhes, nas condições que foram impostas ao povo alemão e a outros povos mais e na supposta justificação destas condições através da mentira da culpa na guerra. Trata-se, por conseguinte, de uma injustiça, cujas consequências funestas se reflectiram em todos os paizes do mundo e que continuarão a reflectir-se, caso ella não seja afastada.

O inadimplemento de Versalhes é uma realidade historica. Todavia, como, nas polemicas, continua, occasionalmente, a ser contestado, paga a pena rememorar os detalhes mais importantes.

O presidente norte-americano, Woodrow Wilson, esboçou, em 1918, em tres discursos e numa mensagem ao Congresso, um amplo programma de paz em que se exigia absoluta igualdade para todos os povos, segundo o qual não haveria nem vencedores nem vencidos e em que eram condemnadas, terminantemente, anexações, indemnizações de guerra e sancções. Esse programma tornou-se conhecido sob a denominação de „quatorze pontos” e foi accedido pelo governo alemão, a 5 de outubro de 1918, como base para as negociações de paz. A 2 de novembro de 1918, o Supremo Conselho dos Aliados deu o seu assentimento para as negociações na base dada, fazendo nisso apenas duas restricções que faziam respeito á liberdade dos mares e ás reparações por parte da Alemanha. Isso foi comunicado, formalmente, ao governo alemão, em 5 de novembro, em uma nota do secretario de Estado norte-americano Lansing. Os aliados haviam assumido um compromisso claro e solenne de dar cumprimento aos quatorze pontos, tanto que, confiada nisso, a Alemanha depoz as armas. Mas eis que se verifica a „maior quebra de palavra da historia universal”, pois os aliados forçaram a Alemanha indefesa, através da fome e de ameaças de violencias, a uma paz em que nada restou do espirito e do texto desses quatorze pontos. Desapontados e revoltados ante essa quebra da palavra empenhada, os Estados Unidos retrahiram-se. Deixaram de firmar o tratado de Versalhes, concluíram com a Alemanha uma paz em separado e não ingressaram na Liga das Nações.

As condições do tratado de Versalhes foram reunidas num volume avantajado. A Alemanha teve de entregar e destruir enormes quantidades de armas, entregando ainda suas frotas de Guerra e mercante, grandes volumes de artigos industriaes, galo e productos agricolas. Foi-lhe imposta uma indemnização de guerra de mais de 100 bilhões de marcos-ouro. Afóra todas as colonias, perdidos vastos territorios, sem direito a um plebiscito; em outras regiões, o plebiscito foi prohibido posteriormente, mau grado a vontade clara e manifesta da respectiva população, ou então realizado em desfavor seu. Teve de desarmar-se unilateralmente e foi sujeita a um permanente controle economico e militar. Milhares de outras disposições contribuíram para escravizar o povo teuto para sempre e para emprestar uma realidade ameaçadora á expressão de Clemenceau: „Existem vinte milhões de alemães demais no mundo.”

Tudo isso deveria ser justificado pelo famigerado artigo 231 da mentira da culpa na guerra: „Os governos aliados e associados declararam e a Alemanha reconhece, que a Alemanha e seus aliados são responsáveis, por os haverem causado, por todas as perdas e todos os danos soffridos pelos governos aliados e associados e pelos seus cidadãos, em consequencia da guerra que lhes fôra imposta pela aggressão da Alemanha e de seus aliados.” Os governos alemães tudo fizeram, desde 1919, no sentido de conseguirem a abolição deste artigo. Todavia, até hoje ainda não foi cancellado. Passaram-se dezenove annos de paz, sem que a Alemanha tivesse alcançado, por via de negociações, o minimo que fosse.

Ficou de pé a grande injustiça. Se a luta, que ora se fere em torno de sua invalidade ou validade, acirra as paixões, será, sem duvida, opportuno, dar aqui a palavra a alguns homens que, salvo uma unica excepção, pertencem todos ao campo hostil á Alemanha ou ao dos Estados neutros. Trata-se de homens que gozam, em seus respectivos paizes, de elevado conceito e a cuja palavra não se pôde negar consideravel peso.

Em 2 de junho de 1923, a „Sociedade dos Amigos” („quakers”) divulgou, na Inglaterra, um manifesto assignado pelo sacerdote John H. Barlow, em que se lê: „O tratado de Versalhes foi atacado em suas bases financeiras, economicas e politicas. Nós, entretanto, arcamos, em primeira linha, ao peso

de sua tundamental ausencia de moral. Seus autores deveriam ter-se deixado guiar mais pelo pensamento de remediar, em geral, os soffrimentos dos povos, ao invés de augmentar o poderio dos Estados vencedores. Foi injusto, excluir os vencidos da conferencia da paz; foi injusto, attribuir a culpa tão só a elles e extorquir a confissão dessa culpa por meio da arma da fome. Injusto foi, outrosim, deixar-se de cumprir a promessa feita de apresentar melhores condições a uma Alemanha democratica. Moralmente falando, o tratado é invalido, de vez que muitas de suas disposições são, em si, injustas, representando, ademais, um desrespeito das condições, sob as quaes as potencias centras depuzeram as armas.”

sua mór parte, do acampamento dos seus inimigos, peças de prova essas que mostram, ser a sentença proferida contra esse povo o pior erro e o de maior vulto da justiça humana nos annos da humanidade civilizada. Trata-se de uma sentença falha, tão enorme, tão tremenda, que mesmo um dos juizes que a lavraram está disposto a admitir, implicitamente, que a sentença foi um erro. Pôde, porventura, um ser vivente razoavel qualquer ver, num estado de cousas desses, uma atmosfera de paz mundial que inspire confiança? Não se estará, acaso, inclinado a acreditar antes num futuro catastrophico para a civilização?”

Walter Walsh, um clérigo e escriptor inglez, vice-presidente da Sociedade Geral da Paz, sentenciou, em 1922, num sermão que se reproduziu em forma impressa: „Lembre-me o facto de que a Alemanha confessou sua culpa através de sua assignatura do assim chamado tratado de paz, tratado esse

promessa que não foi cumprida e que, em certos pontos, foi clara e abertamente infringida... Hoje uma revisão se torna prementemente necessaria — a dos tratados da injustiça e da violencia. E' possivel, que se possa procrastinal-a; não se a evitará, contudo. Essa revisão verificar-se-á, visto que acima da vontade pouco clara dos homens se encontra a logica dos factos... Verificar-se-á, de vez que de todos os quadrantes se movimentam a verdade, cuja marcha nada poderá deter.”

O escriptor francez Louis Guéant escreve em 1921, em seu relatório sobre o tratado de Versalhes: „Os accordos de Versalhes e de St. Germain consistem na affirmação da culpa exclusiva das potencias centras; essa affirmação é u'a mentira, uma audaciosa contradicção da verdade; dahi resulta, que todo o edificio desmorona, que nada disso poderá subsistir em face do direito, da sacrosanta justiça. Não tem importancia alguma, que esses accordos hajam sido firmados por ambas as partes. Pois, conforme disse Norman Angell: „Se alguém vos encostar uma faca á garganta e disser: assignae este papel, do contrario cortar-vos-ei o pescoço, incinerarei vossa casa, matarei vossa mulher e vossos filhos — essa assignatura, assim obtida, carece de base moral e juridica.”

Outro escriptor francez, Alfred Pevet, que, em virtude de suas investigações, publicou varias obras sobre a guerra mundial e as relações teuto-francezas, chegou, no amplo estudo „Os responsaveis na guerra”, á seguinte conclusão: „No fim da guerra, 70 milhões de alemães de ambos os sexos e de todas as edades, que a fome (allusão ao bloqueio) houver tornado submissos, firmaram um tratado que é a resultante de quatorze principios transmarinos e poeircentos que occultavam mil e uma setas, afim de lançal-os, durante seculos — seculos desarmados e impotentes — na mais completa escravidão... Os „defensores do direito” forçaram um grande povo, mediante applicação de algumas tarraças aos pollegares, a se rebaixar deante dos homens e dos deuses, mentindo, como jamais um candidato ao inferno chegou a mentir, ao ser torturado. Os 70 milhões de alemães firmaram o artigo da culpa que deveria converter-se em seu epitaphio.”

Um hollandez, o antigo Primeiro Ministro ucerlandez de Savorin Lohmann, respondeu ao questionario dirigido pelo senador R. L. Owen aos comités neutros e aos letrados sobre a culpa na guerra: „Os tratados de paz de Versalhes e de St. Germain attribuíram a culpa na guerra ás potencias centras. Isso tornou pior uma questão, que já em si era injusta. Com isso, os vencedores tentaram violentar tambem a consciencia do direito. Com toda certeza não lhes teria occorrido isso, se tivessem acreditado em sua propria culpa. Todavia, uma tentativa dessas é vã. Ensina-o, como acredito, a historia. A injustiça, de que esses tratados se tornam culpados, intunescerá e fermentará, envenenando a Europa, bem como em geral, a politica internacional, para, finalmente, irromper em novos successos funestos. Emfim, as leis da historia são as da vida. Não se cura aquillo que está doente porisso que se o disfarça e esconde. Uma ordem politica das cousas, que se apoia na injustiça, compara-se com um edificio sobre uma base vacillante. Mais cedo ou mais tarde a injustiça se revelará e exigirá uma satisfação. E quanto mais se protellar esse dia da satisfação, tanto mais desgraça elle ocasionará, tanto mais perigoso se tornará o ajuste de contas e tanto mais difficil a reparação do damno. O reconhecimento da verdade pôde, talvez, conduzir a politica pelo caminho certo; mas, seja como fôr, estamos ainda longe disso. A Europa não se encaminha para bons tempos.”

O conhecido senador norte-americano Borah, que justamente agora defende, com todo o vigor de sua palavra, a neutralidade dos Estados Unidos e se oppõe á venda de armamentos á Inglaterra e á França, manifestou em 25 de agosto de 1929 sua opinião sobre o futuro da humanidade e as consequencias do tratado de Versalhes, dizendo: „O genio de Eschylo, de Dante e de Shakespeare não seria sufficiente para dar uma idéa da tragedia e do inferno para os quaes se encaminha a geração contemporanea e que ainda vêm sendo preparados para a geração futura, uma vez que esses planos de pagamento forem executados, os quaes brotaram do odio e da loucura.”

Harry Elmer Barnes, professor norte-americano de sociologia e autor de livros e artigos sobre a guerra mundial e a questão da culpabilidade, chegou, em 1928, a este resultado: „Não existe esperança de estabelecer a paz na Europa, antes que não sejam abolidas as injustiças moraes e materiaes dos tratados de Versalhes, de St. Germain e do Trianon e enquanto a Europa não se conciliar com a justiça e o decoro. A planta de Locarno não florescerá no vaso de Versalhes.”

O prégador norte-americano John Haynes Holmes, que publicou varios livros e folhetos de assumpto ethico, pronunciou em 1927 um discurso que foi divulgado em opusculo largamente distribuido. Esse discurso traz esta passagem: „Por haveremos estudado os factos,



RADIO TELEFUNKEN



VERTRETER IN ALLEN STAATEN BRASILIENS

SIEMENS-SCHUCKERT S. A.

RIO DE JANEIRO SÃO PAULO

RUA GENERAL CAMARA, 87 RUA FLOR. DE ABREU, 43

Um notavel politico inglez, membro da Casa dos Commons e escriptor, que deu a lume um grande numero de livros assaz divulgados, Edmund Dene Morel, escreve em 1922, em sua obra „O veneno que destroee”: „... Existe na Europa um povo de 75 milhões de almas, que foi injustamente estigmatizado com a accusação de haver preparado e iniciado, consciênte e propositalmente, a Grande Guerra, e que foi castigado, como jamais o fôra povo algum vencido, nem na era contemporanea, nem na Edade Média, por causa daquelle delicto. Jamais se deu ensino a que esse povo se defendesse. Scus accusadores foram os seus juizes. E desde que foi promulgada a sentença, vieram a luz provas, parte em consequencia do procedimento desses proprios povos, porém, em

que o „Manchester Guardian” estigmatizou de crime commettido contra a civilização, só comparavel com a propria guerra. Admitto que a realidade seja essa. Gostaria muito de esquecel-a. E virá o dia em que homens e mulheres britannicos desejariam esquecel-a, visto que inclinarão a cabeça e enrubescerão á sua lembrança. Em toda nossa longa e ridde historia evocar-se-ão poucas scenas com maior dor, que aquella scena em Versalhes, quando o chefe da delegação da paz alemã se recusou a appôr sua firma a um documento que proclamava a deshonra do seu paiz.”

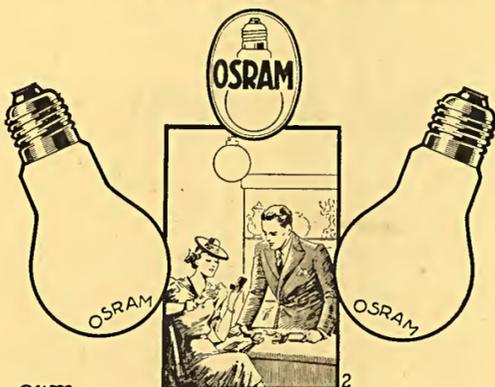
Em 26 de dezembro de 1928, 134 cientistas, artistas, jornalistas e politicos francezes de nomcada publicaram no mensario „Evolution” um

“appello ao são raciocinio dos homens”

Lê-se alli: „Se restringirmos nossas vistas apenas á Europa, as possibilidades de conflictos parece serem multiplos. Sem pretendermos enumeral-as todas, observamos apenas, que uma paz segura e definitiva não poderá reinar, antes que se não tenham furado os seguintes abscessos: a Rhenania, a anexação, o corredor de Dantzig, a questão das minorias, etc., etc. ... Para nós existe apenas um caminho. Antes de mais nada, a revisão de todos os accordos. Sim, uma revisão á luz meridiana, dirigida pela Liga das Nações. Essa revisão deve verificar-se, ademais,

mesmo que o pacto Kellogg não a exija, no interesse dobrado da paz e da justiça. Da paz: pois falamos com Wilson: „Só será duradoura a paz, cujo principio seja a igualdade, participação commum de bens communs.” (Discurso proferido no Senado, em 22 de janeiro de 1917). Da justiça: pois os tratados de 1919 foram celebrados sob condições que contrariam as mais elementares leis da equidade. Os vencidos declaram-se de accordo com o seu desarmamento, ante a promessa de que a paz se firmaria nos quatorze pontos de Wilson. Trata-se de uma

Luz perfeita e abundante



com

Lampadas

OSRAM

por sabermos que fomos iludidos, por sabermos que fizemos ao povo alemão a mais amarga injustiça, dizendo-o culpado da guerra, apossou-se de nós um asco sempre crescente

“O mytho de uma nação culpada”

O escriptor norte-americano Albert Jay Nock escreve em 1922: „A maior de todas essas injustiças é porisso que constitue a base para todas as outras injustiças — a accusação asacada a Alemanha de ser ella a unica culpada na guerra. O povo alemão jamais tolerará que essa accusação continue de pé, e nem é cabivel que queira trazel-a sempre sobre os hombros. Não se póde regularizar nada de facto, emquanto não se examinar de novo, franca e honestamente, a questão da responsabilidade e não se chegar a um entendimento que se baseie na realidade, ao invés de nima demonstração official falsa.”

Para concluir, reproduziremos ainda u'a maifestação brasileira e outra alemã. A primeira foi extrahida de uma proclamação da „Comissão Universitaria contra o Tratado de Versalhes”, publicada em janeiro de 1934, no Rio de Janeiro, e reza (em reversão de uma traducção para o alemão):

„O Brasil Novo, dentro de uma Faculdade de Direito, levanta, pela voz de um pugillo de moços, seu protesto, não apenas a bem do Direito em si, mas tambem — e ninguém ouse contestal-o — porque saberá interpenetrar os destinos da Patria dentro das fronteiras do paiz, no continente americano e dentro do quadro de toda a humanidade. Declaramos o tratado de Versalhes um cancro e havemos de empenhar-nos por extirpal-o! Chamamos a attenção de todos os intellectuaes para a confusão malfadada que ainda perdura de pé, sob a denominação hypocrita de „moral internacional e autoridade sagrada dos tratados”! Convocamos a America em peso para que faça tudo, afim de evitar que a „moral”, que inspirou o tratado de Versalhes, não se converta amanhã, porventura, em poderosa arma que suffocaria a evolução natural das pequenas nações e sua individualidade na vida dos povos! Convocamos a mocidade brasileira, que ama o direito por convicção e que conhece na expressão „moral” aqui empregada a verdadeira significação do termo, a constituir uma frente contra as disposições draconianas de uma ameaça imperialista que poderá transformar-se em arma contra a nossa propria segurança e a de todos os povos do mundo! Somos contra o tratado de Versalhes, porquanto negamos-lhe toda consciencia juridica de que faz praça. Consciencia juridica? Onde fica então o respeito pela independencia alemã, que elle reconhece expressamente? Por que dilações, anullações, prescripções, limitações de toda natureza, destruições, deturpações contra um inimigo honesto? Significará, porventura, um novo direito isso que os aliados crearam pelos artigos 70, 75, 76, 118, 227, 281, 313, 314? Deverá esse „direito”, que teria de servir para asphyxiar a Alemanha para sempre, deverá o artigo 430, porventura, ser applicado á nossa propria nação? Deverá um tacão de bota imperialista ser erigido em defensor de um „novo” direito? Juventude alemã! No Brasil desperta a comprehensão para nossa propria individualidade! Queremos combater convosco pelo objectivo da paz mundial, pela libertação de vossa Patria! Juventude alemã e americana! Juventude de todo o mundo! Congregae-vos contra o perigo commum que ameaça a vida do Occidente e, conseguintemente, nossa propria cultural! Por nosso intermedio o Brasil envia-vos suas saudações. O Comité Universitario contra o Tratado

In England ist ein „Ministerium für ökonomische Kriegsführung” eingerichtet worden, an dessen Spitze „Blockade-Chef” Sir Frederik Leith-Ross steht.



Na Inglaterra foi creado um „Ministerio da Guerra Economica”, á testa do qual se encontra o „chefe do bloqueio”, Sir Frederik Leith-Ross.

daquillo que fizemos, tanto que muito gostaríamos limpar nossas mãos desse negocio immundo.”

Em seu livro

de Versalhes: Aben-Attar Netto, Henrique Carstens, Maximo Domingues, Herberto Dutra Nicacio, Mario de Faria, Cassio Suplicy Vieira, Salvino Fonseca.”

Ouçamos, por fim, o bispo Schreiber, de Meissen, que em julho de 1923 submetteu á consideração de todos os seus correligionarios no mundo: „O tratado de Versalhes é injusto, funesto e immoral: Injusto, visto partir da premissa injusta de ser a Alemanha a unica culpada da guerra e dos damnos por esta causados; além disso, por impôr encargos ao povo teuto, que este não póde satisfazer, segundo o provam claramente os factos, caso não queira tornar-se victima da escravidão e da destruição. Funesto, visto encerrar em si os germes do odio, da discordia e de complicações provocadoras de novas guerras que têm de precipitar a Eu-

ropa e todo o mundo, fatalmente, num chaos. Immoral, por ter redundado em medidas e situações, no Ruhr, no Reno e no Sarre, que aberram de toda justiça e humanidade equilibradoras e que resultaram nos mais graves damnos economicos, sociaes, moraes e religiosos para a população attingida.”

Temos aqui uma pequena selecção de uma incommensuravel copia de juizos, cujo leitmotiv póde ser resumido nas idéas de inadimplimento, quebra da palavra, injustiça e violentação de ordem natural. Em todos os cantos se patenteia, ademais, a apprehensão ou a certeza de que o tratado de Versalhes possa dar origem a uma nova e tremenda catastrophe para a humanidade, caso se não o annulle em devido tempo por meios pacificos. E hoje testemunhamos essa catastrophe prevista.

A collectanea supra mostra, como exadversarios da Alemanha e observadores imparciaes condemnaram a grande injustiça do tratado de Versalhes, tanto que comprehendemos, o que a estação radioemissora de Berlim quer dizer, quando fala, diariamente, da reparação da injustiça.

Relatorio photographico dos aviadores de bombardeio allemães — Eis o estado a que ficou reduzido o aeroporto militar de Radom, na Polonia! — Ao lermos as façanhas prodigiosas dos aviões de bombardeio allemães, na destruição de instalações militares do inimigo, poucos de nós saberão, que os proprios homens da arma aérea fazem seus „relatorios photographicos” sobre os raids em territorio inimigo, que, a seguir, são technologicamente preparados. Offerecemos aqui aos leitores um trecho expressivo de um desses relatorios photographicos descriptivos de um ataque aéreo. A photographia foi feita por occasião do efficiente bombardeio do importante aeroporto de Radom, na Polonia central, em que, como, aliás, sempre, os aviadores bombardeadores fizeram trabalho completo, como se verifica nos pontos brancos que representam as innumeradas quedas de bombas aéreas. Não só inutilizaram o campo de rodagem, mas destruíram ainda, em grande parte, as instalações, bem como os aparelhos da arma aérea poloneza que alli se encontravam. Os pontos assignalados representam: (1) o hangar principal, seriamente damnificado (tamanho: 120 x 40 metros); (2) outro hangar, de 50 x 50 m; (3) provavelmente um galpão para deposito; (4) predios da administração do aerodromo; (5) provavelmente a garage; (6) abrigos; (7) depositos de munições e (9) campo de esportes.



Die deutschen Bombenflieger photographieren ihre „A-beitsberichte” selbst — So wurde der polnische Militärflugplatz Radom vernichtet! — Wenn wir von den kraftvollen erfolgreichen Einsätzen der deutschen Bombenflieger zur Zerstörung militärischer Anlagen des Feindes lesen, wissen die wenigsten, dass die Männer der Luftwaffe selbst photographische „Berichte” von den ausgeführten Feindflügen herstellen, die anschließend sorgfältig bearbeitet — in der Fachsprache „ausgewertet” werden. Wir können hier dem Leser einen eindrucksvollen Ausschnitt aus einem solchen Feindflug-Bildbericht zeigen. Die Aufnahme wurde bei dem wirksamen Bombardement des bedeutsamen Militärflugplatzes Radom in Mittelpolen gemacht, bei dem die Bombenflieger wie immer ganze Arbeit leisteten, wie man aus den dicht gesäten Einschlägen (sichtbar als weisse Punkte) erkennen kann. Sie machten nicht nur das Rollfeld unbrauchbar, sondern zerstörten grösstenteils auch die Anlagen sowie die dort befindlichen Flugzeuge der polnischen Luftwaffe. Die bei der Auswertung des Luftbildes eingezeichneten Zahlen bedeuten: (1) die stark beschädigte Haupthalle, etwa 120x40 m gross; (2) eine weitere Flugzeughalle 50x50 m; (3) anscheinend ein Lagerschuppen; (4) die Gebäude der Flugleitung; (5) anscheinend die Kraftwagenhalle; (6) Unterkünfte; (7) Munitionsschuppen und (9) der Sportplatz.

Schwertfisch

Wir entnehmen dem „Diario de São Paulo” vom 19. Oktober folgenden Artikel aus der Feder des Herrn Assis Chateaubriand:

Was das Unterseeboot heute gegen die grossen Oberflächenschiffe unternimmt, erinnert uns an etwas, was ich gleich nach dem Weltkrieg gelesen habe. In London, wo ich mich zur Zeit aufhielt, fühlte ich, dass die Grundfesten der Great Fleet wie von einem Erdbeben erschüttert worden waren. Auf was sonst sollte die politische Macht des britischen Empires sich stützen, wenn nicht auf seine Hochseeflotte — diese Flotte, die die Verbindungsstrassen des grossartigen Organismus dieses Weltreichs beschützt, und zwar Gibraltar, Suezkanal, Aden, Kap Horn, Kap der Guten Hoffnung, Indischer Ozean, Singapore und Australien?

Damals schrieb Admiral Percy Scott, einer der hervorragendsten und verantwortungsvollsten Seefachmänner Englands, eine Reihe von Aufsätzen für den „Daily Mail”, in welchen er sensationserregende Enthüllungen machte, wovon hier eine Probe gegeben werden soll: Das Grosskampfschiff ist vom Ozean verbannt worden, wie es einst dem Droschkengaul

ging, der von den Londoner Strassen verschwinden musste. Es ist ein Dinosaurier. Es hält sich auf dem Meer wie ein fossilisiertes Wesen auf. Es erfüllt nicht mehr seinen Zweck als Angriffswaffe. In Kriegshäfen verankert, fristet es sein Leben, von leichteren Schiffen beschützt. Es setzt seinen Panzer nicht mehr der Gefahr auf hoher See aus, als olympischer Beherrscher des Wassers. Percv Scott schloss seine Ausführungen ungefähr mit folgenden Worten: „Falls Deutschland gleich am Anfang des soeben beendeten Krieges, also im Jahre 1914, fünfundzwanzig solcher Männer gehabt hätte, wie es sie später aufwies, von der Stahlhärte seiner U-Boot-Kommandanten, so wäre das britische Inselreich heute eine Kolonie des Deutschen Reiches.”

Frägt nur irgendeinen Seefachmann, wo denn in den Jahren 1914 bis 1918 die beiden grössten Flotten Europas jener Zeit sich aufhielten. Wir finden sie beide hinter den Minenfeldern, wo ihre Schiffsrumpfe den Schaltieren als Brutstätte dienten. Selten und mit grösster Schwierigkeit wagte das eine oder das andere Schiff sich auf den Ozean hinaus. Es blieb bei Skagerrak und Dogger

Bank. Es sind aussergewöhnliche Augenblicke im Leben der grossen Oberflächenschiffe. Es waren flüchtige Zusammenstöße, bei welchen die beiden Geschwader gegenseitig sich rasch einen Kratzer verabreichten. Der Seekrieg mit Oberflächenschiffen ist ein Versteckdickrieg.

Was fürchteten denn die britischen und deutschen Kreuzer und Kampfschiffe, dass sie sich nicht auf die hohe See begaben? Nichts weiter als eben diesen Schwertfisch, der aus tiefer See auftauchend in Scapa Flow das grausame Spiel mit dem „Royal Oak” trieb, wovon wir Zeugen waren.

Kein Unsinn zu dumm...

Die Kriegshetze des Weltjudentums und der unter seinem Einfluss stehenden Politiker hat eine derartige Massenhysterie hervorgerufen, dass die Menschen nicht nur auf die unsinnigsten Greuelmärchen hereinfallen — man denke nur seinerzeit an den Ueberfall der Marsbewohner auf Newyork —, sondern sich an jeden Strohhalm klammern, der sie vor dem drohenden Untergang retten könnte.

Zu den liebsten Wunschträumen der so menschenfreundlichen Friedensapostel gehört neben der Vernichtung Deutschlands der Tod seiner führenden Männer. Die jüdische Presse kennt ihre Pappenheimer und weiss, was ihre Bezieher lesen wollen, damit sie besser schlafen können. Kein Wunder, dass ein Artikel in der jüdischen Zeitung „Hain” in dem durch allerlei „kabbalistische” Rechenkunststücke scheinbar „bewiesen” wird, dass das Jahr 1939 für Adolf Hitler verhängnisvoll werden wird, kürzlich von einigen Pariser Blättern begeistert aufgegriffen und selbst in einem Blatt vom Range des „Journal” einer längeren Abhandlung gewürdigt wurde.

Der jüdische Prophet versucht seine Weissagungen mit einigen Beispielen sozusagen mathematisch zu belegen. Als erstes Beispiel nimmt er Kaiser Wilhelm II.:

Geburtsjahr	1859
Kronungsjahr	1888
Regierungszeit	30 Jahre
Alter zur Zeit der Abdankung	59 Jahre
	3836 Jahre

Diese Zahl, durch 2 geteilt, ergibt 1918 — tatsächlich das Jahr, in dem Kaiser Wilhelm II. abdankte.

Als 2. Beispiel folgt Masaryk:	
Geburtsjahr	1850
Machtübernahme	1918
Regierungsdauer	17 Jahre
Sterbealter	85 Jahre
	3870 Jahre

Diese Zahl, durch 2 geteilt, ergibt 1935, das Todesjahr Masaryks!

Wird dieselbe Methode auf den Führer angewendet, erhält man folgende Zahlen:

Geburtsjahr	1889
Machtübernahme	1933
Regierungszeit	6 Jahre
Lebensalter	50 Jahre
	3878 Jahre

Diese Zahl, durch 2 geteilt, ergibt 1939! Folglich, erklärt der jüdische Prophet, muss Hitler in diesem Jahr abdanken.

Die Beweisführung erscheint auf den ersten Blick verblüffend. Versuchen wir doch einmal, diese Methode auf andere Personen zu übertragen. Fangen wir gleich bei Daladier an:

Geburtsjahr	1884
Ministerpräsident-Zeit	1938
Amtszeit	1 Jahr
Alter	55 Jahre
	3878 Jahre
	: 2 = 1939

Da müsste auch Daladier in diesem Jahr noch sterben oder gestürzt werden!

Versuchen wir es nun bei Roosevelt:

Geburtsjahr	1882
Präsident seit	1933
Amtszeit	6 Jahre
Lebenszeit	57 Jahre
	3878 Jahre
	: 2 = 1939

Ja, Donnerwetter, da geht es ja auch mit Roosevelt in diesem Jahr zu Ende!

Haben Sie jetzt gemerkt, dass hinter diesem „kabbalistischen” Rechenkunststück keine Hexerei, sondern bloss eine plumpe Spekulation auf die Dummheit der Leser steckt? Nach diesem Rezept lässt sich nämlich nicht nur der Tod Daladiers und Roosevelts, sondern der eines jeden Menschen für das Jahr 1939 prophezeien. Es ist dies ein ganz einfaches Rechenexempel:

Das Geburtsjahr eines Menschen und sein Alter ergeben doch 1939, greift man dann irgendein Jahr aus dem Leben des Betroffenen heraus, zählt dazu die seitdem vergangenen Jahre, so ergibt das wieder 1939. Die vier Zahlen zusammengezählt ergeben 3878, durch 2 geteilt erhält man 1939! Das ist die ganze Hexerei!

Wohl selten konnten an einem Beispiel die verwerflichen Methoden der jüdischen Propaganda besser entlarvt werden!

Erfahrene Berichterstatter schreiben:

Mein letzter Tag in England

Das Gespenst des Krieges / Frucht der Einkreisung

Was ich am letzten Tage in London sah? Mitten unter Besprechungen, Telefonaten, Arbeit und hastigen Abreisevorbereitungen nahmen Auge und Ohr mit dem geschärften, fast überwachen Gefühl für Spannung und Bedeutung dieser Tage, Bilder und Eindrücke nicht abreisend in bunter atem- und schlafloser Folge auf:

Morgens beim Öffnen der Tür sah ich die riesigen fetten Lettern der Krise-Ueberschriften auf dem Zeitungsbündel; und der graue Himmel und die gewitterhafte Stimmung, die sich dann während des Vorabends der Abreise in schweren Unwettern entlud, schien symbolhaft zu sein für den Bann, der über der englischen Hauptstadt lag.

Ich sah in dem sonst uniformarmen Bild des Londoner Alltags die Motorrad-Melde-reiter des Kriegsministeriums und der Truppe in Khaki mit dem schief sitzenden Stahlhelm, vorübergeduckt, als rasten sie schon mit einschlagenden Granaten um die Wette.

Ich sah die gleichmütigen Gesichter von Business-Männern, die verwitterten der alten Soldaten, die sorgenvollen der „shopping“ fahrenden Hausfrauen, die sportlich frischen der jungen Männer alle um einige Grade ernster, schweigsamer, gedrückter in den roten Stahltorpedos der Untergrundbahn. Wenn Nachbarn noch vor wenigen Tagen gegenseitig bei Lektüre des Sportteils kritische Bemerkungen über das letzte Fussball- oder Tips für das nächste Cricketspiel austauschten, so war, wenn überhaupt, jetzt das Wort „war“ (Krieg) im Mittelpunkt solcher knappen Gespräche zwischen Unbekannten.

Gräben, Schutzkuppeln und ähnliches

Ich sah Arbeiter auf vielen U-Bahnhöfen Filter und Gasschleusen einbauen, um dort Zufluchtsmöglichkeiten zu schaffen. Ich sah neben dem St. James' Palast Stahl-„shelters“, jene eigenartigen mausgrauen Luftangriff-Schutzkuppeln, aufstellen (die nach Ansicht der Sachverständigen nicht der mindeste Ersatz für einen soliden Keller sind). Ich sah Einwohner ärmerer Stadtteile gemeinsam an Zufluchtgräben schippen, die irgendwo auf einem Grünplatz in der Nähe ihrer Wohnungen angelegt werden; und man hatte dabei, durch die grossen Lehren der Einkreisungspolitik angeregt, die unheimliche Vorstellung von Menschen, die sich selber ihr Grab schaufeln.

Ich sah lange Ketten von requirierten Privatantos in einen Kasernenhof einbiegen. Ich sah, neben Stapeln von Glasflaschen, inmitten von schützenden Bäumen auflassbereit die Sperrballons, auf Feinde und schönes Wetter wartend. Ich sah Flakgeschütze und Lastautos mit Sandsäcken, die vor Museen oder Botschaften aufgestapelt werden sollten. Ich sah die traurigen Gesichter von Frauen, die allein am Fenster standen und einem Mann mit Koffer nachwinkten.

Ich sah Gruppen von Urlaubern oder Reservisten, die sich sammeln, viele ungenügend eingekleidet, andere mit Sporen oder der kleinen Reiterte recht unbehilflich in ihrer dicken Uniform. Und vollends wie unbehilflich die vielen weiblichen Soldaten, deren Uniformen schon gar nicht mehr auffallen und doch vor wenigen Jahren einem „fachschtischen“ Lande als schwärzeste Barbarei angekreidet worden wären. Ich sah Züge mit Matrosen, die irgendwo von der Westküste oder anderswoher zur Verstärkung von Küstenanlagen nahe der Hauptstadt herangeholt sein mochten.

Ich sah inmitten dieser vielen militärischen Bilder, die im Zeichen des „Nervenkrieges“ „äusserste Bereitschaft und Entschlossenheit“ markieren sollen, äusserst friedliche und beruhigende: Meine Nachbarn gegenüber, die — vielleicht um den drohenden Rundfunkmeldungen zu entweichen und für Stunden den Nervendruck zu vergessen — am letzten Abend bis tief in die Dunkelheit in ihrem Garten von Bombardierungsbefürchtungen und Evakuierungsvorschriften. Ich sah überhaupt die Highstreet oder die Geschäftsstrassen anderer Viertel genau so belegt wie immer, obwohl doch viele Familien schon mit Wagen und Pack aufs Land hinaus geflohen sind. Wobei die starke Kaufkraft sicher nicht zuletzt auf Kriegsangst und drohend anzuhobende neue Teuerung zurückgeht, mit Pfundsturz und Vorratssorgen und beginnenden An-transportschwierigkeiten als Hauptwurzeln.

Laufend Bittgottesdienst

Ich war in der Westminster-Abtei bei einem der fast laufend stattfindenden Bittgottesdienste, zu denen sich Hunderte von Menschen versammeln, um für den Frieden zu beten und ich betrachtete die Statuen Canings, Pitts oder so manches anderen mit der brennenden Frage, was sie wohl heute

für eine Stellung zur Polenfrage einnehmen und ob sie die kurzsichtige Taktik ihres Nachfolgers Chamberlain, die England ins Verhängnis führt und die Deutschen in Polen dem Terror ausliefert. Ich sah vor Downingstreet 10 mit seinen sprichwörtlichen angeschwärtzten Backsteinen und einer darin beherbergten Politik, die man nicht erst noch anzuschwärzen braucht, die Menge der Nichtstuer und Fremden, die in den Pressephotos die Rolle des souveränen Volkes zu spielen und Hochrufe auszubringen hat, wenn eine Autodroschke vorfährt und irgendein regenschirmbewehrter Politiker aussteigt. Ich sah die komfortablen Dauer-Schutzgräben im benachbarten St. James'-Park. Ich sah die Schilder „Dauernde Gräben“ oder „Air-warden“ (Luftwart) an manchem Anlagen- oder Hausgitter. Ich sah auch den absoluten Mangel ausreichender Vorkehrungen an zahllosen wichtigen Stellen, beispielsweise draussen am Flugplatz Croydon, von der Gefahr für all die zehn- und hunderttausende kleine kellerlose Reihenhäuser ganz abgesehen. Weh, wenn eines Tages einmal wirklich das Furchtbare hereinbrechen sollte, nach dem London nachts ängstlich aushorcht. ...

Schärfe der Gegensätze

Ich sah noch vieles mehr — und überall die seltsame Mischung der politisch diktieren „äussersten Vorbereitung“, mag die Ausführung oft noch lückenhaft sein, und andererseits der Haltung des Volkes, die man Gleichmut, Phlegma oder Ahnungslosigkeit nennen mag. Ich habe die Septemberkrise 1938 in Paris erlebt, genau wie so manche andere kritische Zeitspanne vorher und nachher, und ich kann nun sagen, dass, von der Hetze mancher Zeitungen abgesehen, die nahe an die der Pariser Presse heranreicht, die jetzige Krise in London im Vergleich mit damals drüben wie Bienengesumm neben dem gefährlichen Durcheinander eines aufgestörten Hornissschwarms wirkt. Dabei mag die Verschiedenheit der politischen Voraussetzungen und das Ruhebedürfnis der nun schon gegen Krise abgestumpften, krisenmüden Völker mitsprechen. Aber gerade im durchweg nach wie vor fairen und freundlichen Verhalten gegenüber der Pariser Atmosphäre spürbar. Natürlich, es gibt Ausnahmen, und es gibt Situationen, wo die ganze Schärfe der Gegensätze spürbar wird. Wo die Juden mitzureden haben — und das ist leider viel — da hört alles eben Geschilderte, Normale auf. Und auch sonst sind die Spannungen scharf eingefressen, die Geister verquer. Ausgerechnet am letzten Abend, während nach der Weisung zur Abreise überall neben der Arbeit hastig ein paar Sachen in

Koffer gestopft werden mussten, kam der Luftwart der Strasse und verlangte sofortige Verdunklung der Fenster „für den Fall, dass Ihre fellowboys (Landsleute) kommen!“ Und mitten in der schwierigen, aber beiderseits durch guten Willen geförderten Abschiedsunterhaltung mit dem Landlord (Hauswirt) offenbarte er plötzlich Ansichten von derart überheblicher Besserwisseri über unsere heimischen Angelegenheiten, dass man nur kurz aber bestimmt sagen konnte, das sei Unsinn, und eine Fortsetzung des Gesprächs würde nur bei ebenso freimütiger Kritik an seinen eigenen Regierungsverhältnissen möglich. Andererseits ist festzuhalten, dass sämtliche Beamten, mit denen ich zu tun hatte, von Anfang meines englischen Aufenthaltes bis zu dieser Abreise unter kritischen Aspekten, gleichmässig korrekt und höflich, fast freundlich waren.

Die letzte Nacht: Alle paar Stunden raselt das Telefon, das während des Abends tot lag und jetzt die zurückgehaltenen Gespräche aussprudelte. Abschiedsszene auf dem Bahnhof: Englische Freunde geleiten einen der unseren.

Gespräch mit Einsichtigen

Kleines bezeichnendes Erlebnis auf dem Kaudampfer: Engländer, die neben uns sitzen, knüpfen spontan ein Gespräch an mit soviel gutem Willen und soviel Zuversicht, dass man nur wünschen möchte, diese beiden Kaufleute aus Coventry könnten über einen Teil jenes Einflusses auf die englische Politik verfügen, den Juden aus Algier darauf ausüben. Tragischer Zufall, dass sie gerade aus Coventry stammten, wo sich am Vortag die schwere Terror-Bombenexplosion mit fünf Todesopfern ereignet hat, — Teil eines Bürgerkrieges, der nach ihrer festen Ansicht aus Amerika genährt wird, als Antwort auf Londoner Methoden gegenüber Irland, die Hass säten und nun spät und scheinbar ohne Zusammenhang sehr viel Blut ernten.

Was ich sonst noch sah bei dieser Abreise aus England nach Haus? Schlangen von Militärversorgungswagen, die die Strasse verstopfen. Auf dem Victoriabahnhof eine förmliche Versammlung der deutschen Kolonie, die, in Ermangelung einer anderen Halle, nun diese Bahnhofshalle benutzte, um... in Scharen in die Heimat zu eilen. Unterwegs kriegsmässig bemalte Gasometer nahe der Bahn. Truppenlager. Auf der Mole von Dover bemalte Geschütze mit winkenden Tommies im Stahlhelm. Die Schar der Deutschen in fester zuversichtlicher Stimmung, trotz der schwierigen Ausreise, — fast als wäre man auf einem Schulausflug oder einem Weih-nachtsbesuch daheim. Die hellen ganz friedensmässigen Lichter von Ostende. Aber auch die Gänge des Zuges vollgestopft mit Gepäck und Reservisten. In einem belgischen Tunnel eine Gruppe von Soldaten bei der Anlegung von Sprengleitungen... Und schliesslich, unsichtbar in der Nacht, aber uns allen ein Hort sicheren Schutzes, als Willkommensbastion der Heimat, der Westwall als Trutzwehr des Reiches gegen alle Einkreisung oder Einnischungsgelüste.

Abschied von Paris

Nachts um 11 Uhr verliess ich Paris. Auf dem Ostbahnhof drängte sich eine wildbewegte Menschenmenge. Die breiten Zugänge des erst vor Jahresfrist vollendeten neuen Bahnhofgebäudes vermochten den Strom bei weitem nicht zu bewältigen. Ein dummer Lärm zog sich unheimlich grollend durch die kompakten Massen hin. Frisch eingekleidete

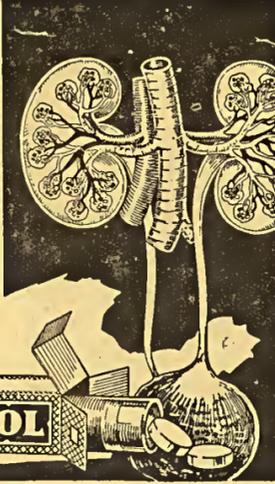
Reservisten schleppten fluchend ihr schweres Gepäck. Kinder heulten und Frauen bekamen Schreikämpfe. Dazwischen demonstrierten abgezehrt Gestalten mit wildentschlossenen Gesichtszügen gegen die Einberufung und gegen den Krieg für Polen. Mobilgardisten mit ihren schwarzen Stahlhelmen, die in Mengen aufgeboden waren, eilten hierhin und dorthin,



Das Sieb ist unbrauchbar geworden!

Es ist nicht mehr imstande die überflüssigen Bestandteile zurückzuhalten.

Auch Ihre Harnwege könnten nicht mehr richtig arbeiten und das Blut muß dann die Nierenfilter passieren, ohne genügend gereinigt zu sein. Machen Sie deshalb von Zeit zu Zeit eine innere Desinfektion mit HELMITOL-Tabletten. Ihr Arzt wird Ihnen die Richtigkeit dieses Rates bestätigen. Denken Sie daran, daß man Gesundheit und Kraft durch eine Desinfektion der Harnwege mit HELMITOL-Tabletten leicht wiedergewinnen kann.



um die gefährlichen Schreier zur Ruhe zu bringen und Widerspenstige unter rauhem Zupacken abzuführen. Die Umstehenden warfen dann böse Blicke, und von aufgebrachten Weibern wurde manch schlimmes Wort hinterhergeschrien.

Es war das Bild einer rechten Kriegspsychose, das der Pariser Ostbahnhof in dieser Nacht bot. Aber war das ein Wunder, nachdem wochenlang in so gewissenloser Weise von der jüdischen Presse und vom Rundfunk zum Kriege gehetzt worden war? In ihrer nervösen Hast hatten die Menschen auch nicht einen Blick für das stolze Riesengemälde, das in der grossen Halle des Bahnhofs vor den Zugängen zu den Bahnsteigen hängt. Es zeigt das Ausrücken der französischen Reservisten in den Weltkrieg, in den Augusttagen von 1914. Die Soldaten, zumeist noch in roten Hosen und mit dem vorn eingedrückten, roten Käppi, stehen auf den Trittbrettern und lehnen aus den Fensterahmen eines ausfahrenden Zuges. Alle sind voller Zuversicht und frohen Mutes. Viele stossen begeisterte Rufe aus, vielleicht, dass sie nach Berlin marschieren oder Elsass-Lothringen zurückholen wollen. Nur hier und dort trockenet eine zurückbleibende Frau in der allgemeinen Begeisterung verstoßen eine Träne.

Wir wissen nicht, wie es in jenen Tagen auf den Pariser Bahnhöfen ausgesehen hat. Es mag sein, dass die Franzosen damals, als Deutschland von allen Seiten überfallen wurde, freudig in den Krieg gezogen sind. Galt es doch, die Schmach von Sedan auszulöschen. Hatte man doch fast 50 Jahre nach der Parole Gambettas gelebt: „Immer daran denken, nie davon reden!“ Und war die Wiedergewinnung Elsass-Lothringens zweifellos ein begeisterndes Ziel, das den Einsatz des Lebens lohnte, auch wenn diese uralten deutschen Reichsländer erst vor drei Jahrhunderten gegraubt waren.

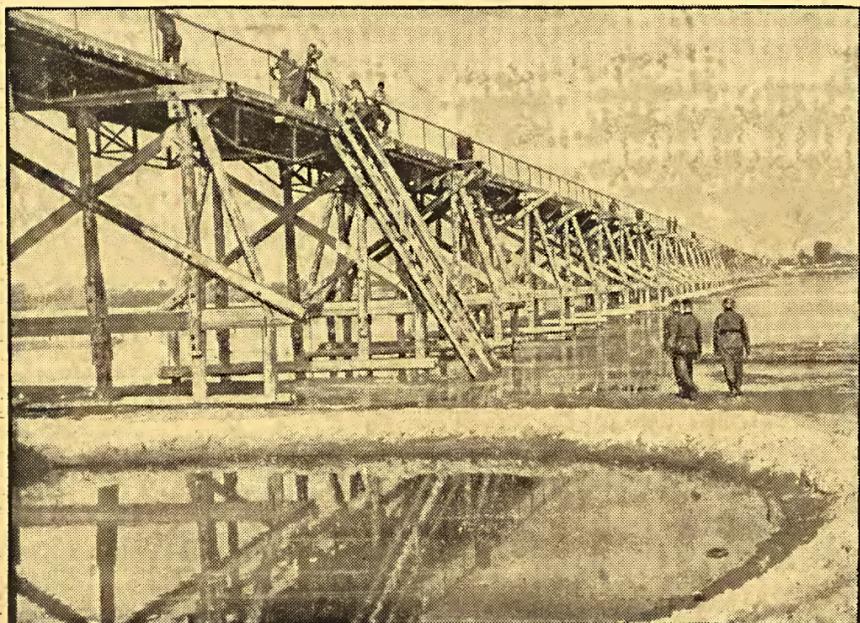
Ja, damals mag den ausrückenden französischen Soldaten ein hohes Ziel vor Augen geschwebt haben. Aber heute? Keiner will für Danzig sterben, und auch für den Korridor wollen sie nicht kämpfen. Das steht auf den Gesichtern aller geschrieben, welche in dieser Nacht meiner Abreise vom Ostbahnhof sich mit mir in denselben Zug drängten, um zu ihren Truppenteilen an der französischen Ostgrenze zu stossen, die, wie jeder weiss — der Bau des deutschen Westwalls hat es ihnen bestätigt — von den Nachbarn in keiner Weise bedroht wird. So ruft auch niemand, wie 1914: „A Berlin!“ Ja, kein böses Wort auf Deutschland ist zu vernennen. Nur auf die eigene Regierung schimpfen sie, welche den Polen und den verhassten Briten zuliebe diesen unsinnigen Mobilisierungsbefehl erlassen hat. Und die Hunderte von Reserveoffizieren, die wie Sardinen verpackt in einem deutschen D-Zug-Wagen 2. Klasse, auf dem in strahlenden Lettern „Deutsche Reichsbahn“ zu lesen ist, schwitzend stehen und in drangvoller Enge auf den arg verspäteten Abgang des Zuges warten, schimpfen obendrein auf die Schlamperie und bedenkliche Kriegsuntauglichkeit der französischen Staatsbahnen.

Im Morgendämmern reisst mich lärmendes Rufen von unzähligen Stimmen aus dem Schlaf. Wir halten in Nancy, und die Bahnsteige sind vollgestopft von einberufenen Reservisten, teils mit teils ohne Uniform. Sie haben die deutschen Inschriften an den Wagen entdeckt, auch das Schild „Paris—Stuttgart“, und machen nun, des eintönigen Wartens müde, dazu breit und kräftig ihre Bemerkungen. Aber durchaus nicht böseartig. So ruft der eine: „Wir wollen mal nach Stuttgart fahren und dort feststellen, ob die uns wirklich was wollen!“, dem die anderen lachend und lärmend zustimmen. Glaubt die französische Regierung, mit diesen Soldaten gegen den deutschen Westwall anrennen zu können?

Bald fahren wir durch elsass-lothringisches Land. Stationen mit deutschen Namen, wie Monnheim, Stephansfeld, Hausbergen, fliegen vorüber, auf denen nur das völlig deplacierte Schild „Sortie“ (Ausgang) daran erinnert, dass wir noch nicht in Baden sind. Neugierig blicken wir hinaus, um die in Paris mit so grossem Geschrei herausposaunten militärischen Sicherheitsmassnahmen gegen den deutschen Ueberfall zu sehen. Doch nichts ist zu entdecken, kein einziger Soldat, keine Transporte. Sogar die wichtigsten Brücken, etwa am französischen Rheinhafen von Strassburg, sind überhaupt nicht militärisch bewacht. So ist es also mit dem drohenden deutschen Ueberfall ein Märchen, und das Armeekommando in Strassburg weiss das so sicher, dass es nicht einmal anstandshalber ein paar Posten herausgestellt hat.

Als wir Strassburg verliessen, winkten uns zwei blondköpfige Mädels lange zu, die bemerkt hatten, dass unser Zug nach Deutschland hinüberfuhr. Von ferne grüsste das Münster, als ewiges Wahrzeichen, dass diese Stadt einst von Deutschen erbaut ist. Bei der Fünfhundertjahrfeier der Fertigstellung des herrlichen Turmes, die jüngst von den französischen Behörden begangen wurde, liess es sich nicht verheimlichen, dass es deutsche Baumeister waren, die dieses Wunderwerk schufen. Aber man vermochte sich nicht dazu zu überwinden, auch nur eine deutsche Abordnung einzuladen. Als wir später in Ulm an dem dortigen Münster vorbeifuhren, wurde es so recht augenfällig, wie sehr doch beide Dome derselben Kultur entsprossen sind. Und nach den aufgeregten letzten Tagen in Paris umging uns die herrliche deutsche Landschaft mit ihrem Frieden und ihren blitzsauberen Häusern. Still gehen die Schnitter auf dem Felde ihrer Arbeit nach. Es ist die Zeit des Heuens, aber auch des herrlichen Wanderns. Ein altes Lied will mir nicht aus dem Sinn: „Grüss dich Deutschland aus Herzensgrund!“ Dr. K. J.

Obra prima dos pioneiros alemães — Uma nova ponte lançada sobre o Vistula.



Ein Meisterwerk der deutschen Pioniere — Eine neu erbaute Brücke über die Weichsel.

Hitler proferindo seu memoravel discurso no Artushof, em Dantzig.



Der Führer bei seiner grossen Rede im Artushof in Danzig.

Avião inglês abatido em Wilhelmshafen, no dia 4 de setembro.



Ein bei Wilhelmshafen am 4. September abgeschossenes englisches Flugzeug.

O ex-presidente da Polonia, Moscicki, encontra-se agora numa estância balnearia, na Rumania, gozando perfeita saude.



Der einstige polnische Staatspräsident Moscicki befindet sich jetzt bei bester Gesundheit in einer rumänischen Sommerfrische.

Espalhando flores sobre o caminho que Hitler percorreu, logo depois, quando de sua visita á cidade de Dantzig.



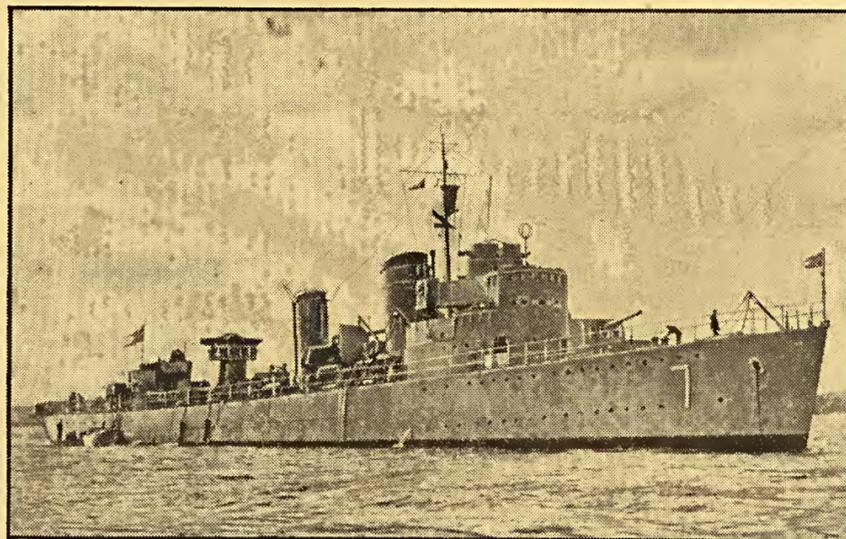
Blumen wurden auf den Weg gestreut, den der Führer bei seinem Besuch in Danzig nahm.

Atiradores de emboscada polonezes no momento de serem aprisionados.



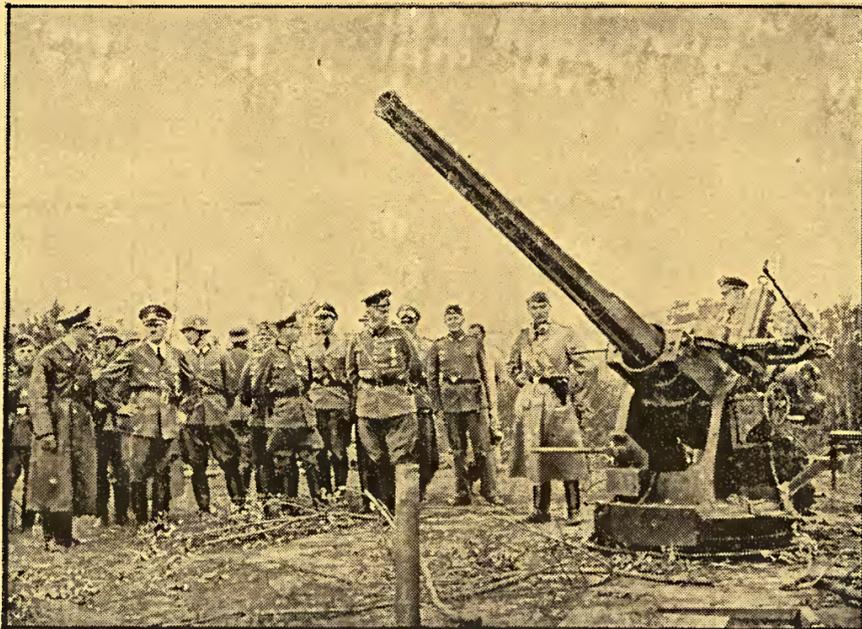
Verhaftete polnische Heckenschützen — Immer wieder schossen aus dem Hinterhalt bewaffnete polnische Banden auf die deutschen Soldaten.

Os Estados Nordicos defendem sua neutralidade — Nos repetidos entendimentos que têm havido entre os Estados nordicos, foi manifestado o desejo dos governos e dos povos do Septentrião europeu de salvaguardarem, absolutamente, a neutralidade em relação aos países belligerantes, e de se assistirem mutuamente. Todos os Estados nordicos tomaram as mais rigorosas medidas militares, para garantia dessa sua resolução. Vemos aqui uma unidade da frota sueca, o „Malmö“, guardando as costas.



Die Nordstaaten sichern ihre Neutralität — Die mehrfachen Beratungen der nordischen Länder brachten den Willen der Regierungen und Völker des Nordens zur unbedingten Wahrung der Neutralität nach aussen und zur gegenseitigen Hilfe untereinander zum Ausdruck. Alle Staaten haben zur Sicherung dieses Entschlusses die äussersten militärischen Massnahmen getroffen. — Hier sieht man den Jäger „Malmö“ der schwedischen Flotte auf Küstenwache.

Hitler na Westerplatte, em Dantzig — O Führer inspeciona a Westerplatte poderosamente fortificada, contra todas as convenções, pelos polonezes, e tomada pelas tropas alemãs, depois de uma violenta luta. A' esquerda de Hitler vê-se o chefe regional Forster; á direita, o coronel-general Keitel.



Der Führer auf der Westerplatte bei Danzig — Der Führer besichtigte die von den Polen vertragswidrig schwer befestigte und von unseren Truppen nach heftigem Kampf genommene Westerplatte. Links neben dem Führer Gauleiter Forster, rechts erkennt man Generaloberst Keitel.

Eis como a Alemanha aloja os prisioneiros polonezes — Os prisioneiros alemães, na grande guerra, eram installados, no paiz inimigo, em tendas sem o minimo conforto, pelas quaes penetravam, livremente, o verço e o frio. Nossa illustração mostra, como a Alemanha cuida dos seus adversarios polonezes subjugados.



So bringt Deutschland seine polnischen Gefangenen unter — Die deutschen Kriegsgefangenen in Feindesland waren einst in primitiven Zeltlagern untergebracht, zu denen Wind, Frost und Kälte ungehinderten Zutritt hatten. Aus unserem Bild sehen wir, wie Deutschland für seinen unterlegenen polnischen Gegner sorgt.

A rendição de Gdynia (hoje Gotenhafen) — O presidente de Gdynia entrega a cidade ao general alemão.



Die Uebergabe von Gdingen (heute Gotenhafen) — Der Stadtpräsident von Gdingen übergibt die Stadt dem deutschen General.

O Führer, na grande batalha da curva do Vistula, entre Lodz e Varsovia — Adolf Hitler ao deixar o avião, na frente de combate.



Der Führer bei der grossen Schlacht im Weichselbogen zwischen Lodz und Warschau — Adolf Hitler verlässt das Flugzeug an der Front.

Espingardeira judaica, chefe de bandidos assassinos — Perto de Brest-Litowsk, as tropas alemãs detiveram esta judia do ghetto de Varsovia, Baila Gelblung. Tentára fugir, disfarçada no uniforme de um soldado polonez, sendo reconhecida como cabeça de um dos mais cruéis bandos de assassinos.



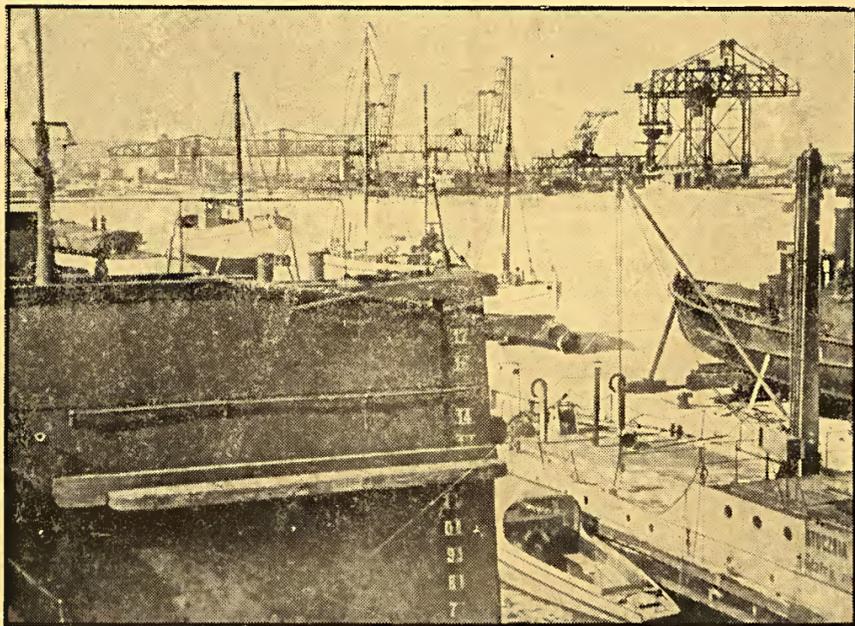
Jüdisches Flintenweib als Anführerin von Mordbanditen — Von den deutschen Truppen wurde in der Nähe von Brest-Litowsk diese Warschauer Ghetto-Jüdin Baila Gelblung aufgegriffen. Sie versuchte, in der Uniform eines polnischen Soldaten zu flüchten und wurde als Anführerin einer der grausamsten Mordbanden wiedererkannt.

Polonezes no posto sanitario — Os soldados polonezes aprisionados pelos alemães tiveram bom alojamento e copiosa alimentação. Cuidou-se, tambem, em todo sentido, de sua hygiene. Todos os presos tiveram de passar, logo após sua chegada ao acampamento alemão, por camaras de expurgo. A photographia apresenta depois de se terem submettido ao processo prisioneiros polonezes tornando a vestir-se, de expurgo.



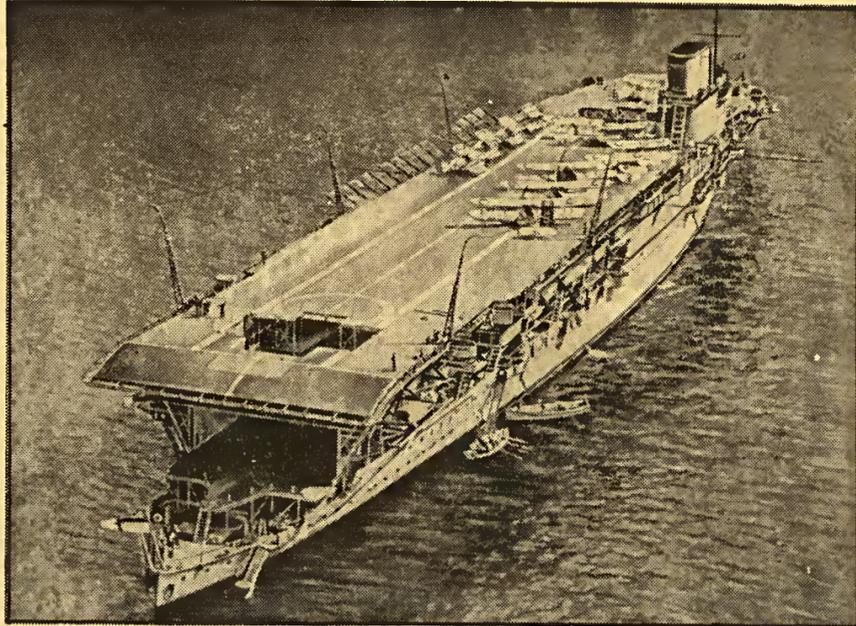
Polen in der Reinigungsanstalt — Die in deutsche Gefangenschaft geratenen polnischen Soldaten fanden gutes Unterkommen und reichliche Verpflegung. Auch für die Hygiene wurde in jeder Hinsicht gesorgt. Sämtliche Gefangenen mussten unmittelbar nach ihrer Einlieferung in die Durchgangslager in die Entlausungsanstalt. Unser Bild zeigt polnische Gefangene, die sich nach erfolgter Entlausung wieder anziehen.

O porto de mar militar polonez Gdynia, que hoje se chama Gotenhafen, foi entregue ás tropas alemãs, em 14 de outubro, pelo presidente da cidade.



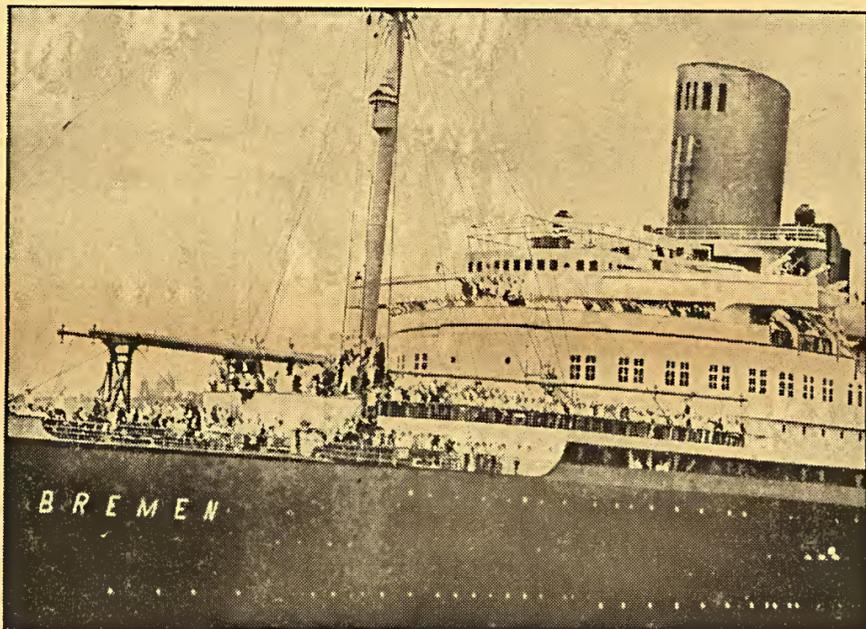
Der polnische Kriegshafen Gdingen ist am 14. Oktober von dem Stadtpräsidenten den deutschen Truppen übergeben worden und heisst nunmehr Gotenhafen.

O porta-aviões inglês „Courageous”, de 23.000 toneladas, posto a pique por um submarino alemão.



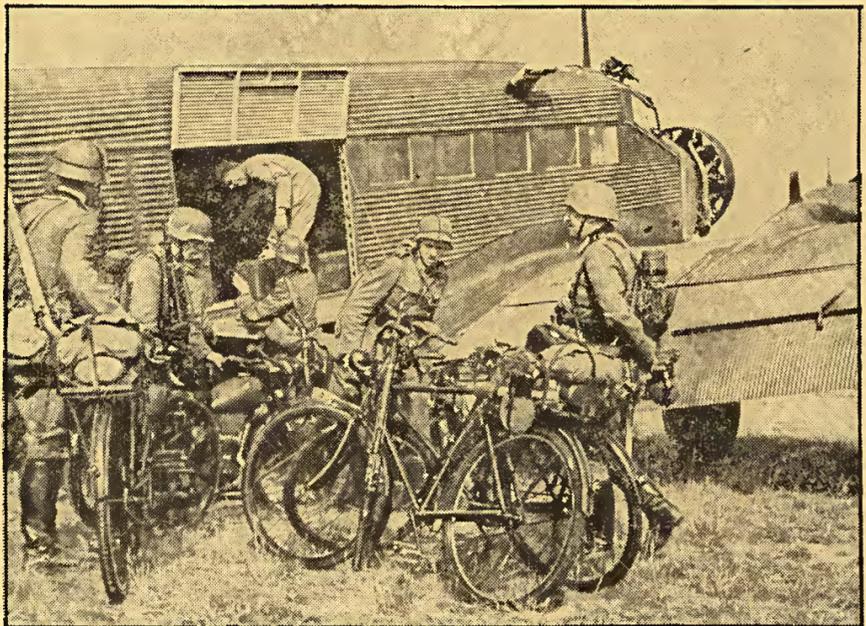
Der englische Flugzeugträger „Courageous” (23.000 Tonnen) wurde von einem deutschen U-Boot versenkt.

Sob os accordes do hymno nacional alemão, o „Bremen” deixou o porto de Nova York — O gigante alemão dos mares, o „Bremen”, partiu, poucos dias antes da declaração de guerra da Inglaterra à Alemanha, do porto de Nova York. O cliché mostra a equipagem do „Bremen”, no momento deste zarpar, tocando e cantando-se então os hymnos da nação teuta. Conforme o general e marechal de campo Göring communicou, em discurso, ao povo alemão, o „Bremen” escapou de ser sequestrado pela frota inglesa. O bello navio alemão encontra-se actualmente no porto de Murmansk, ao norte da Russia.



Unter den Klängen des Deutschlandliedes verliess die „Bremen” den Newyorker Hafen — Der deutsche Ozeanriese „Bremen” lief wenige Tage vor der Kriegserklärung Englands an Deutschland aus dem Newyorker Hafen aus. Unser Bild zeigt die Besatzung der „Bremen” bei der Ausfahrt, bei der die Lieder der Nation gespielt und von der Besatzung mitgesungen wurden. Wie Generalfeldmarschall Göring in seiner Rede dem deutschen Volk mitteilen konnte, hat sich die „Bremen” den Aufbringungsversuchen der englischen Flotte entziehen können. Das stolze deutsche Schiff liegt zurzeit im nordrussischen Hafen Murmansk.

Transporte de tropas mediante aeroplano — Soldados de infantaria alemães retiram suas bicicletas e motocicletas do avião, com que acabam de ser transportados para a linha mais avançada.



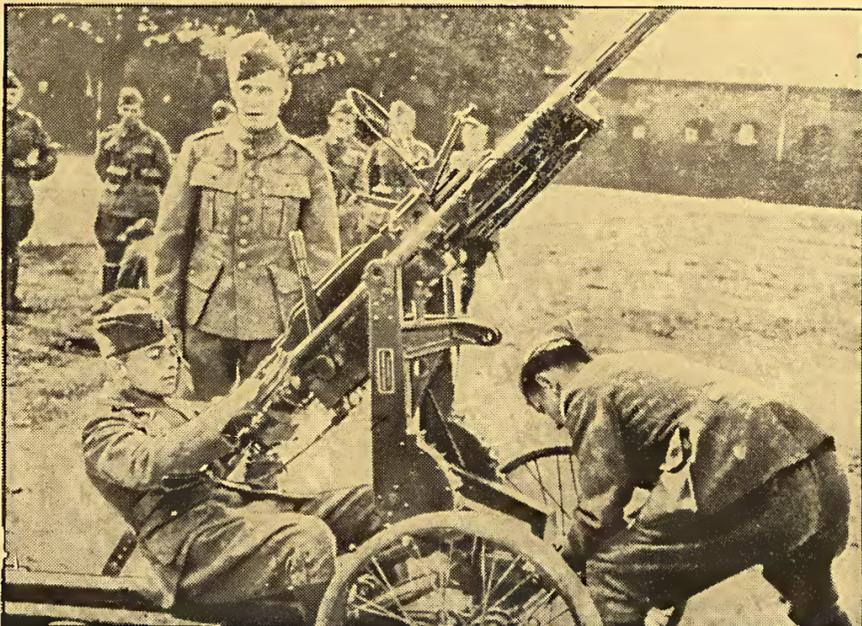
Truppentransport mit Flugzeug — Deutsche Infanteristen laden ihre Fahrräder auf einem Frontflugplatz aus der Transportmaschine aus, mit der sie soeben in die vordere Linie transportiert wurden.

Em Brest-Litowsk, as tropas alemãs libertaram, além de numerosos fugitivos teutos, também cinco cidadãos norte-americanos. Eram elles a danarina D. Laurel Hutcheson, que também se exhibiu na Alemanha, sob o nome de artista Dolores Laurel, natural de Nova York; Josef Panck, decorador, sua mulher Sofia, ambos de Santa Barbara, California; o machinista Waclaw Francuk, de Lynn, e o operario Peter Lodzinski, de Jamaica, Estado de Nova York. Haviam vagado, durante dias e noites, pelos mattos, fugindo aos polonezes. Vemol-os aqui no novo lazareto de Brest-Litowsk, ao cuidado das tropas alemãs.



In Brest-Litowsk befreiten die deutschen Truppen neben zähllosen deutschen Flüchtlingen auch fünf Staatsbürger der Vereinigten Staaten von Nordamerika. Die Amerikaner, die Tänzerin D. Laurel Hutcheson, die unter dem Künstlernamen Dolores Laurel auch in Deutschland auftrat, aus Newyork — der Innendekorateur Joseph Panck, seine Ehefrau Sofia, beide aus Santa Barbara in Kalifornien — der Maschinist Waclaw Francuk aus Lynn und der Arbeiter Peter Lodzinski aus Jamaika im Staate Newyork, waren auf der Flucht vor den Polen tage- und nächtelang zu Fuss durch die Wälder gestreift. — Im Neuen Lazarett zu Brest-Litowsk befanden sie sich erst im sicheren Schutz der deutschen Truppen.

A Dinamarca defende-se de um segundo caso „Esbjerg” — Reservistas dinamarquezes, chamados pelo governo para as fileiras, afim de defenderem, por todos os meios, a neutralidade dinamarqueza, exercitam-se aqui no manejo de um canhão anti-aéreo.



Dänemark schützt sich vor einem zweiten „Esbjerg” — Dänische Reservisten, die von der Regierung zu den Waffen gerufen wurden, um die dänische Neutralität mit allen Mitteln zu schützen, beim Ueben an einem Flugabwehrgeschütz.

Vor Annahme falschen Geldes

schützt der bargeldlose Zahlungsverkehr
Eröffnen Sie ein Konto beim
Banco Allemão Transatlântico
RUA 15 NOVEMBRO 268
und zahlen Sie Ihre Rechnungen
per Scheck!

Zu jeder gewünschten Zeit erhalten Sie von uns einen Auszug ihrer Rechnung, um Ihnen die Kontrolle über Ihre Zahlungen zu erleichtern.

SOCIEDADE TECHNICA BREMENSIS

LTDA.
STAMMHAUS:
São Paulo - Rua Florencio de Abreu N° 139

Maschinen u. Werkzeuge

fuer Metall-, Blech- und Holzverarbeitung, Elektr. Schweißmaschinen, Pumpen "Weiss" Feuerlöcher "Minimax", Schleifscheiben "MSO", "Alpine" Stühle, Elektrowerkzeuge "Feln", Landwirtschaftliche Maschinen.

Graphische Maschinen u. Materialien

Jeder Art. Maschinen fuer Papierverarbeitung und Kartonagenindustrie, Druckerei-Materialien, "Intertyp" Seilmaschinen, Vertrieb der Erzeugnisse der Schriftgießerei "Funiyod", Moderne Reparaturwerkstätten, Messerschleifer, Walzengießerei.

Elektro Materialien

Großstes Lager aller Installationsartikel, Drahte, Kabel, Motoren, Dynamos, Schaltapparate, Elektrische Haushaltsartikel, Beleuchtungsleuchten, Lampen, Staubsauger und Bohrmaschinen "Progress".

Feld- u. Eisenbahnmateriel

Alleinverkauf der Erzeugnisse der Orenstein & Koppel A. G. Dieselmotorkomoliven, Strassenwalzen, Bagger, Grosser Stock von Feldbahnmateriel und Schienen, Diesel-Fahrgestelle fuer Lastwagen und Omnibusse "Bussing-NAG".

Cliché Fabrik

Autotypen, Strichzeichnungen, Mehrfarbenclichés in hoehster Vollendung, Entwürfe, Zeichnungen, Retuschen, Photolithos, Grossste Anstalt Südamerikas.

Abteilung Auto-Union

DKW - WANDERER - HORCH

Automobile

DKW Motorraeder

Ausstellungsraeume und Reparaturwerkstaette
São Paulo - rua Ypiranga, 114-118

Filialhaeuser:

RIO DE JANEIRO - CURITYBA - RECIFE

SCHON WIEDER
PLAGT MICH
NEURALGIE

ABER NEHMEN
SIE DENN
CAFIASPIRINA NIE?



Bestehen Sie auf Cafiaspirina Tabletten in der schuetzenden Cellophan Packung.

• So haeufig, wenn wir uns des Lebens erfreuen wollen, sei es auf einem Tanzfest, im Theater, auf einem Festessen oder bei einer anderen Feier, dann ueberkommen uns Migräne, Neuralgie oder Kopfschmerzen . . . und Alles ist verdorben. Deshalb ist es ratsam, staendig Cafiaspirina zur Hand zu haben. Es bringt Ihnen nicht nur rasch Erleichterung, sondern es stellt Ihr Wohlbefinden wieder her.

• Beugen Sie vor: Haben Sie stets Cafiaspirina zur Hand!

CAFIASPIRINA
gegen Schmerzen

Jorge Danmann

Deutsche Damen- u. Herrenschneiderei. Große Auswahl in nat. u. ausländ. Stoffen.
R. Ypiranga 193, Tel. 4-2320

Josef Hüls

Erfkassige Schneiderei. — Mäßige Preise. — Rua Dom Joze de Barros 266, jobr., São Paulo, Telefon 4-4725

João Knapp

Klempnerei, Installation. Regijtr. Rep. de Aguas und Gsg. — Rua Monf. Passalacqua 6. Telefon 7-2211.

Hugo Lichtenthaler

Rua Aurora Nr. 135

Altistes deutsches Möbelhaus

Grosse Auswahl in kompl. Zimmern u. Einzelmöbeln. Auch TAUSCH und KAUF von gebrauchten Möbelstücken

Deutsche Schuhmacherei

Rua Sta. Ephigenie 225

Ausführung aller ins Fach schlagenden Arbeiten

Hermann Radelsberger
(frueher Heinrich Lutz)

Bevorzugen Sie bei
Ihren Einkäufen
die im
Deutschen Morgen
anzeigenden Firmen!

Wer sein Geld stets in der Tasche trägt, gibt es aus.

Legen Sie jeden Monat nur einen kleinen Betrag auf

Sparkonto

an, so erleichtern Sie sich das Sparen, und das zurückgelegte erhöht sich um Zins- und Zinseszinsgewinn.

Banco Germanico

da America do Sul
São Paulo

R. Alvares Penteado 121 (Ecke Rua Quitanda)
Rio de Janeiro, Rua da Alfandega 5
Santos, Rua 15 de Novembro 114

Zum Hirschen Hotel und Restaurant

Rua Victoria 186 — Tel. 4-4561
São Paulo Inh.: Emil Russig

Alfaiataria Henrique

Av. C. João 345 - Tel. 4-3196 - App. 2
Deutsche Schneiderei

Für sachmännische Ia. Ausführung garantiert der technische Leiter Henrique Dietrich.

VIGOR-MILCH

Die beste Milch in São Paulo

S. A.

Fabrica de Productos Alimenticios "VIGOR"

Rua Joaquim Carlos 178
Tel.: 9-2161, 9-2162, 9-2163

Die Feuerprobe

Novelle von Werner Bergengruen / Verlag Philipp Reclam jun. Leipzig

(Schluss)

Schwenkhusen fühlte, wie er vom schneller und leidenschaftlicher werdenden Atem der eigenen Worte immer tiefer in eine verzauberte Welt hineingetragen wurde. Vor sich sah er den unbewegten Halbunriss der schwarzen Gestalt, deren rechte Hälfte nur seitlich über den Pfeiler vorragte. Um ihn war die morgenkalt, dunkle, nie zuvor betretene Kirche, weit vorne im Kerzenschein des Altars drängten sich Menschen gleich kahlen Weidenstümpfen, von dort kam wie entferntes Rauschen ihr eintönig klagendes Gemurmel. Unablässig, um ein Vielfaches häufiger, als die kirchliche Sitte es forderte, ja zuließ, bekreuzten sie sich mit groben, holzhauerischen Bewegungen, als vermöchten ihre Arbeitshände die Rast des Gefaltetseins nicht länger als für Augenblicke zu ertragen.

Fast ohne Unterbrechung drang das heisse, schreiende Geflüster auf Barbara ein. Sie wollte ihm entgehen, indem sie die Messgebete mitsprach, aber Schwenkhusens Stimme war stärker. Die Frau war gefesselt an ihren Platz, verurteilt, ohne Widerrede zuzuhören.

Sie, sie wollte sich von ihm lösen? Im Glühen des Eisens waren sie aneinander geschmiedet worden. Hatte denn das geschehene Wunder nicht auch ihm gegolten?

Seine Stimme zischte, wie es geizt hatte, als das besprengte Eisen in der Sakristei die Glut berührte.

„Ihr habt gemeint, ich sei tot. Gut. Du hast es als ein Zeichen genommen. Gut. Aber ist das kein Zeichen, dass ich mein Leben heil zurückgebracht habe? Ich habe es behalten können trotz allem, das mir geschehen ist. Das ist ein Wunder, Barbara, nicht geringer als die Probe!“

An jenem Abend im Gripenschen Hause hatte Barbara gesprochen, Schwenkhusen hatte hören und hinnehmen müssen. Jetzt sprach er. Er sprach im Knien, er sprach im Stehen,

fast ohne Pausen, nur für die Augenblicke der Wandlung hielt er inne. Da aber meinte Barbara durch ihren Pelzkragen hindurch seinen brennenden Atem zu fühlen.

Als der Priester sich mit dem Kelch segnete, hörte Barbara Schwenkhusens leise sich entfernenden Schritte. Er hatte die Kirche verlassen, ohne das Ende der Messe abzuwarten.

VI.

In der Stadt war es bemerkt und beredet worden, dass die Schwenkhusens im Gripen-

mit ihr tanzen!“ war in vielen Hirnen zu Hause.

Dies alles bewirkte eine Aenderung im Verhalten der Männer gegenüber dem Ratsmann Gripen. Hier und da hörte man sagen, er habe genug gebüßt. Sei seine Schuld von Barbara und von Schwenkhusen gelöscht worden, so stehe niemandem ein Recht grösserer Strenge zu.

Henning Warendorp gab den Ausschlag. Er sprach Gripen auf der Strasse an, als sei nichts gewesen, und fragte ihn, was wohl von der Pferdezuucht eines seiner Vettern zu halten sei; er, Warendorp, denke daran, seiner Schwiegertochter ein Jagdpferd zum Namens-tag zu kaufen.

Gripen gab Auskunft mit einer zurückhaltenden Miene, welcher dennoch eine Verwunderung anzumerken war.

Confeitaria

Aeltestes und vornehmstes Haus

Tel. 4-9230 - RUA BARÃO DE ITAPETINGA 239 - S. Paulo



Viennense

Nachm. und abends gutes Konzert

schon Hause zu Gäste gewesen waren. Hierin erblickte man den Abschluss jener Vorgangsreihe, welche mit den ersten Gerüchten ihren Anfang genommen hatte. Nun plötzlich fand man sich geneigt, in Barbaras Weltabgewandtheit nachträglich etwas wie eine befristete, jetzt aber abgelaufene Trauerzeit zu sehen. Es war die Meinung der Gesellschaft, die Gripes würden demnächst wohl eine Wider-einladung der Schwenkhusens annehmen und danach allmählich zu ihren früheren Umgangsgewohnheiten zurückkehren. Männer und Frauen erregte gleichermassen die Aussicht, Barbara Gripen wieder bei Gastmählern, Hochzeiten, Kindtaufen und anderen Veranstaltungen zu begegnen. Der Gedanke: „Ich werde mit ihr sprechen, ihre Hand berühren, werde

Warendorp aber sah ihn mit seinen hellen, von winzigen Hautfalten umrandeten Augen an, redete von diesem und jenem, wobei er im Eifer Gripens Gürtelschliesse anfasste, und setzte das Gespräch so lange fort, bis er meinte, der Vorgang sei von einer hinreichenden Menschenzahl beobachtet worden. Dann verabschiedete er sich mit einem Handschlag.

Das Weitere geschah nach der Erwartung der Gesellschaft. Tidemann und Barbara kamen zu Schwenkhusens und fanden eine grössere Anzahl von Gästen vor; denn Schwenkhusen hatte sich gesagt, seine Aussicht, mit Barbara zu sprechen, sei am geringsten, wenn sie zu viert am Tisch sässen.

Schwenkhusen fand Gelegenheit zu einigen Worten, als sie nach dem Essen in der

Halle standen, in einem schweren Dunst von Wein, Speisen, Gerüchen und Gesprächen.

„Wie kann das eine Schuld gewesen sein, was Gott selber gedeckt hat?“ fragte er plötzlich, und da er um der Leute willen nicht laut reden konnte, so waren sie beide augenblicks wieder im Zauberkreis jenes eindringlichen und gefährlichen Geflüsters.

„Gott hat es nicht gedeckt“, erwiderte Barbara, ohne ihn anzusehen. „Er hat es hinweggenommen, weil ich selber es als Schuld erkannt, bereut und gebeichtet hatte.“

„So ist eure Rechnung beglichen“, sagte Schwenkhusen zornig. „Du bist frei, eine neue zu beginnen.“

Es war Gebrauch, wenn sich die grossen grauweissen Eisschollen des Stromes in Bewegung setzten, dass sich die Leute aller Stände aus Düna-Ufer begaben, um dem Eisgang zuzusehen. Auch die Gripens fanden sich ein, auf dem Bollwerk, das Ufer und Stadtbefestigung vor der Wucht des andrängenden Eises zu schützen hatte. Es war das erstmal, dass sie sich miteinander einer unbeschränkten Oeffentlichkeit zeigten.

Der Tag war windig und hell. Vom Strom her kam ein dumpfes Gepolter. Ein paar Kinder jauchzten. Ein Höker rief Warmbier und heissen Wein aus. Die Menge stieß und schob sich bis in die Gegend der Kalköfen. Dazwischen kam die Sonne für eine kleine Weile hervor, matt zwischen perlmutterfarbigen Wolken. Das alles nahm Barbara wahr; darüber konnte sie für Augenblicke sich wundern.

Und Tidemann und Barbara war ein Gedränge. Manche erwiesen sich zudringlich, manche verlegen; allein jeder wollte die Gripens begrüßen, jeder mit ihnen zu schaffen haben, jeder Barbara aus der Nähe sehen.

Wir wissen ja, dass es eine Notwendigkeit der Dinge gibt und dass auch die Handlungen der Menschen sich kraft dieser Notwendigkeit ereignen. Für Barbara hatte eine neue Kette von Notwendigkeiten begonnen mit dem Augenblick, da sie begriff, dass Schwenkhusen lebte und in dieser Stadt gegenwärtig war. Und nun also stand sie, die doch ein glühendes Eisen in der Hand gehalten hatte, unter lauter höflichen und

KRANK?

Dann lassen Sie sich

homöopathisch

behandelt. — In dem

Dispensario Homóopático São Paulo
Praça João Mendes 8, sobr.

stehen Ihnen von 9—18,30 Uhr die besten homöopathischen Aerzte São Paulos

unentgeltlichzur Verfügung. Denken Sie daran, dass jede leichte Erkrankung in eine schwere Krankheit ausarten kann. Die Homöopathie heilt auch in schwersten Fällen auf eine milde Weise und mit recht geringen Spesen.
(Neben der homöopathischen Apotheke Dr. Willmar Schwabe Ltda.)**Deutsche Automobile****Willi Hofang,**
São Paulo

Caixa postal 3168 - Teleph.: 4-2451 ou 4-3825

Farben-Lacke-Pinselund alle übrigen Bedarfsartikel
für Hausanstrich und Dekoration**Emilio Müller, R. José Bonifácio 114****Dr. Mario de Fiori**Spezialarzt für allgemeine Chirurgie
Sprechst.: 2—5 Uhr nachm., Sonnabends: 2—3.
Rua Barão de Itapetininga 139 - II. andar - Tel. 4-0038**Dr. G.H. Nick**

Facharzt

für innere Krankheiten.

Sprechstunden täglich v. 14-17 Uhr
Rua Libero Badaró 73, Tel. 2-3371
Privatwohnung: Telefon 8-2263**Dr. Erich Müller-Carrioba**Frauenheilkunde und Geburtshilfe
Röntgenstrahlen — Diathermie
UltraviolettblahlenKons.: R. Aurora 1018 von 2-4,30
Uhr. Tel. 4-6898. Wohnung: Rua
Groenlandia Nr. 72. Tel. 8-1481**Dres. Lehfeld und Coelho****Dr. Walter Hoop**

Rechtsanwalt

São Paulo, Rua Libero Badaró Nr. 443,
Telef.: 2-0804 — 2. Stock, Zim. 11-16 — Postfach 444**CASA TURF**

Rua Direita 119

Das deutsche Haus für feine Herren-Artikel

JENKE & SCHAEFFER

Deutsche! Wartet nicht bis zum letzten Moment, um euren Aufenthalt im Lande nach dem neuesten Dekret zu legalisieren und die vorgeschriebene Registrierung vorzunehmen. Dies besorgt billig und absolut zuverlässig:"A Informadora" Predio Pirapitinguy, R. João Brícola 10, 9. St., Sala 932/33.
Dort werden ebenfalls Aus- und Rückreise-Visums besorgt.**Deutsche Apotheke**

In Jardim America

Anfertigung ärztlicher Rezepte, pharmazeutische Spezialitäten — Schnelle Lieferung ins Haus.

RUA AUGUSTA 2843
Tel. 8-2182**Deutsche Apotheke****Ludwig Schwedes**Rua Libero Badaró 45-A
São Paulo / Tel. 2-4468**Familienpension****CURSCHMANN**Rua Florencio de Abreu
133, Sobr. (bei Bahnhof)
Telephon: 4-4094

Physikalische Apparate, Vermessungsinstrumente und Zubehör, feinmechanische Werkstätten

OTTO BENDERRua Sta. Efigenia 80 - Telefon 4-4705
Zeichenmaterial A. Nestler, Labr und Gebr. Hoff, Pfronten. - An- und Verkauf von gebrauchten Vermessungsinstrumenten.**Versicherungen**Caixa 94 **G. OPITZ** Telefon 2-9367**Deutsche Färberei und chemische Waschanstalt****„Saxonia“**Annahmestellen: Rua Sen. Feijó 50. Tel. 2-2396
und Fabrik: Rua Barão de Jaguará 980. Tel. 7-4264**Stöfler** Registrierung aller Ausländer —

Pässe — Identitätskarten — Aus- und Rückreise-Visums — Überfugungen werden schnell und billig beforgt

Rua Formosa 433, sobr. (bei der Post)

CONDOR FLUGDIENST

PASSAGIERE
POST
FRACHT
Telegr. AERONAUTA

Succursol Telef.: 2-7919
S. PAULO: r. Alvares Penteado, 8

Agentur Telef.: 5001
SANTOS: r. 15 de Novembro, 19

teilnehmenden und bekannten Gesichtern, und rings um sie wurde gesprochen von Verlobungen und Zwillinggeburten, vom erwarteten Hochwasser und von der kommenden Schiffsfahrtszeit und der Erkrankung des Bürgermeisters, welcher mit Barbara verwandt war. Schwenkhusen drängte sich durch die Gruppe, Barbara fühlte, dass sie mit niemandem zu tun hatte als mit ihm.

Es wurden Begrüßungen und Höflichkeiten getauscht, dann nahm Schwenkhusen an den Gesprächen teil wie jeder andere. Barbara suchte hastig seinen Blick. In diesem allein fand sie das Ausserordentliche ihres Daseins bestätigt. Die Feuerprobe hatte sie unwiderwillig von ihm geschieden, diese Scheidung aber sie unwiderwillig an ihn gekettet.

Nicht lange nach dem Eisgang kam Ostern und damit das Ende der Fastenzeit, und es begannen wieder die gastlichen und geselligen Wochen, an denen die Gripens nun teilnahmen wie andere Ehepaare auch. Barbara hatte sich den Besuch der kleinen Gesindekirchen abgewöhnt, sie erschien an Tidemanns Arm im Ratsgestühl von St. Peter. Es war das erstemal seit der Probe, so machte es Aufsehen, und da es den Abstand minderte, der zwischen Barbara und den übrigen gelegen war, so mehrte es die ehrerbietige Zuneigung, die sie sich gewonnen hatte.

„Ich habe dir zuliebe eingewilligt, dass die Schwenkhusens in unser Haus kamen“, sagte sie zu ihm. „Nun ist es in seiner Ordnung, dass ich nicht mehr lebe wie eine Witwe.“

Er ging zart und scheu mit ihr um, doch sprachen sie wenig miteinander; auch sahen sie sich kaum, es sei denn in Gesellschaft. „Sie hat ihm verziehen“, meinten die Leute. „Sie leben miteinander wie zuvor.“

Die Männer drängten sich an sie. Jeder einzelne glaubte, seine Ergebenheit vor sie hinbreiten zu müssen wie eine schadlos haltende Huldigung. Auch die Frauen suchten ihre Nähe, begannen jedoch später zurückzuweichen: sie sei stolz, ihr Stolz voll Kälte, niemand dürfe den Glauben haben, ihr Gnüge zu tun. Vielleicht sei es zu begreifen.

Sie waren willig, ihr eine Sonderlichkeit einzuräumen, die sie niemandem sonst erlaubt hätten. Barbara durfte plötzlich sagen: „Man muss gestanden sein, wo ich gestanden bin, um in solchen Dingen ein Urteil sprechen zu können.“ Manchmal redete sie, als hefende sie sich in einem Mittelpunkt, erhöht, allen sichtbar; als müsse ja, was in ihrem Herzen und in ihren Gedanken vorgefallen sei, so bekannt, ja so wichtig für alle sein wie dasjenige, was in den Herzen und Gedanken der Heiligen vorgefallen ist, wovon Legenden und Altarbilder Nachricht geben. Auch dies wollten viele ihr zugestehen; hieran aber am meisten nährte sich Schwenkhusens zornige Liebesflamme.

Sie begegneten einander häufig, doch nie allein, jede Begegnung war ein Stachel. Schwenkhusen begehrte den Schmerz dieses Stachels, Barbara zerspaltete sich in Hinströben und Widerstreben, wie sie es getan hatte in jenen Tagen nach Schwenkhusens Rückkehr.

Im Mai wurde ihr sein Besuch gemeldet. Tidemann war abwesend. Barbara wollte sich nicht verleugnen lassen und gab Anweisung, ihn hereinzuführen.

Sie sahen sich an, sonderbare Liebesleute, jeder der hörige Feind und Herr des andern. „Warum bist du hergekommen?“ fragte sie.

„Warum hast du mich nicht abweisen lassen?“ fragte er zurück.

„Weil ich dich an das erinnern muss, was damals geschehen ist. Begreifst du nicht, dass ich einen Vorsatz gemacht habe, härter als jeden anderen meines Lebens? Begreifst du nicht, dass es nur die Gewalt dieses Vorsatzes war, womit ich Gott gezwungen habe?“

Schwenkhusen erwiderte: „Du hast diesen Vorsatz gemacht in dem Glauben, ich sei tot. Der Glaube war falsch, was soll der Vorsatz jetzt?“

„Meinst du, der Vorsatz galt nur dir?“ fragte sie heftig. „Hältst du dich für den einzigen Mann?“

Schwenkhusens Antwort, Schwenkhusens Stimme und Gesicht hatten eine überraschende Innigkeit; sie hatten eine gläubige Gewissheit, die von jedem Hochmut, jeder Eigensucht frei war. Er sagte leise: „Beinahe, Barbara, glaube ich das. Ich weiss, dass du mich geliebt hast. Ich weiss, dass du mich liebst. Ich weiss, dass du mit keinem anderen Manne versucht werden kannst als mit mir.“

Barbara stand abgekehrt.

Schwenkhusen begann von neuem: „Ich habe gesagt: versucht werden. Aber das ist ja nicht richtig. Du sagst, du hast Gott gezwungen, und ich weiss, dass du Gott gezwungen hast. Darum aber bist du frei, zu tun, was du magst. Denn du hast ja deinen Ort gefunden an einer Stelle, da keine Gebote mehr in Geltung sind. Dies ist ein einsamer Ort, und es ist ein eisiger Ort, einsamer und eisiger als die Oeden, in denen ich Einsamkeit und Eiseskälte erfahren habe. Und dies allein also kann deine Versuchung sein, Versuchung zur Sünde: dass dich deine Kraft verlässt, die Kraft, auszudauern in solchem Ort, dass du dich flüchtest in den warmen Brodem der anderen, der von Geboten und Verböten sorglich umhert wird. Dass du dich verkriechst unter die Gebote, über die Gott selbst dich hat aufsteigen lassen. Ich habe gelernt, dass es noch eine andere Majestät Gottes gibt, als die in Monstranzen und an Altären daheim ist. An dieser versündigst du dich, wenn du in kreatürlicher Schwäche dich unterworfen hältst den Ordnungen, die für die Schwachen gegeben sind. Dies ist deine Versuchung, Barbara, dies allein: kleiner sein zu wollen als Gott.“

Barbara hatte sich während dieser Worte abermals zu Schwenkhusen umgewandt. Plötzlich brach ein massloser Hass aus ihrem Gesicht.

„Geh fort!“ schrie sie. „Geh fort!“

Schwenkhusen sah eine Weile in ihre Augen, in ihr weiss gewordenen Antlitz, auf ihre zuckenden Nasenflügel und Lippen.

Barbara senkte ein wenig den Kopf. „Geh fort!“ wiederholte sie leise und mit dem Gehaben einer Erschrockenen. Schwenkhusen ging.

VII.

Nicht lange nach diesem Gespräch verliess Barbara die Stadt und siedelte nach Gripenhof über, dem Erbgut ihres Mannes, das stromauf an der Düna lag, weitab von der Stadt. Dies war seit einer Reihe von Sommern nicht mehr geschehen, denn Tidemann, dem Geschäfte und Amtspflichten keine Abwesenheit von der Stadt erlaubten, hätte eine solche Trennung ungern gelitten; im letztvergangenen Jahr aber, wo ja sein Wille nicht mehr galt, hatte Barbara zu wenig Gedanken für die Dinge ihres äusseren Lebens, als dass sie Entschluss und Zurüstungen zu einer solchen Aenderung hätte auf sich nehmen mögen.

Gripenhof liegt zwischen den grossen Wäldern, Nachbarn sind fern, auf den Höfen des Ritterordens und der Zisterzienser gibt es keine Frauen zum Umgang. Tidemann kommt auf Pfingsten und kehrt nach den Feiertagen in die Stadt zurück. Barbara ist einsam, das hat sie gewollt. Anfangs hält sie sich viel im Garten auf, dann gewöhnt sie sich, durch die Wälder zu gehen, auf Schneisen und Jagdsteigen, immer allein. In Gripenhof gibt es einige deutsche Leute, den Verwalter und seine Frau, den Müller, ein paar Handwerker. Sie haben Barbara lange nicht gesehen, aber sie haben wohl etwas gehört, dass sich mit ihr in Riga grosse und heilige Dinge ereignet haben. Darum wagen sie es nicht, sich über diese Seltsamkeit zu wundern, dass die gnädige Frau so durch die Wälder geht; die Müllerin meint, wie eine Pilgerin, die sich fürchtet, unterwegs zu sterben, darum ist sie in Eile.

Um diese Zeit verliess Schwenkhusen die Stadt. Er hatte ein paar kleine zerstreute Besitztümer, irgendwo an der Düna, nach denen wollte er sehen, wollte Pachtverhandlungen treffen, Mastenholz hauen lassen und jagen. Das konnte keinen in Verwunderung setzen.

Er hatte niemanden mitgenommen als einen Reitknecht, einen stumpfen und schweigsamen Mann von Jahren.

Hinter Uexküll hatten die Zisterzienser einen kleinen Hof, darauf sassen ein paar Ordensbrüder und Dienstleute. Hier liess Schwenkhusen seinen Knecht zurück, er selber ritt im Morgengrauen davon und kam erst bei Dunkelheit heim. Er speiste mit dem Subprior, der an Schwenkhusens Gesellschaft Freude hatte und sich gern von Finnland erzählen liess. Desgleichen tat Schwenkhusen an den folgenden Tagen, nur am Sonntag wartete er die Frühmesse ab, aus Höflichkeit gegen seinen Gastgeber.

In Gripenhof einzusprechen wagte er nicht. Allein nachdem er zwei Wochen lang verbrachte die Gripenhöfischen Wälder durchritten hatte, sah er Barbara. Sie ging in grosser

Entfernung langsam vor ihm her, zwischen sumpfigen, weiss und gelblich flimmernden Waldwiesen. Hinter der Knüppelbrücke bog sie rechter Hand ab. Schwenkhusen begann zu galoppieren.

Barbara sass auf einem Findlingsstein, vornübergebeugt, die Hände auf den Knien, die Füsse im dichten Strickbeerkraut. Die Sonne lag warm über der Lichtung, es roch nach Faulbaumblüte, hinter den Bäumen rief der Pirol.

Schwenkhusen sprang vom Pferde. Sie hob ohne Erstaunen den Kopf.

„Du hast mich erwartet, Barbara?“ fragte Schwenkhusen und fuhr heftig fort: „Du hast mich erwartet?“

„Ich hörte dich auf der Knüppelbrücke“, antwortete sie mit einem letzten Ausweichen. Eine Stunde danach kehrte sie plötzlich zu seiner Frage zurück. „Ja, ich habe dich erwartet!“ schrie sie. „Hörst du, Gott? Hörst du?“

Augenblicks fühlte Schwenkhusen sich wieder von jenem wilden und abgründigen Schauern überrieselt, er riss Barbara an sich.

Sie erinnerte ihn an ihr letztes Beisammensein im Gripenschen Stadthaus. Sie sagte: „Wie ist es zugegangen, dass du meine Gedanken besser gewusst hast als ich selbst?“

Und Schwenkhusen antwortete: „Habe ich denn nicht die Probe mit dem Eisen? Mein Herz lag auf deiner rechten Hand, darum konnte das Eisen sie nicht brennen.“

„War es darum“, sagte die Frau, „dass dein Herz nicht erstarren konnte in den Schneewüsten?“

„Darum, Barbara. Es hatte ja die Glut des Eisens an sich genommen.“

Vier, fünf Male noch trafen sie sich im Walde. Dann war Sonntag, und Gripen kam aus der Stadt.

„Ich werde mit dir zurückkehren, Tidemann“, erklärte Barbara.

„Oh“, sagte er überrascht und mit einer zaghaften Dankbarkeit.

Schwenkhusen blieb der Stadt noch eine Weile fern und besuchte seine Höfe, ohne Gedanken für das, was er sah und anordnete. Dies war das letzte Zugeständnis, das er um Barbaras willen den Geboten der Vorsicht machte. Er hatte noch Klarheit genug gehabt, um zu wissen, dass diese Waldreiterei zu Barbara nicht länger anhalten konnte, ohne vom Zisterzienserhof Gerüchte ausgehen zu lassen. Darum war Barbaras Rückkehr zur Stadt vereinbart worden.

Als er in Riga einritt, hatten sie sich eine Woche lang nicht gesehen; die Woche war unendlicher gewesen als Gefangenschaft und Irrfahrt. Am folgenden Tage schon machte Barbara der Frau Schwenkhusen einen:

„Sublime“

die beste Tafelbutter

Theodor Bergander

Al. Barão Limeira 117, Telefon 4-0620

Dralle Birkenwasser, das „non plus ultra“ aller Haarpflegemittel

Wie Deutschland gegen die Tuberkulose kämpft

Die ganze Bevölkerung wird geröntgt

Der Wunsch, durch systematische Untersuchung ganzer Bevölkerungsgruppen jeden Fall von Tuberkulose so frühzeitig zu erfassen, dass der Ausbruch der Krankheit und damit auch die Ansteckung verhindert werden kann, besteht nicht nur in Deutschland seit langer Zeit. Die Schwierigkeit wirklich umfassender Untersuchungen schien aber lange Zeit unüberwindbar zu sein. Paul de Cruif, der amerikanische Arzt und Schriftsteller, berichtet in seinem bekannten Buch „Männer, die den Tod besiegen“ — das wohl unter den Aerzten der ganzen Welt Gegenstand lebhafter Erörterungen gewesen ist — von dem Versuch zu solchen Reihenuntersuchungen, der seit 1937 in Detroit gemacht wurde. Er ist praktisch gescheitert. Wohl hat eine kleine Schar mutiger und weitschauender Aerzte und Propagandisten durch eine sehr geschickte Propaganda, zu der auch Presse und Rundfunk im Grossen herangezogen wurden, die Geldmittel zusammenbekommen, die notwendig gewesen wären, um die Tb-Verdächtigen und -Gefährdeten der Aderthalbmillionsstadt zu untersuchen. Aber es stellte sich heraus, dass alle diese Propaganda und ein grosser Apparat nachgehender Fürsorge nicht ausreichten, um mehr als 19 Prozent der verdächtigen und gefährdeten weissen und 45 Prozent der noch viel mehr der Tuberkulose ausgesetzten farbigen Einwohnerschaft dazu zu bewegen, sich der Untersuchung zu stellen.

Im Gegensatz zu den Erfahrungen in Detroit ist es in diesem Frühjahr in dem norddeutschen Gau Mecklenburg gelungen, in der knappen Zeit von dreieinhalb Monaten rund 680.000 Menschen zu röntgen. Das sind 97 Prozent der über sechs Jahre alten Einwohner Mecklenburgs, die alle — wie mit allem Nachdruck betont werden muss — freiwillig gekommen sind. Der Erfolg ist um so bemerkenswerter, als es sich um ein ausgesprochen agrarisches Gebiet handelte, dessen Bewohner in Dörfern und Einzelhöfen verstreut leben, und als der letzte Abschnitt der Untersuchungen schon in die Zeit der Ernte fiel.

Damit ist der Versuch zur Erfassung nicht nur der Tb-Gefährdeten oder -Verdächtigen, sondern der gesamten Bevölkerung auf Anhieb gelungen. Die Untersuchungen werden in den übrigen deutschen Gauen fortgesetzt, und zwar zuerst in Oberbayern mit seinen 1,9 Millionen Einwohnern, zum grossen Teil Bergbevölkerung, und in Nordwestfalen, einem ausgesprochenen Industriegau, zu dem das Ruhrrevier gehört. So soll nach und nach die gesamte Bevölkerung Deutschlands in regelmässigen Abständen geröntgt werden.

Zwei Voraussetzungen, die in Detroit fehlten haben den Erfolg möglich gemacht: erstens das Schirmbild-Verfahren nach Abreu und Holfelder und zweitens die innere und äussere Organisation des deutschen Volkes, die ihm der Nationalsozialismus gegeben hat. Reihenweise Röntgen-Durchleuchtungen werden im deutschen Heer, einschliesslich der

Offiziere, schon seit 1931 durchgeführt — nach einem von der Schweiz seit 1922 gegebenen Beispiel, dem viele Nationen gefolgt sind. Diese Durchleuchtungen haben wertvolle Dienste geleistet, aber sie können niemals ein Ersatz für Röntgen-Bilder sein, schon weil die subjektive Wahrnehmung, die zudem zeitraubend und nur einem sehr geschulten Fachmann möglich ist, objektiv nicht nachgeprüft werden kann. Das Schirmbild photographieren zu können, war deshalb schon

SS-Männer sind während des Reichsparteitagess ohne Störung des Dienstes im Zeltlager geröntgt worden, mit einer Tagesleistung von etwa 2000 Aufnahmen. Dabei war nur etwa jede hundertste Aufnahme veratmet und musste wiederholt werden, was aber geschehen konnte, während der Untersuchung noch vor dem Apparat stand. Als Filmmaterial wurde Agfa J. S. S. Filme 24x24 mm verwendet. Das kleine Format, das die Aufbewahrung eines Volksröntgenkatasters überhaupt erst möglich macht, hat sich als vorzüglich ausreichend erwiesen.

PEBECO
die Zahnpasta
höchster Leistung
sie verhütet
Zahnfäule
sie bekämpft
Pyorrhoe

382

seit langem ein Anliegen der ärztlichen Wissenschaft wie der Technik. Der brasilianische Tuberkuloseforscher Abreu hat es 1937 zum erstenmal in die Tat umgesetzt, mit Hilfe der Filiale der Siemens-Reiniger-Werke, einer der berühmten deutschen Siemens-Firmen, in Rio de Janeiro. Der Abreusche Apparat leistete 100 bis 150 Aufnahmen je Stunde. Das war noch zu wenig. Ausserdem liess die Schärfe der Bilder noch zu wünschen übrig. Professor Holfelder, Frankfurt a. M., hat mit besonderer Unterstützung des Dr. Franke von Siemens diesen Apparat dahin verbessert, dass er 300 bis 400 vollscharfe Aufnahmen je Stunde ergibt.

Dieser Holfeldersche Röntgen-Reihenbildner mit Zeiss-Ikon-Optik der deutschen Zeisswerke in Jena ist im September 1938 in Nürnberg im Grosseinsatz erprobt worden. 10.736

Dieser gelungene Versuch ermutigte zum erweiterten Einsatz in Mecklenburg. Dabei wurden sechs hauptamtlich tätige Röntgentrupps aus besonders ausgebildeten Sanitätsgraden (Aerzten und Sanitätern) und Technikern der SS eingesetzt, die auf besonders eingerichteten Lastkraftwagen von Dorf zu Dorf zogen. An manchen Tagen wurde der Apparat nacheinander in zwei oder drei Dörfern aufgebracht. Die Arbeit der Röntgentrupps wurde durch die Nationalsozialistische Volkswohlfahrt vorbereitet und unterstützt. Binnen kurzem war die Organisation so gut eingespielt, dass die Aufnahmegeschwindigkeit auf 400 Aufnahmen je Stunde stieg. Für jeden Untersuchten wurde eine Karteikarte angelegt, deren Name und Nummer bei der Aufnahme mitphotographiert werden, so dass Verwechslungen bei der Auswertung ausgeschlossen sind. Für die Frauen wurden Hemden aus

Krepppapier zur Bekleidung des Oberkörpers während der Aufnahme geliefert.

Aber das alles hätte nichts genutzt, wenn nicht die Bevölkerung mit so selbstverständlicher Bereitwilligkeit auf die Untersuchung eingegangen wäre. Jeder einzelne schien zu wissen, dass die Untersuchung auf unerkannte Tuberkulose nicht nur in seinem eigenen Interesse ist, sondern auch zur Vermeidung der Ansteckung eine Pflicht gegenüber der Gesamtheit. Die Erziehung des Volkes zum gemeinschaftsbewussten Denken, die eine Grundlage des Nationalsozialismus ist, hat hier ein besonders schönes sichtbares Ergebnis gehabt. Kein Zweifel, dass es in den übrigen deutschen Gauen genau ebenso sein wird.

Was nun die Auswertung angeht, so ist es selbstverständlich notwendig, auch bei der Durchsicht der Röntgen-Reihenbilder entsprechend schnell zu verfahren. Es konnte festgestellt werden, dass ein wirklich erfahrener und konzentriert arbeitender Röntgenologe (dies beides ist allerdings Voraussetzung), der durch mehrere gut eingearbeitete Hilfskräfte und durch einen geeigneten Projektionsapparat unterstützt wird, bis zu 500 Aufnahmen in der Stunde durchsehen kann, wenn er sich erst einmal an die Eigenart des Projektionsbildes gewöhnt hat. Dabei sind auch feine Veränderungen, auch in den Spitzengebieten der Lunge, nicht übersehen worden. Man darf nicht vergessen, dass es sich bei den ganzen Reihenuntersuchungen lediglich um ein Suchverfahren handelt, also um eine Quantitätsdiagnose, deren einziger Zweck es ist, Menschen, die — meist ohne es zu wissen — an Lungentuberkulose leiden, herauszufinden, damit sie in ihrem und ihrer Mitmenschen Interesse möglichst frühzeitig der Behandlung zugeführt werden können. Die Qualitätsbeurteilung der verdächtigen Fälle ist dann Sache der klinischen Untersuchung und der Röntgen-Grossaufnahme. Ein Vergleich mit den Grossaufnahmen, die auch für die Fälle ohne Befund in genügender Anzahl vorliegen, hat bisher noch keine Fehlbeurteilung auf Grund der Reihenbild-Beurteilung ergeben. Selbstverständlich haben sich einige Zweifelsfälle gezeigt, die erst durch die Grossaufnahme oder sogar erst durch die Spezialaufnahme voll geklärt werden konnten.

Ebenso selbstverständlich geht die Auswertungsgeschwindigkeit in dem Masse zurück, in dem die Bilder einen Befund zeigen. Sie wird also bei Reihenuntersuchungen in bestimmten Produktionszweigen geringer sein, als bei Untersuchung der gesamten Bevölkerung oder gar einer gesundheitlichen Auslese, wie z. B. der SS.

Die Röntgenuntersuchungen in Mecklenburg haben 1,37 Prozent bis dahin zum grössten Teil unerkannte Fälle von aktiver und offener Tuberkulose erbracht. Wenn diese 1,37 Prozent — bezw. die entsprechenden Prozentsätze in den übrigen Gauen — annähernd einer rechtzeitigen Behandlung zugeführt werden, so müsste es gelingen, die in Deutschland seit fünf Jahren stationär gebliebene Todesziffer an Tuberkulose (7 Todesfälle auf 10.000 männliche und 6 Todesfälle auf 10.000 weibliche Personen) weiter zu drücken, weil Früherkennung sowohl für die Heilung wie vor allem auch zur Vermeidung der Verbreitung der Tuberkulose schlechterdings alles ist.

Besuch, danach fand sich eine Stunde für die beiden.

Der Sommer stob hin, der Herbst brachte die frühen Dunkelheiten, die zwei blieben ineinander verstrickt, eine brennende Dornhecke. Schwenkhusen betrat das Gripensche Haus ohne Rücksicht auf Gegenwart oder Abwesenheit des Ratsherrn. Barbara ging zu den Schwenkhusen, gleichgültig gegen die Tageszeit. Keiner von beiden war noch vermögend, einen Gedanken der Vorsicht zu denken. Freilich bedurften sie dessen nicht: die ganze Stadt hätte wahrnehmen müssen, was geschah, wäre nicht ihre Meinung gleich der des Ratsherrn Gripen seit der Probe unerschütterbar vorausbestimmt worden. Allein auch dieser Ueberlegung war weder Schwenkhusen noch Barbara fähig. Allenfalls fiel Schwenkhusens Veränderung den Leuten auf; aber man war beflissen, Erklärungen zu finden: „Er hat Dinge erlebt wie kein anderer, verlangt ihr, dass er sein soll wie zuvor?“ Und es war sonderbar, dass man auf den Einwand verzichtete, Schwenkhusen habe doch in der ersten Zeit nach seiner Heimkehr noch nichts von sich merken lassen von dieser mondwanterischen Verbissenheit, dieser düsteren Unruhe, diesem plötzlichen Aufglühen.

Als sich der Tag der Probe zum erstenmal jährte, da hatte Tidemann, tief gebückt, als einziger den gestifteten Messen in der Petrikerche beigewohnt. Jetzt, am zweiten Jahrestage, war es, als hätte die ganze Stadt das Gedächtnis eines ihr widerfahrenen Wunders mit zu begehen, ja, als hätten alle diese Leute, die aus Höflichkeit, Neugier oder um einer Huldigung für Barbara willen gekommen waren, an diesem Wunder selbst ein Verdienst. Es waren alle zur Stelle, die dem Geschehnis in der Sakristei beigewohnt hatten, die Zeugen waren da und der Mesner und sein Sohn und der Schmiedemeister, der noch den Sonntagsrock von damals trug. Gleich hinter dem Gripens stand Schwenkhusens Mutter am Arm ihres Sohnes, neben ihr der alte Warendorp in seinem brokatenen Staatsrock mit der breiten Goldkette unter dem gestutzten weissgrauen Bart, darauf in dichtem Gedränge alles, was Rang und Geltung hatte, Männer und Frauen aus Geschlechtern und Volk. Die Gesellschaft der Schwarzen Häupter war versammelt in ihrer vollen Zahl.

Die Handlung hatte ihren Raum an einem der Seitenaltäre der Kirche. Auf einer der Altarstufen lag das Eisen, grau, unscheinbar und von allen betrachtet. Dieser und jener machte flüsternd seinen Nachbar auf das wundersame Metall aufmerksam, es wurden Häuse gereckt, mancher suchte sich vorzuschieben, eine Frau lobt ihr Kind auf die Schulter.

Die Gedächtnismesse las der nämliche Priester, welcher der Probe vorzustehen gehabt hatte und gealtert schien. Danach sollte die Messe für Schwenkhusen gelesen werden; hierzu war einer der sechs Geistlichen gewählt worden, welche von der Kompanie der Schwarzen Häupter unterhalten wurden.

Der Priester las murrend jenes Evangelium, welches die Kirche für Votivmessen vorschreibt. Nicht er noch sonst einer verstand den Sinn der Worte, niemand ausser Barbara und Schwenkhusen.

„In jener Zeit sprach Jesus zu den Jüngern: Habt Glauben an Gott! Wahrlich, ich sage euch, welcher zu diesem Berge spricht: hebe dich und stürze dich ins Meer, und zweifelt nicht in seinem Herzen, sondern hat den Glauben, dass alles geschehen werde, was er sagt, dem wird es geschehen.“

Schwenkhusen empfand eine plötzliche Kälte in den Schulterblättern. Er schloss die Augen und meinte die Engel und Dämonen des Altarbildes zu sehen, die, schwebend über Barbara und ihm, glühende Rosen als Liebes- und Höllenflammen auf die Verstrickten niederströmen liessen.

Barbara stand unbeweglich vor ihm, den Kopf kaum geneigt, weiss gekleidet und unter Schleierwerk; allen Menschen anzusehen wie an jenem Sonntag vor zwei Jahren.

Die Messe war geendigt, der Altar verlassen. Eine kleine Weile noch dauerten alle in der Haltung des letzten Gebetes aus. Dann geschahen Bewegungen, halblaute Worte, jemand hustete, Gruppen lockerten und schlossen sich. Barbara wandte sich um.

Ratsherr von Warendorp trat auf sie zu und küsste ihr die Hand, wie er damals getan hatte. Gripen, Schwenkhusen, viele von den andern drängten an Barbara heran, drückten und küssten ihre Hand. Schwenkhusens Mutter umarmte sie, der Mesnersohn glitt ihr mit den Lippen rasch über den hängenden Aermel. Es war da viel halblautes Be-

grüssen und Beglückwünschen, ein Huldigen aus Ehrfurcht, Ergriffenheit, herzensebötiger Bewunderung, nur gedämpft in seinen Aeusserungen durch die bessere Bewandnis dieser Feierlichkeit. Barbara dankte mit leichten, oft kaum wahrnehmbaren Neigungen des Kopfes.

Niemand verliess die Kirche, denn nun sollte ja alsbald die zweite Messe gelesen werden, die für Schwenkhusen; und jeder hatte den Wunsch, gleichwie der Ratsherrin Gripen, so auch ihm eine Anteilnahme an seinen wunderbaren Geschehnissen darzutun. Indessen war der zweite Priester bereits in der Sakristei mit dem Anlegen der Messkleidung beschäftigt.

Die Bewegung all der Menschen, die auf Barbara hindrängte wie eine langsame Braudungswelle, hatte sie bestimmt, um einige Schritte hinter sich zu treten. So stand sie auf den Stufen, mit dem Rücken zum Altar; mit dem verhüllten Gesicht den Menschen zugewandt, wunderbar aufgerichtet, schneeweiss und hoch.

Abseits, eine Stufe unter ihr, lag das Eisen. Barbara deutete darauf mit einem leichten Handwinken. Die Umstehenden errieten im Augenblick ihren Wunsch, das Werkzeug des Wunders gedächtnishaft zu berühren. Gripen und Warendorp bückten sich gleichzeitig, um das Eisenstück aufzuheben. Schwenkhusen kam ihnen zuvor und reichte es Barbara zu. Es fröstelte ihn vor der kalten Berührung. Sie streckte langsam die geöffnete Hand aus. Der Aermel schob sich zurück, und am Handgelenk erschien der einfache goldene Reif. Der Ellenbogen ruhte auf dem Hüftknochen. Hand und Unterarm standen in einer Linie rechtwinklig vom Körper ab. Alle Blicke hatten sich auf sie gerichtet.

In dem Augenblick, da der Priester aus der Sakristei ins totenstille Kirchenschiff trat, vernahm er einen unmenschlichen Aufschrei: „Ich brenne! Ich brenne!“ Gleich danach war der dumpfe Aufschlag eines niederstürzenden Körpers zu hören.

Der Priester begann mit bebenden Knien zu laufen. Im Vorwärtstolpern schlug er ein Kreuz, die Hand flatterte ihm über Gesicht und Brust.

Alle standen, Augenblicke hindurch, unbe-

weglich und schweigend. Schwenkhusen wandte sich taumelnd ab. Die Leute wichen vor ihm zurück, so dass sich in Sekunden eine öde Gasse für ihn herstellte, durch die ganze Länge der Kirche, bis an den Ausgang.

NUR EINE KLEINE KLINGEL-KEIN FLUGZEUG-MOTOR.....

Unsere ueberspannten Nerven reagieren oft auf die geringsten Geräusche mit einem Verzweiflungs-Ausbruch. Da hilft Adalina sofort - das bekannte Beruhigungsmittel erregter Nerven. Das Bayer-Kreuz verbuergt vollkommene Unschaedlichkeit.

In Tuben mit 10 Tabletten zu 0,5 gr.
Neue Packung mit 6 Tabletten zu 0,25 gr.

ADALINA
BAYER

Rußland öffnet das Tor zum Westen

Industrie-Aufbau in der Sowjet-Union mit Deutschlands Hilfe

Russland ist nach anderen Maßstäben zu beurteilen als das mittlere und westliche Europa. Weiträumig wie seine Landschaft ist auch seine Geschichte; die politisch-kulturellen Epochen des Abendlandes, Renaissance, Humanismus, Aufklärung oder bürgerlich-kapitalistische Gründerzeit kennt Russland nicht. Die Abschnitte seiner geschichtlichen und auch seiner wirtschaftlichen Entwicklung sind nach Jahrhunderten zu bemessen. So sind auch die Anstrengungen, die die Sowjetunion gegenwärtig unternimmt, um die durch Krieg und Revolution um Jahrzehnte zurückgeworfene wirtschaftliche Erschließung des Landes wieder voranzutreiben, nur dann zu beurteilen, wenn man sich auf das Denken in größeren Zeiträumen umstellt. In der Geschichte Russlands gibt es Zeiten, in denen das Volk, von dem man niemals wissen wird, ob es mehr zu Asien oder zu Europa gehört, völlig isoliert lebte, fremd den Völkern Europas, ebenso fremd, eher Argwohn als Sympathie erweckend, den Völkern Asiens. Aber so gross das russische Land ist und so viele Möglichkeiten es birgt — in den Zeiten der Isolierung stockt die wirtschaftliche Entwicklung. Selbst wenn der Boden mehr noch an Naturschätzen böte, als er tatsächlich enthält, in diesem schon allein wegen seiner riesigen Ausdehnung der menschlichen Tätigkeit feindlichen Lande wäre dennoch eine wirtschaftliche Autonomie, eine Erschließung allein aus der eigenen Kraft ganz undenkbar. So haben die Zeiten der Vereinigung mit Perioden gewechselt, in denen Russland Anschluss an die westliche Zivilisation gesucht hat, zum ersten Male gleich am Anfang seiner Geschichte bis zum Einfall der Mongolen, dann unter Peter dem Grossen und jetzt wieder in unseren Tagen. Der grosse Versuch, Russland zum Industrieland zu machen, müsste bei allen Teilerfolgen im ganzen doch hoffnungslos scheitern, wenn aus dem eigentlichen Europa nicht jene Hilfe käme, ohne die dem russischen Volke nichts anderes zu tun bliebe, als was es seit Jahrhunderten kennt: In dumpfer Ergebnisheit den ewigen Kampf mit den Naturgewalten zu bestehen.

Im Grunde steht Russland seit dem Kriege wieder vor einer ähnlichen Lage wie zur Zeit Peters. Das auf unsicherer Grundlage stehende Zarentum ist zusammengebrochen, der Versuch, den wachsenden inneren wirtschaftlichen und sozialen Schwierigkeiten durch eine Flucht in die imperialistische Expansion zu entgehen, hat in einer Katastrophe ohne gleichen geendet. Nach der Revolution vom Westen geistig geschieden und erneut auf Asien verwiesen, musste der Sowjetstaat bald erleben, dass die gesteckten Ziele niemals erreicht werden konnten, ohne der westlichen Technik und Wirtschaftserfahrung das Tor zu öffnen. Was in Russland nach dem Kriege geschaffen wurde, ist wesentlich mit deutscher Hilfe erreicht worden. An der russischen Industrialisierung ist das leicht nachzuweisen. Welchen Anteil das Reich daran genommen hat, geht daraus hervor, dass die russischen Aufträge an die deutsche Industrie seit 1926 die Summe von über 4 Milliarden RM erreicht haben. Nicht zuletzt den deutschen Lieferungen, deren hohe Qualität von den Russen immer anerkannt worden ist, ist es zu danken, dass sich Russland in so verhältnismässig kurzer Zeit eine grosse Industrie aufbauen konnte.

Der Aufbau der russischen Industrie

Die russische Industrialisierung steht einstweilen ziemlich einseitig im Zeichen einer Ausweitung der Schwer- und Rüstungsindustrie, in diesen Zweigen hat sie allerdings bedeutende Erfolge aufzuweisen. So stieg die Kohleförderung von 29,1 Millionen Tonnen im Jahre 1913 auf 131,5 Millionen Tonnen im vergangenen Jahre. Während Russland 1913 noch Kohle einführen musste, ist es heute, trotz des gestiegenen Inlandsbedarfs, schon Ausfuhrland. Bei Erdöl stieg die russische Produktion von 9,2 Millionen Tonnen im letzten Jahre vor dem Weltkriege auf 32 Millionen Tonnen 1938. Sie soll bis zum Jahre 1942 auf 54 Millionen Tonnen gesteigert werden, wobei man vor allem daran denkt, im Mittel-Wolga-Gebiet ein zweites Baku zu schaffen. Bis heute wird allerdings noch der überwiegende Teil des russischen Erdöls im Kaukasus gefördert. Die Gewinnung von elektrischem Strom betrug 1913 erst 2 Milliarden Kilowatt, sie erreichte 1936 über 36 Milliarden Kilowatt. Besonderen Wert hat die sowjetrussische Regierung auf den Ausbau der Eisen- und Stahlindustrie gelegt. Im Verlaufe des ersten und zweiten Fünfjahresplanes hat sie in diesen Industriezweigen grosse Investitionen vorgenommen; ein sichtbarer Erfolg stellte sich besonders im zweiten Fünfjahresplan ein, ohne dass allerdings die gesteckten Planziele erreicht wurden. Im Schlussjahre des ersten Fünfjahresplanes — 1932 — wurden erzeugt: 6,2 Millionen Tonnen Roh-eisen, 5,9 Millionen Tonnen Stahl und 4,3 Millionen Tonnen Walzzeugnisse. Bis zum Schlussjahre des zweiten Fünfjahresplans stieg die Erzeugung auf 14,5 Millionen Tonnen Roh-eisen, 17,7 Millionen Tonnen Stahl und 13 Millionen Tonnen Walzzeugnisse an. Im vergangenen Jahre, dem ersten Jahre des dritten Fünfjahresplanes, wurden 15, 18 bzw. 13,5 Millionen Tonnen, wobei die gesteckten Produktionsziele allerdings auch noch nicht erreicht wurden, erzeugt. Immerhin stellen diese Ziffern fast zwei Drittel derjenigen Grossdeutschlands dar und die Stahlversorgung je Kopf beträgt etwa 105 Kilogramm gegenüber 291 Kilogramm im Reich. Auch im Erzberg-

bau und der Fahrzeugindustrie sind Fortschritte festzustellen. So stieg die Erzeugung von Traktoren von 1300 im Jahre 1928 auf 115.000 im Jahre 1936. Im gleichen Zeitraum stieg die Automobilerzeugung von 700 auf 200.000. Dabei ist allerdings zu berücksichtigen, dass die Lebensdauer eines russischen Autos nicht die der westeuropäischen Autos erreicht.

Weitere Pläne

Im dritten Fünfjahresplan, der sich von 1938 bis 1942 erstreckt, ist eine weitere Steigerung der Erzeugung, vor allem der Produktionsmittelindustrien, beabsichtigt. So soll die Kohleförderung bis zum Jahre 1942 auf 230 Millionen Tonnen jährlich, die Gewinnung von Erdöl auf 54 Millionen Tonnen, von Gusseisen auf 22 Millionen Tonnen, von Stahlplatten auf 21 Millionen Tonnen, von elektrischem Strom auf 75 Milliarden Kilowatt usw. erhöht werden. Voraussetzung, dass dieses Produktionsprogramm etwa annähernd erfüllt wird, ist die Bereitstellung von Maschinen und Facharbeitern. Schon die ungenügende Planerfüllung im zweiten Fünfjahresplan ist vielfach auf unzureichende Maschinenausrüstung der Betriebe und auf Facharbeitermangel zurückzuführen gewesen. So fehlt es der Erdölindustrie an Bohrmaschinen und Bohrgeräten, die Oelraffinerien arbeiten mit teilweise stark veralteten Anlagen. Besonders ungünstig hat sich die mangelhafte Ausrüstung des Erzbergbaues mit mechanischen Vorrichtungen und Geräten in der Produktion ausgewirkt. Weil es an Abbauhämmern und Bohrwerkzeugen fehlte, blieb z. B. die Eisenerzförderung in dem wichtigsten russischen Revier, dem von Krivoj Rog, in den ersten neun Monaten 1938 um mehrere Prozent hinter dem Vorjahrsergebnis zurück.

Auch in der chemischen Industrie fehlt es an Maschinen, besonders an Spezialmaschinen für die Herstellung von Soda, Schwefelsäure und synthetischem Kautschuk. Obwohl Russland in den letzten Jahren sehr bestrebt war, die Maschinenindustrie auszubauen, konnte die Produktion den Anforderungen nicht genügen. Zum Teil benötigte die Industrie hochwertige Spezialmaschinen, die ein junges Industrieland naturgemäss noch nicht in der Lage ist, herzustellen. Dann aber auch ist ein grosser Teil der in früheren Jahren eingeführten Maschinen stark abgenutzt und muss erneuert werden. So hat sich ein recht erheblicher Einfuhrbedarf an Maschinen aufgestaut, der jetzt durch stärkere Bezüge aus Deutschland gemildert werden soll.

Die deutschen Maschinen

Deutschland war seit jeher der hervorragendste Maschinenlieferant der Sowjetunion, und unsere Maschinen erfreuen sich auch bei den Russen eines ausgezeichneten Rufes. Nicht zuletzt bevorzugte man unsere Maschinen auch deshalb, weil mit den Maschinen Facharbeiter- und Werkmeister kamen, die die Russen anlernten und so dazu beitrugen, die Fach-

arbeiterknappheit der Sowjetunion zu mildern. Hauptsächlich sind von den Russen deutsche Werkzeugmaschinen bevorzugt worden. So sind im Rahmen des letzten 200-Millionen-Kredits nach dem Stande vom September 1938 allein für 80 Millionen RM Werkzeugmaschinen gekauft worden. Der Rest verteilte sich auf Maschinen für chemische Werke, für die Berg- und Hüttenindustrie, auf elektrische Kraftmaschinen usw. Es ist anzunehmen, dass gerade diese Maschinen künftig wieder stärker für die Ausfuhr nach Russland in Frage kommen. Im Austausch dafür vermag Russland im wesentlichen Rohstoffe zu geben, vor allem Holz, Felle, Häute, Wachs, Erze, Gold, Phosphate und Erdöl. Bei einigen Produkten haben sich allerdings in den letzten Jahren die Ausfuhrmöglichkeiten verringert. So ging die Erdölausfuhr von 7 Millionen Tonnen im Jahre 1932 auf 2 Millionen Tonnen 1937 zurück. In den ersten neun Monaten 1938 (neue Zahlen sind noch nicht veröffentlicht) erreichte sie sogar nur 0,9 Millionen Tonnen. Der Rückgang ist die Folge davon, dass der Inlandsverbrauch infolge der zunehmenden Motorisierung stärker stieg als die Produktion. Wenn mehr Bohrmaterial zur Verfügung stände, würde sich bei den riesigen Erdölvorkommen der Sowjetunion mit der Produktion zweifellos auch die Ausfuhr heben lassen.

Ausbaufähiger Handel

Da es Russland an Maschinen fehlt, die aber Deutschland liefern kann, und es dem Reich umgekehrt an Rohstoffen fehlt, die Russland im Ueberfluss hat, so sind die Voraussetzungen für eine gute Entwicklung des deutsch-russischen Warenverkehrs natürlich und günstig. In den letzten Jahren ist als Folge der politischen Spannungen der Handelsverkehr zwischen diesen beiden von Natur zu einem lebhaften Warenaustausch vorbestimmten Staaten stark geschrumpft. 1933 führte Deutschland noch für 282,2 Millionen RM Waren nach der Sowjetunion aus, 1938 nur mehr für 33,6 Millionen RM. Im gleichen Zeitraum ging die Einfuhr aus Russland von 194,1 auf 52,8 Millionen RM zurück. Schon 1940 wird durch das neue Abkommen der deutsch-russische Warenverkehr wieder auf den normalen Stand von 1933 gebracht werden.

Damit wird Deutschland wieder den ersten Platz im Russenhandel einnehmen, den es vorübergehend an England und USA verloren hat. Besonders die Amerikaner haben sich in den letzten Jahren stark in das russische Geschäft eingeschaltet. Allerdings haben sie, wie auf allen anderen Märkten auch, weit mehr verkauft als gekauft. In den ersten zehn Monaten 1938 führten sie für 353 Millionen Goldrubel Waren nach der Sowjetunion aus, sie kauften aber nur für 75 Millionen. Dagegen ist der deutsch-russische Handel von vornherein auf den Grundsatz der Gegenseitigkeit abgestellt. Das Reich wird soviel von Russland kaufen, wie es umgekehrt nach der Sowjetunion absetzt.

Das Muttergottesbild in Tschenschou

Die Lage der Katholiken in Polen

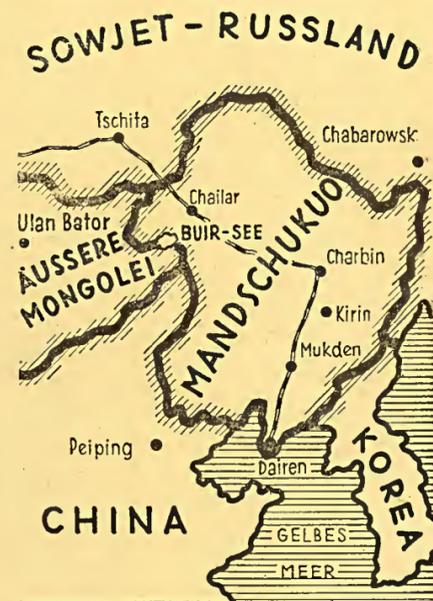
In der Kathedrale der alten Stadt Tschenschou befindet sich ein Bildnis der Mutter Gottes, welches von der leichtgläubigen bäuerlichen Bevölkerung Polens seit Jahrhunderten inbrünstig angebetet wird. Bis zum heutigen Tag sind die polnischen Katholiken zu Hunderttausenden nach der „Jasna Gora“, dem „leuchtenden Hügel“ Tschenschou, gepilgert, weil sie fest daran hielten, durch das wunderwürdige Bild von ihren Schmerzen und Leiden geheilt zu werden. Die höhere Volksklasse, welche bis vor kurzem die Zügel der Regierung in Warschau in Händen hatte, spottete und lachte über das Vertrauen und den Glauben des Volkes, aber nahm nichtsdestoweniger skrupellos ihre Zuflucht zu dieser Art des kindlichen Glaubens, als es sich darum handelte, ihn in den Dienst einer betont deutschfeindlichen Propaganda zu stellen. Als zu Beginn des Septembers Teile des deutschen Heeres sich überraschend auch der Stadt Tschenschou bemächtigten, war es für die polnischen Propagandabehörden nur logisch, in aller Welt zu verbreiten, dass die Deutschen die Kathedrale zerstört hätten und damit gleichzeitig das heilige Bildnis der Jungfrau Maria. Das religiöse Empfinden des polnischen Volkes sei auf tiefste durch dieses gänzlich unnötige Vorgehen verletzt worden. Aber in ganz kurzer Zeit wurde einleuchtend bewiesen, dass nicht nur das Bild der Mutter Gottes unversehrt durch die Schrecken des Krieges hindurchgekommen ist, sondern dass auch weder in der weiteren Umgebung desselben noch in der Umgegend der Kathedrale überhaupt nur eine Bombe oder Granate gefallen war. Dieses wurde, wie bereits die ganze Welt weiss, von ausländischen Journalisten bestätigt, welche sich selbst an Ort und Stelle von der Tatsache überzeugten. Ein späterer Versuch, der unter der Leitung von Agenten einer gewissen Weltmacht in der Absicht unternommen wurde, das Allerheiligste durch Brand zu zerstören, um auf diese Weise die Deutschen mit einem hassvollen antireligiösen Barbarismus zu belasten, wurde glücklicherweise noch recht-

zeitig aufgedeckt. Von jenem Zeitpunkt ab ist unter Beweis gestellt worden, dass die Deutschen niemals die Gefühle der katholischen Polen treffen wollten, selbst nicht einmal durch Nachlässigkeit oder durch irgendeinen Zufall seitens der Deutschen eine derartige Beleidigung zustande gekommen. Dadurch ist wieder einmal festgestellt worden, dass das deutsche Militär den Krieg nur gegen rein strategische Ziele führt und nicht gegen Einrichtungen, die dem kultischen und sozialen Leben des Volkes dienen.

Tschenschou ist eine Stadt von etwa 120.000 Einwohnern. Rund 25 Prozent gehören der jüdischen Rasse an. Diese Juden — und dies ist sowohl nicht nur örtlich bedingt, sondern allgemein bezeichnend für den jüdischen Charakter — haben ihren Lebensunterhalt in erster Linie mit Gegenständen verdient, mit denen sie wahrhaftig nicht das geringste zu tun haben. In Tschenschou lag der Handel mit Andachtsbüchern, kleinen Heiligenfiguren, geweihten Bildnissen und anderen kirchlichen Erinnerungen nahezu ausschliesslich in Händen jüdischer Kaufleute.

Jahrelang sind bis in die letzten Tage unserer Zeit durchschnittlich ungefähr 300.000 bis 500.000 polnische Katholiken zur „Schwarzen Mutter Gottes von Tschenschou“ gepilgert. Das sind in der Tat gewaltige Zahlen. Die Anziehungskraft der hier in Frage stehenden Heiligen beruht auf einer Legende aus einer weit zurückliegenden Epoche. Die Tradition will wissen, dass das wunderwürdige Bild der Jungfrau Maria vom Apostel Lucas auf eine Tischplatte gezeichnet wurde, welche wiederum von Jesus selbst in sehr jugendlichem Alter angefertigt worden ist. Historisch steht ziemlich fest, dass die Heilige Helene, die Mutter Konstantins des Grossen, das Bild aus Jerusalem nach Konstantinopel gebracht haben soll, und dass die in dieser Stadt lebenden Christen ihm schon damals wunderwürdige Kräfte zuschrieben. Von Konstantinopel gelangte das Bild zunächst nach dem Schloss eines ukrainischen Grossgrundbesitzers und später, wahrscheinlich „nicht als

W. accordo soviet-russo-nipponico — Conforme já foi divulgado, verificou-se em Moscou, com a assignatura de um accordo, a cessação do conflicto em torno de fronteiras no Extremo Oriente, o qual exigiu, em muitos combates, numerosas victimas na região do lago de Buir, junto á fronteira entre a Mongolia limitrophe e o Manchucuo.



Zum sowjetrussisch-japanischen Abkommen — In Moskau erfolgte, wie bereits gemeldet, durch die Unterzeichnung eines Abkommens, die Beilegung des Grenzkonfliktes im Fernen Osten, der in der Gegend des Buir-Sees an der Grenze zwischen der Äusseren Mongolei und Mandschukuo in vielen Kämpfen zahlreiche Opfer gefordert hatte.

Geschenk" in den Besitz des Herzogs von Oppeln. Der Herzog nahm das Bild nicht bis auf seinen Sitz mit sich. Die Ueberlieferung berichtet, dass genau an der Stelle, wo sich heute die Kathedrale von Tschenschou erhebt, auf der Höhe der „Jasna Gora“, des „leuchtenden Hügel“ der Herzog im Traum die Eingebung erhalten habe, das Heiligenbild an jenem Ort zu lassen und ihm eine würdige Unterkunftstätte zu geben. Das Heiligtum hat seitdem viele unerwünschte Geschehnisse über sich ergehen lassen müssen. Ein Beweis für den vereitelten Versuch der Hussiten, das Bild im Jahre 1430 gänzlich zu vernichten, sind die Säbelhiebe, welche man noch heute im Gesicht der Heiligen Jungfrau erkennen kann. Als Jahrhundert später der „leuchtende Hügel“ und mit ihm die Stadt eine Festung war, deren Besatzung den Ort und die Kirche viele Monate lang gegen die zahlenmässig weit überlegenen Schweden tapfer verteidigte, wurde die Mutter Gottes von Tschenschou zur „Königin der polnischen Krone“ erhoben. Die einfältige polnische Landbevölkerung war überzeugt, dass die Heilige Jungfrau persönlich Tschenschou gegen die Schweden verteidigt hatte und dass sie folglich auch für alle Zukunft die Schutzherrin des polnischen Volkes bleiben würde.

Polnische Könige, die aus protestantischen Herrscherhäusern stammten und sich zwecks Erlangung der Krone Polens zum Katholizismus bekehrten hatten, brachten alljährlich der Schwarzen Mutter Gottes von Tschenschou reiche Opfergaben dar um auf diese Weise für sich selbst die Sympathien der polnischen Bauern zu erobern. Die „Schwarze Mutter Gottes“ trägt ihren heutigen Namen übrigens wegen ihres gänzlich geschwärzten Gesichtes. Ein Brand soll hierfür die Ursache gewesen sein.

Wir haben zu Beginn dieser Ausführungen darauf hingewiesen, dass namhafte Zeitungsvertreter aus vielen Ländern extra nach Tschenschou gekommen sind, um vor aller Welt zu beweisen, dass die Kathedrale unbeschädigt ist. Das Bild der Heiligen Jungfrau befindet sich nebst der geweihten Stätte heute unter deutschen Schutz. Von nun ab wird es allerdings nicht mehr ein Werkzeug politischer Propaganda sein. In seiner grossen Ansprache in Danzig sagte der Führer, dass das gegenwärtige Deutschland wieder ein friderizianischer Staat sei. Damit wollte er vor allem sagen, dass das Deutschland unserer Tage, genau wie der Staat aus der Zeit des preussischen Königs, seine Lebensrechte gegen die mächtigsten Feinde verteidigen wird, selbst wenn der Kampf das letzte Opfer, das eigene Leben der Staatsträger, fordert. Dabei hat Adolf Hitler auch an die berühmten Worte des preussischen Königs erinnert: „In meinem Staat kann jeder nach seiner Fassung selig werden.“ Im nationalsozialistischen Staat gilt dasselbe Gesetz wie im Staate Friedrichs des Grossen. Von jedem Volksgenossen wird uneingeschränkte Anerkennung der bestimmenden politischen Gesetzmässigkeit gefordert, aber der Glauben, zu welchem man sich bekennt und die Religionsausübung bleiben dem freien Willen jedes einzelnen überlassen. Der grossdeutsche Staat wird darum entschieden dafür Sorge tragen, dass das Heiligtum von Tschenschou und seine Reliquie wie einstmal eine wirkliche Wallfahrtsstätte sein kann und sein soll, eine Stätte zu welcher alle von religiösem Geist besessenen Männer und Frauen pilgern werden, um sich fern allem politischen Treiben, andachtsvoll der inneren Erbauung und dem Gebet hinzugeben.

Die Schuld am Kriege

Reichsaußenminister von Ribbentrop in seiner großen Rede in Danzig

Berlin, 24. — (T.-O. — Agencia Allemã)

„Meine Volksgenossen! Kommen wir jetzt einmal zur Schuld Englands an diesem Kriege. Beginnen wir bei Frankreich. Ich glaube, dass es in der ganzen Welt keinen Zweifel darüber gibt, dass das französische Volk diesen Krieg nicht gewollt hat, dass das französische Volk den Frieden lieber heute als morgen möchte, und dass ihm dieser Krieg in verräterischer Weise aufgezwungen wurde. Mit einem Zynismus und einer Rücksichtslosigkeit sondergleichen wurde er ihm aufgezwungen von England und seinen Agenten in Paris und in der französischen Regierung. Ich habe schon vorher in grossen Zügen die englische Politik gegen Deutschland seit dem 30. Januar 1933 aufgezeigt, und heute abend will ich Ihnen den unwiderleglichen Beweis dafür geben, dass dieser Krieg von der heutigen englischen Regierung im geheimen und systematisch vorbereitet worden ist.

Die Münchener Konferenz

Die Münchener Konferenz ist im vergangenen Jahre von einem Teil der Welt als ein grosses Friedenswerk des gegenwärtigen Präsidenten des englischen Ministerrates Chamberlain hingestellt worden. Nichts falscher als das. Rufen wir uns noch einmal die Lage ins Gedächtnis zurück, die zu München führte. Die britische Regierung hatte der damaligen tschechoslowakischen Regierung Unterstützung gegen Deutschland versprochen, und damit hatte sie dieses Problem, das sich ohne die Einmischung Englands von einem Tage zum anderen hätte lösen lassen, zu einer europäischen Krise gemacht. Wenn dann Herr Chamberlain in München seine Hand zu einer einigermaßen vernünftigen Lösung dieses Problems, und das im letzten Augenblick, bot, so tat er damit nichts anderes als wenigstens teilweise die Krise wieder zu beseitigen, die er selbst heraufbeschworen hatte und die drauf und dran war, Europa in einen Krieg hineinzureissen.

Warum tat er das? Die Antwort darauf gibt uns die erste Rede, die Herr Chamberlain nach seiner Rückkehr nach London hielt und bei der er in der einen Hand den Oelzweig des Friedens hielt und mit der anderen Hand dem englischen Volke ein gewaltiges Programm der Aufrüstung präsentierte. Das will besagen, dass Herr Chamberlain, der erwartet hatte, Deutschland durch die Drohung mit einem Krieg von seiner gerechten Forderung auf Befreiung der Sudetendeutschen abschrecken zu können, diese Drohung nicht ernstlich gemeint hatte, und zwar einzig und allein, weil England noch nicht vollständig gerüstet war. Folglich war Herr Chamberlain nicht nach München gekommen, um den Krieg zu verhindern, sondern um den von der englischen Regierung

bereits beschlossenen Krieg zu verschieben. Es ist bekannt, dass England schon seit Jahren systematisch die öffentliche Meinung gegen Deutschland bearbeitet, dass es alle Arten von Vorbereitungen für einen kommenden Krieg traf, wie dies die Schaffung eines

Deutschland zu bringen, die es ihr gestattete, je nach der Lage einen Krieg gegen Deutschland in demjenigen Augenblick vom Zaune zu brechen, der ihr am günstigsten erschien. Das musste in einer solchen Form geschehen, dass die englische Regierung nicht mög-

Ihr wahres Gesicht und ihren Willen zur Vernichtung des deutschen Volkes hat dann aber die britische Regierung gezeigt, als sie das grossmütige Friedensangebot zurückwies, das der Führer am 6. Oktober vor dem Reichstag machte und es durch ihren Premierminister Chamberlain mit Beleidigungen beantwortet liess, die im gesamten deutschen Volke nur berechtigte Empörung auslösten.

Hegemonie

Jeder vernünftige Mensch wird sich fragen: Welches ist denn nun der wahre Grund für diese skrupellose und unverständige englische Aussenpolitik? Die englischen Agitatoren behaupten, Deutschland strebe nach der



Blockadeministeriums beweist, die vor zwei Jahren durchgeführt wurde, wie dies kürzlich Herr Chamberlain selbst zugab. Im Winter 1938-39 nahm diese Agitation riesige Ausmasse an. Offen und mit allen Mitteln der Propaganda setzten da diejenigen, die für den Krieg agitierten und dabei sicher von der englischen Regierung unterstützt wurden, das britische Volk, das sicher im Grunde lieber in Freundschaft mit dem deutschen Volk leben möchte, in einen Zustand des Hasses und der Panik gegenüber Deutschland. Ich könnte unzählige Beispiele für diese systematische Propagandakampagne anführen.

Soweit die Propaganda. Das Ziel der englischen Regierung aber ist dabei gewesen, politisch und diplomatisch auch Grossbritannien in eine unbezwingbare Opposition zu

licherweise gezwungen werden könnte, gegenüber dem eigenen Volke zurückweichen zu müssen, d. h. es musste ein Vorwand gefunden werden, der es der britischen Regierung erlaubte, dem englischen Volke die Sache des Krieges als so gebieterisch hinzustellen, dass jeder Engländer ein Nachgeben als mit der Ehre der englischen Nation unververeinbar ansehen musste.

Die Garantie an Polen

Diesen Stand der Dinge schuf Herr Chamberlain mit der an Polen gegebenen Garantie. Die offizielle Erklärung, die die britische Regierung vor dem Unterhaus abgab und in der es hiess, dass diese Garantie sich ausschliesslich gegen Deutschland richten müsste, enthüllt deutlich, dass diese Garantie nichts anderes war als ein Vorwand. Das Interessante für England war nicht die Unverletzlichkeit des polnischen Staates, sondern ausschliesslich die Waffenhilfe gegen Deutschland. Mit dieser Garantie, mit der England sich zu einer sofortigen und unbegrenzten Hilfeleistung für Polen verpflichtete, hat England die jahrhundertalten Fundamente seiner Kontinentalpolitik aufgegeben. Während aber noch vor zwei Jahren der bekannte Deutschenfeind Sir Austin Chamberlain erklärte, dass England keinen Finger um den Polnischen Korridor rühren werde, und dass England kein Interesse an dem Korridor habe, sagt sein Bruder die englische Hilfe gerade für diese Ungerechtigkeit zu, die grösste von allen, die Versailles Deutschland auferlegte.

Diese Politik war nur zu verstehen als der Ausdruck des konsequenten Willens Grossbritanniens, unter allen Umständen und in einer nicht zu fernen Zukunft einen Vorwand zu finden, um gegen Deutschland loszuschlagen. Die Folgen dieser von England wohl vorbedachten Politik stellten sich, wie erwartet wurde, ein, und Sie, meine Volksgenossen in Danzig, haben sie an Ihrem eigenen Körper hinreichend fühlen müssen. Die Polen verfielen in einen Rausch des Grössenwahns. Wieder zeigten sich die wahren Absichten der englischen Politik. Anstatt Polen zur Mässigung zu raten, was sehr wohl möglich und für die englische Regierung nicht schwer gewesen wäre, wissen wir heute, dass England den Polen nicht nur keine Ruhe empfahl, sondern sie im Gegenteil zu Kundgebungen und zum Angriff anstachelte.

Ein Vermittlungsversuch des Duce

Ein anderer Beweis für den absoluten Kriegswillen der englischen Regierung gegen Deutschland sind die Ereignisse der letzten Tage, die dem Ausbruch des Krieges vorausgingen. Der italienische Botschafter in Berlin überreichte am 2. September eine Botschaft Mussolinis, in der dieser erklärte, Italien habe noch die Möglichkeit, eine friedliche Lösung des polnischen Konfliktes herbeizuführen. Die Havas-Agentur veröffentlichte am gleichen Tage eine Meldung, dass die französische Regierung sich diesem italienischen Friedensplan angeschlossen habe. Deutschland billigte ihn seinerseits ebenfalls, und noch am gleichen Nachmittag wurde er durch eine Erklärung des britischen Aussensekretärs Lord Halifax zurückgewiesen. Wenn der britische Premierminister Mr. Chamberlain es für angemessen hält, Deutschland der Sabotierung des Mussoliniplanes zu beschuldigen, so ist das ein beredter Beweis dafür, dass er eben kein ruhiges Gewissen hat.

Welthehenomie. Diese Behauptung ist schon in sich falsch und eitel. Denn jeder Schuljunge weiss heute, dass es irgend etwas, was einer Welthehenomie ähnelt, weder heute gibt noch jemals in Zukunft wird geben können. Aus dem Munde eines Engländers aber ist eine solche Behauptung eine Unverfrorenheit. Denn während 46 Millionen Engländer 40 Millionen Quadratkilometer beherrschen, d. h. mehr als ein Viertel der gesamten bewohnbaren Erdoberfläche, verfügt Deutschland für seine 80 Millionen Einwohner über nicht mehr als eine Bodenfläche von 800.000 Quadratkilometern. Während England 611 Dominions, Kolonien, Protektorate, Territorien Reservate und unter seinem Protektorat stehende Staaten besitzt, gibt es für Deutschland kein einziger Kolonialgebiet, über das es verfügen könnte. Wenn ich heute Namen für Namen alle die Völker aufzählen wollte, die England in der Welt beherrscht, so würde das sicher mindestens eine halbe Stunde dauern. Zum Beispiel: In Indien gibt es neben den rund 290 Millionen Hindus, die in den verschiedenen Provinzen Britisch-Indiens leben, noch 562 indische Fürstentümer unter britischer Souveränität. Es gibt kein Gebiet auf dem Erdball, wo nicht die britische Flagge gegen den Willen der betroffenen Völker weht, wo nicht den Weg des britischen Imperialismus Gewalttat, Missachtung und Lüge kennzeichnen.

So hat Grossbritannien im Laufe der Jahrhunderte seine ungeheuren Reichtümer aufgehäuft. Darum trifft der Vorwurf, die Weltherrschaft anzustreben, ausschliesslich England; dieser Vorwurf, gegen Deutschland gerichtet und von englischen Lippen, klingt höchst merkwürdig.

Der Führer hat die Ziele der Aussenpolitik Deutschlands zu wiederholten Malen klar und bestimmt umrissen, sie lassen sich in dem Satz zusammenfassen: Sicherheit des Lebens und der Zukunft des deutschen Volkes in seinem natürlichen Lebensraum, eine Sicherheit, die dem Deutschen ein Lebensniveau garantiert, das seiner würdig ist und das ihm volle kulturelle Entfaltung gestattet.

Während also die englische Regierung für die kapitalistischen Interessen und den Luxus einer hochstehenden Klasse kämpft und die grosse Masse des englischen Arbeiters täglich um seine Existenz und eine bessere soziale Stellung ringt, ist es das Ziel der nationalsozialistischen deutschen Regierung, jedem ihrer 80 Millionen Volksgenossen das tägliche Brot zu sichern. Und gerade diesem Lebensrecht, dem elementarsten eines Volkes, widersetzt sich England.

Deutsche Aussenpolitik nach 6½ Jahren

Und wie sieht nun das Ergebnis der deutschen Aussenpolitik dieser sechseinhalb Jahre aus? Der Prozess der Konsolidierung des Deutschen Reichs in Europa ist beendet. Die Ungerechtigkeit von Versailles ist wieder gutgemacht. Deutschland hat durch die Neuordnung der Dinge im Osten Gebiet für die Ansiedlung von Generationen und sucht gegenwärtig in diesem Gebiet alle über Europa verstreuten deutschen Gruppen, die umgesiedelt werden können, dort zu vereinigen. Hiermit werden definitive und klare Grenzen vom ethnischen Standpunkt aus geschaffen, die durch diese grosszügigen Umsiedlungen der Bevölkerung die Möglichkeit künftiger Konflikte beseitigen. Die Grenzen des Reichs im Norden, Süden und Westen sind jetzt endgültig, wie der Führer in seiner letzten Reichstagsrede erklärt hat.

Casa  Allemã



Teppiche

SPEZIAL-
ANGEBOT

ERWERBEN AUCH SIE
TEPPICHE DER BESTEN
QUALITÄT ZU VORTEIL-
HAFTEN PREISEN.

BESUCHEN SIE
UNSERE GROSSE
TEPPICH-AUSSTELLUNG
IM 2. STOCK

SCHÄDLICH, OBERT & CO. RUA DIREITA 162-190

Deutschland erhebt Frankreich und England gegenüber keine Forderung mit Ausnahme der Rückgabe der früheren deutschen Kolonialbesitzungen, d. h. die natürliche koloniale Betätigung, die einer Grossmacht zukommt. Der Wahnsinn von Versailles ist ausgelöscht und in Europa ist eine stabile Lage geschaffen worden. All dies ist das ausschliessliche Verdienst des Führers. Und gerade in dem Augenblick, in welchem diese Lage verwirklicht wurde, welche die Vorbedingung für einen dauernden europäischen Frieden darstellt, glaubt die englische Regierung den Augenblick für gekommen, einen Krieg auf Leben und Tod zwischen dem englischen und dem deutschen Volk entfesseln zu müssen. Die englische Regierung führt damit aber ein gefährliches Spiel um das Geschick des Imperiums aus. Wenn die englische Regierung diese Politik fortsetzt, die man als verbrecherisch bezeichnen muss sowohl vom Standpunkt des Interesses des englischen Volkes als auch der Menschlichkeit aus, dann wird der Tag kommen, an welchem die Geschichte sie als den Totengräber des britischen Imperiums verzeichnen wird.

Dass dies durchaus nicht im Interesse des deutschen Volkes noch des englischen Volkes liegt, kümmert scheinbar diese kleine Abenteuerclique nicht, die ihr Volk in unaussprechlichem Dilettantismus in den Abgrund führt. Als zu Beginn des Septembers der englische Botschafter mich zum letzten Male besuchte, verabschiedete ich mich von ihm mit den Worten, dass die Schreiber der Weltgeschichte es einst als eine Tragik unter geschichtlichem Standpunkt verzeichnen würden, dass England, ohne auch nur den geringsten Interessenkonflikt mit Deutschland zu haben, gerade dem Manne den Krieg erklärte, welcher die Politik eines Einverständnisses mit Grossbritannien zu seinem Glaubensbekenntnis erhoben hat.

Wortbrüche

Indessen hat es Chamberlain nicht anders gewollt. Aus seiner letzten Rede vor dem englischen Parlament, in der er das Angebot des Führers mit einer Mischung von Einfalt, englischem Dünkel und Pedanterie zurückwies, will ich nur einen einzigen Punkt herausgreifen, um die ganze Lüge der englischen Regierenden von heute zu charakterisieren. Dieser Punkt ist die Behauptung, dass Deutschland und sein Führer ihr gegebenes Wort gebrochen hätten und dass es nicht mehr möglich sei, dem Wort Deutschlands zu vertrauen. Wir haben in der letzten Zeit Gelegenheit gehabt, solche Erklärungen wiederholt aus dem Munde von Engländern zu hören. Diese Leute sind zu einer nützlichen Arbeit für die menschliche Gemeinschaft untüchtig. Um so gründlicher indessen bemühen sie sich, von ihrer Froschperspektive aus die Ereignisse und Vorfälle zu kritisieren, die von weltumspannender Auswirkung sind und deren innerstes Gesetz und äussere Bildung sie in ihren Spatzenhirnen nicht begreifen können. Es ist allerdings etwas anderes, wenn der politische Leiter des britischen Empires eine ähnliche Behauptung aufstellt. Denn eine solche entbehrt nicht nur jeglicher Grundlage, sondern hört sich gerade aus dem Munde eines britischen Ministers geradezu unglaublich an, wenn er von einem Wortbruch andere tadelt. Im Zusammenhang mit den Aktionen des Führers zur Konsolidierung der europäischen Lage ist dies nicht nur der Gipfel der Lügenhaftigkeit, sondern mehr noch eine grenzenlose Langweiligkeit.

Es braucht wohl nicht erst betont zu werden, dass die geschichtlich einzigartige Persönlichkeit des Führers über solchen lächerlichen Angriffen eines britischen Parlamentariers erhaben ist. Ich kann hier nichts anderes tun, als die Worte des Führers aus seiner letzten Rede vor dem Reichstag wiederholen, dass das Urteil der Geschichte Gottseidank nicht von skrupellosen Schreibern, sondern durch sein Lebenswerk geschrieben werden wird. Doch hinter diesem britischen Vorwurf des angeblichen Wortbruchs unseres Führers verbirgt sich eine neue Infamie und eine typisch englische Berechnung. Mit dieser Verleumdung des Führers durch den ehrenwerten britischen Parlamentarier will dieser danach trachten, das gesunde und ehrliche deutsche Volk von seinen Führern zu trennen.

Hier aber begehen die Herren Parlamentarier einen Kapitalfehler, denn heute ist das deutsche Volk Adolf Hitler und Adolf Hitler ist das deutsche Volk. Der Vorwurf des Wortbruchs, den Chamberlain macht, trifft daher jeden einzelnen dieser achtzig Millionen Deutschen. Ihr Danziger, die ihr auch ein Teil dieser achtzig Millionen Deutschen seid, ich frage euch, fühlt ihr euch schuldig? Nun denn, ich wollte mich heute abend zum Sprecher von euch und der achtzig Millionen Deutschen machen und Mr. Chamberlain folgendes sagen: dieses deutsche Volk stimmt nicht nur jedem Schritt und jeder Tat des Führers bei, sondern es begrüsst einen solchen auch begeistert, da er es aus den Fängen von Versailles befreit hat und ein für allemal erklärte, dass er eine ähnliche englische Unverfrorenheit nicht dulden wird.

Zum anderen sprechen wir Grossbritannien als Urheber aller des Unglücks von Versailles jedes Recht ab, irgendeine Handlung Deutschlands und der deutschen Regierung in den letzten Jahren zu bemängeln. Wenn man aber doch von Wortbruch reden will, dann glaube ich, hier in einstimmiger Ansicht des deutschen Volkes feststellen zu können, dass der grösste Wortbruch aller Zeiten an dem deutschen Volke begangen wurde, als im Jahre 1919 der Waffenstillstand abgeschlossen wurde. England war der Anstifter zu diesem Wortbruch, wie dies selbst führende englische Persönlichkeiten haben zugeben müssen. Ein englischer Staatsmann hat gar nicht das Recht,

die Bezeichnung „Wortbruch“ in den Mund zu nehmen und würde es, wenn er klug wäre, auch sorgfältigst vermeiden.

Einige Beweise aus der jüngsten Geschichte des britischen Empires werde ich hier anführen: In dem Vertrag von London aus dem Jahre 1915 versprach England den Italienern angemessene Entschädigungen in Kleinasien und Afrika für den Fall, dass England und Frankreich nach Beendigung des Krieges ihren Besitz in der Türkei, Asien oder Afrika vermehren sollten. Was aber tat Grossbritannien? England brach das Italien gegebene Wort und versuchte es dann später mit einigen Sträuchern in der Wüste von Juuba zu beschenken. Nur dem eigenen Vorgehen des Duce gelang es, im Jahre 1936 durch eigene Kraft und im erbitterten Kampf gegen England diese Zugeständnisse selbst zu holen. Dies geschah angesichts des flagranten Wortbruchs Grossbritanniens. Zweites Beispiel: Im Jahre 1915 versicherte die englische Regierung den Arabern durch den Mund des englischen Hohen Kommissars in Aegypten die Verfassung eines Araberstaates, der alle arabischen Gebiete einschliesslich Palästinas umfassen sollte. Was aber tat England? Der unabhängige Araberstaat wurde nicht gebildet und der bekannte englische Oberst Lawrence, der die Araber für die Sache Englands gewann und während des Konflikts im Namen der englischen Regierung sein Wort verpfändete, nahm seinen Abschied, als er den Wortbruch und den Vertrauensmissbrauch seiner eigenen Regierung sah. In diesem Falle war der Betrug der englischen Regierung zudem ein doppelter, denn trotz der den Arabern gemachten Versprechen gestand man noch während des Krieges den Juden in der Balfour-Erklärung das arabische Gebiet Palästina zu. Mit diesem Versprechen an die Juden wollte England den Juden Einfluss verschaffen, um den Eintritt Amerikas in den Krieg gegen Deutschland zu erreichen. Dies war ein doppelter Betrug der englischen Regierung.

Drittes Beispiel: Während des Krieges versprach die englische Regierung, am 20. August 1917, den Hindustanern völlige Autonomie und den anderen britischen Dominionen die Staatsbildung. Was aber tat Grossbritannien? Auch dieses Wort wurde Indien gebrochen, das heute, zwanzig Jahre nach dem Krieg, unter dem leichten Deckmantel scheinbarer Konzessionen nichts anderes ist als es gewesen war, eine britische Kolonie. Hier liegt ein weiterer englischer Wortbruch vor. Wie wir in der englischen Presse lesen konnten, hat England vor einigen Tagen Indien wiederum die Autonomie versprochen. Wir können schon im voraus den Bruch auch dieses Wortes verzeichnen.

Viertes Beispiel: Während des Weltkrieges ging das britische Empire in Nordamerika riesige Schulden auf Rechnung der Kriegsversorgung ein, unter den klaren und präzisen Versprechungen der Rückzahlung. Was aber tat Grossbritannien? England brach einfach diesen Kreditvertrag und hat niemals bezahlt. Grossbritannien denkt auch gar nicht daran, in Zukunft diese Summe von zehn Milliarden zu bezahlen, jetzt aber ruft es von neuem in Nordamerika nach Krediten und Unterstützung. Auch diesmal rechnet es auf Lieferungen von Kriegsmaterial gegen Deutschland. Genau so wie im Weltkrieg wollten auch heute gewissenlose Elemente wieder mit solchen Krediten Blutgeld verdienen. Es wird indessen interessant sein zu beobachten, ob das nordamerikanische Volk das schon damals die englischen Kriegsschulden auf seine Schultern nehmen musste, bereit sein wird, neue Opfer auf sich zu nehmen, die absolut keinen Sinn haben und nur seinen Lebensstandard herunterdrücken.

Fünftes Beispiel: Am 30. September 1938 schloss Mr. Chamberlain in München auf eigenes Drängen mit dem Führer ein Abkommen, in welchem der Wunsch geäussert wurde, dass beide Völker niemals mehr miteinander Krieg führen wollen. Was aber tat Mr. Chamberlain? Er brach dieses Abkommen. Er duldet, wenige Tage nach seiner Rückkehr nach London und nach Abschluss dieses Abkommens die wildeste Kriegssagitation gegen Deutschland, er predigte mit allen Mitteln die Aufrüstung und beteiligte sich selbst an der Agitation und erklärte schliesslich am 3. September Deutschland den Krieg, wodurch er das Münchener Abkommen brach.

Diese Beispiele von Wortbrüchen stammen erst aus der letzten Zeit. In Wirklichkeit finden sich in allen Etappen des Aufbaus des britischen Empires in den letzten Jahrhunderten unzählige Wortbrüche. Nicht umsonst hat der Volksmund in aller Welt das Wort vom „perfiden Albion“ geprägt. In kurzem vollenden sich zweihundert Jahre, seit dem Tage, an welchem Friedrich der Grosse von den

Engländern im Stich gelassen wurde. Er sagte damals: „Einem Verbündeten die Treue brechen, Ränke schmieden wie kein Feind sie ersinnen könnte, mit Eifer an dem Untergang arbeiten, ihn verraten und verkaufen, ihn hinterücks verwunden, all diese Niederträchtigkeiten, solche schwarzen und unwürdigen Aktionen — hier hat man England.“

Am schwerwiegendsten indessen ist dieser Vorwurf an das deutsche Volk, wenn er aus dem Munde eines englischen Ministers kommt. Jedes einzelne der vom Mr. Chamberlain im englischen Parlament am 13. Oktober ausgesprochenen Worte deutet auf einen Abgrund hin, der zwischen der grossherzigen und säkularen, von geschichtlichem Sinn durchdrungenen Haltung des Führers und des materialistischen Starrsinns Mr. Chamberlains klafft. Mr. Chamberlain sprach gewiss vom Frieden, doch dieser Frieden heisst: zurück zu Versailles und der Vernichtung des Nationalsozialismus. Dieser Frieden würde die Fortdauer der Zwietracht, der Unruhe und der Unordnung in Europa und die Vernichtung des deutschen Volkes bedeuten. Aber, Mr. Chamberlain mag sich noch so anstrengen, diese Zeiten kommen nie mehr wieder, und der Gedanke, ein 80-Millionen-Volk vernichten zu wollen, kann nur der der Unvernunft sein.

Das Friedensangebot

Das geschichtliche Friedensangebot des Führers im Reichstag ist von Mr. Chamberlain nicht einmal verstanden worden, denn in einer seltenen Konsequenz seiner verkehrten Politik gegenüber Deutschland machte er einen neuen Fehler, den er niemals begehen durfte und vor welchem ihn der Führer ausdrücklich in seiner Rede gewarnt hatte: Chamberlain hat wirklich das Angebot des Führers als ein Anzeichen der Schwäche Deutschlands ausgelegt. Er hat den hohen ethischen Wert und die hohe Position vollkommen verkannt, von welcher aus der Führer dieses Friedensangebot an England erging liess, um ein vollkommen sinnloses Blutvergiessen unter den Völkern zu vermeiden. Mr. Chamberlain hat jetzt die Friedenshand endgültig zurückgestossen, die Deutschland ihm hin gestreckte. Der englische Premierminister hat damit vor der ganzen Welt die schwere Verantwortung auf sich genommen und zugleich von neuem bewiesen, dass, was Deutschland auch immer tun mag, England diesen Krieg gegen es führen will.

Deutschland entschlossen zum Krieg

Deutschland hat diese britische Herausforderung angenommen. Das deutsche Volk ist jetzt entschlossen, den Krieg gegen die britischen Kriegshetzer zu führen und nicht eher die Waffen aus der Hand zu legen, bis die Sicherheit des Reiches in Europa garantiert ist und es sicher ist, dass niemals wieder ein ähnlicher Angriff gegen das deutsche Volk geführt werden kann. Der englische Premierminister proklamiert die Notwendigkeit des Verschwindens der deutschen Regierung. Ich will nicht die Notwendigkeit des Verschwindens der britischen Regierung und ihrer Hetzer proklamieren, denn ich bin der unverrückbaren Überzeugung, dass im Laufe der Ereignisse das englische Volk es selbst sein wird, das dies besorgt. Dieses englische Volk, das gegen seinen Willen in diesen Krieg gegen Deutschland gestürzt wurde, Mr. Chamberlain und jene, die mit ihm die Schuld an diesem Kriege tragen, werden eines Tages dann Zeit und Gelegenheit haben, darüber nachzudenken, ob sie gut beraten waren, als sie das Friedensangebot Deutschlands zurückwiesen und dies als ein Symptom der Schwäche ausdeuteten, und Deutschland herausforderten. Das deutsche Volk steht zu einem stählernen Block mit dem Nationalsozialismus zusammengeschweisst, es folgt einmütig dem, der es führt und vor allem, vor dem Reich steht heute ein Heer, eine Marine und eine Luftwaffe, die sich durch jüngste Taten mit Ruhm bedeckten. In vollem Bewusstsein, dass das Recht auf seiner Seite steht und dass bis zum letzten Augenblick alles getan wurde, was in seiner Macht stand, um diesen Krieg zu verhüten, der ihm aufgezwungen wurde und der absolut keinen Sinn hat, wird Deutschland ihn mit der gewaltigen Macht seiner ganzen nationalen Kraft bis zum Ende führen. Dieses Ende in dem für das deutsche Volk entscheidenden Kampfe kann nur ein grosser deutscher Sieg sein. Und das garantieren uns Deutschen unsere eigene Kraft und unser Glauben an den Mann, der für uns das Höchste in der Welt bedeutet, unser Führer.“

Danzigs Staatsoberhaupt



Gauleiter Albert Forster

riges Problem bleiben und an Bedeutung der Nahrungsmittelversorgung Grossbritanniens ungefähr gleichkommen.

Auch Deutschland ist bekanntlich ein Land mit geringem Erdölvorkommen. Dagegen verfügt es über reiche Kohlenlager. Die staatliche Wirtschaftsplanung hat daher die Mineralölwirtschaft in ihren Bereich gezogen und die Auswertung heimischer Rohstoffe ermöglicht. Ausserdem hat auch Deutschland riesige Treibstoffvorräte eingelagert. Natürlich kann es jetzt, nachdem es durch die englische Blockade von der überseeischen Zufuhr abgeschnitten ist, nicht mehr aus dem Vollen schöpfen, denn der Treibstoffverbrauch eines modern ausgerüsteten Heeres ist sehr gross und die Dauer des augenblicklichen Konfliktes ist vorläufig nicht abzusehen. Das Reich führte daher für den Treibstoffverbrauch die Bezugsscheinpfllicht ein, und vom 20. September ab ist die Benutzung von Kraftwagen nur noch durch besondere Genehmigung möglich, die ausschliesslich für kriegswichtige Zwecke erteilt wird.

Weit über die Vorratslagerung hinaus ist Deutschland daran gegangen, eine ungeheure Eigenproduktion an Treibstoffen anlaufen zu lassen. Die zur Herstellung dieser Güter entwickelten Verfahren stellen eine Pionierarbeit für die internationale Chemie dar. Die Verfahrenprobleme sind sämtlich praktisch gelöst. Deutschland kann Flugmotorenstoffe von überragender Qualität herstellen, Automobilbenzine jeder gewünschten Eigenschaften und Dieselkraftstoffe höchsten Gebrauchswertes, desgleichen sämtliche Schmieröle. Im ganzen Lande wurden eine Reihe von Kohlehydrierwerken erbaut, die aus inländischer Kohle synthetisches Benzin herstellen. Die deutsche chemische Industrie, die auch während des Weltkrieges Hervorragendes leistete, wird in kurzer Zeit eine immer grössere Wirtschaftlichkeit und Verbilligung der Erzeugung erzielen und allmählich dahinkommen, dass die direkte Einfuhr von hochwertigen fertigen Kraftstoffen gänzlich durch die heimische Erzeugung abgelöst sein wird. Zieht man die Einschränkung des Autoverkehrs in Betracht, dürfte es der deutschen Regierung möglich sein, den Ausfall der bisher getätigten Auslandslieferungen durch den einheimischen Rohstoff, die Kohle, sowie das deutsche Erdöl zu ersetzen und damit der kämpfenden Truppe so viel Treibstoff zu sichern, wie sie zur er-



Hier findest Du alles...

was Dich freut und interessiert: Das Schönste der Mode mit zuverlässiger Beratung (auch beim Selbstschneiden), hübsche Handarbeiten, spannende Romane und Novellen, das Neueste von Film, Theater und Sport, durchdachte Schönheitspflege, praktische Vorschläge und Rezepte für den Haushalt, auch guten Rat bei allen privaten Sorgen — ja: „Hella“ bringt alles, was Du Dir nur wünschen kannst!

„Hella“ — die Frauen-Illustrierte für alle Jungen u. Junggebliebenen — vierzehntägl. nur 30 Pf. (m. Schnittbg. 40 Pf.).

Beyer — der Verlag für die Frau — Leipzig — Berlin — Wien.

Die deutsche Treibstoffversorgung

Die ersten Kriegswochen sind vorüber. Mit militärischen Massnahmen ist England gegen Deutschland nicht auf den Plan getreten, umso stärker hat es den Wirtschaftskrieg aufgenommen. Auf diesen Wirtschaftskrieg hat es sich nach Verlautbarungen seiner Staatsmänner seit Jahren vorbereitet und Pläne ausgearbeitet, die nunmehr zur Durchführung gelangen. Seit etwa 2 1/2 Jahren wird in England mit Hochdruck daran gearbeitet, die Treibstoffversorgung für den Kriegsfall sicherzustellen. England ist aber nur in der Lage, knapp 7 vH. seines Treibstoffbedarfes in Friedenszeiten aus einheimischen Rohstoffen zu decken, während 93 vH. zum Teil in Form von Benzin, zum Teil in Form von Rohöl eingeführt werden müssen. Ueberall in der Welt, vor allem im Orient und in Mittelamerika, hat England Oelkonzessionen

erworben, sodass es über einen reichen Rohstoffbesitz verfügt. Es hat auch nicht versäumt, eine riesige Oeltankflotte zu bauen, die jedoch bei weitem nicht ausreichen dürfte, im Hinblick auf die Gefährdung der Anmarschwege, die von England benötigten Erdölmenngen von den Fördergebieten nach dem Inselreich zu transportieren. In Friedenszeiten betrug der englische Treibstoffbedarf 10 Millionen Tonnen jährlich, im Kriege dürfte er sich mindestens verdoppeln, bei einem Offensivkrieg aber verdreifachen. In ähnlicher Lage befindet sich Frankreich, das allerdings stärker sein Augenmerk auf die Entwicklung „nationaler Treibstoffe“ wie Holzgas und Treibspirit gelenkt hat, auch erhebliche Vorräte ansammelte. Trotzdem wird die Treibstoffversorgung der beiden kriegführenden Mächte England und Frankreich ein schwie-



DIE NÄHMASCHINE
FÜR JEDEN HAUSHALT

Agenten an allen Plätzen

THEODOR WILLE & CIA. LTDA.
AVENIDA RIO BRANCO 79/81
RIO DE JANEIRO

Rio-Besucher
besucht
DANUBIO AZUL
Avenida Mem de Sá 34
Telefon 22-1354
Prima Küche
Täglich Konzert
Im ersten Stock Tanz

Ärzte-Tafel von Rio de Janeiro

Säuglings- und Kinderarzt Dr.
Lages Netto
Privat-Dozent
früherer Assistent der Universitäts-Kinderklinik der Charité, Berlin

Dr. W. Huber
Spezialarzt — Chirurgie und Frauenleiden.
Sprechstunden täglich von 3—6 Uhr.
Alvaro Alvim Nr. 24/8, Cinelândia
Telephon 22-2657.

Haut- und Geschlechtskrankheiten
Dr. Paul Cardozo-Legène
in Deutschland ausgebildeter und approbierter Arzt
Rua Alcindo Guanabara 15, 4. Stock
Telephon 22-0912
Sprechstunden: 9—12 und 3—6
Samstag: 9—11 und 12—3 Uhr

Dr. Fridel-Tschöpke
Säuglings- und Kinderarzt. Moderne Behandlung der Ernährungsstörungen (Brechdurchfall, Blutarmut, Tuberkulose und Hautkrankheiten, Ultraviolet-Strahlen).
Consultorio: Rua Miguel Couto Nr. 5
von 2—5 Uhr. Tel. 22-0713. — Wohnung: Tel. 22-9930

Dr. Archimedes Pecanha
Adjunto do serviço do Dr. Paulo Brandão no H. S. F. de Assis
Ohren-, Nasen- und Halsleiden
Consultorio:
Rua Quitanda 5 — Tel. 22-5550



Rua Itapirú 385 - RIO

VORANZEIGE

Sonnabend, den 4. November

Musikalischer Unterhaltungs-Abend

unter freundlicher Mitwirkung des Orchesters des „Bund der schaffenden Reichsdeutschen“

Gesamtleitung:
Georg-Hering-Marçal

Uebersetzungen
Dr. Bruno Zander
Berechtigter Übersetzer
Rua 13 de Maio 37, 1. St.
Tel. 42-4668 - Rio.

Preiswert **Kölnisch Wasser** Erfrischend
das beliebte Qualitätsprodukt der
Deutschen Apotheke - Rio de Janeiro
Rua da Alfandega 74 - Tel. 23-4771

Deutsches Heim, Rio de Janeiro
Rua 7 de Setembro 140 - 1. Stock
Tel. 42-3601
Mittags- und Abendtisch auch nach der Karte
Stets frischer Schoppen — Reichhaltige Getränke

Bar und Restaurant Fischerklause Rua Th. Ottoni 126
RIO - Tel. 43-5178
Deutsche Küche — Brahma-Chopp
Inhaber: **Fritz Schade**

Therezopolis - Varzea
Verkaufe ein schön gelegenes Grundstück; hat 144 Meter Front. Informationen in der Padaria Santo Antonio bei Herrn Antonio Galvão in Therezopolis-Varzea

Sprechstunde:
Travessa Duvidor 36
4. St. - Tel. 43-4138
Täglich v. 2—4,30 Uhr

Wohnung:
Deutsches Krankenhaus
Telephon 28-7060

Dr. L. Guimarães Dahlheim
praktischer Arzt
Sprechstunden 3—6 Uhr,
Samstag 2—4 Uhr
Rua Aranzo de Porto
Alegre 70 - Tel. 42-7540

Deutsches Haus
Sonn- und Feiertags:
Spezialplatte
Ökonom: A. Fröse
Schönster Aufenthalt
Praia Jacarajy 251
Rietheroy

Reparaturen sämtlicher Uhren garantiert



Josef Herold
Uhrmacher
Rua da Alfandega, 130

folgreichen Durchführung der Kriegshandlungen benötigt.

Schon wir uns einmal ein solches Hydrierwerk, wo mit Hilfe der Hochdruckhydrierung Benzine von einer allen Anforderungen entsprechenden Klopffestigkeit erzeugt werden können, etwas näher an. Es handelt sich um ein Werk von gigantischem Ausmass, das in Pommern, in nächster Nähe von Stettin, entstanden ist und in wenigen Monaten seinen Betrieb aufnehmen wird. Das Industriegelände ist rund 2 Millionen qm gross. Das Werk, das nach Fertigstellung zu den grössten deutschen Treibstoffwerken gehören wird, soll den gesamten deutschen Ostseeraum mit Treibstoff versorgen. Es wird ausschliesslich oberschlesische Kohle verwandt werden, für deren Verarbeitung besondere Einrichtungen geschaffen werden, die in Deutschland bisher noch nicht ihresgleichen haben. Neben den eigentlichen Hydrieranlagen wird eine grosse Anzahl von Zusatzanlagen das Werk vervollständigen. In grossem Ausmass wird zur Kohlehydrierung Wasserstoff benötigt, der aus dem bei dem Hydrierungsprozess anfallenden Gasen gewonnen wird. Die Wasserstoffanlage bei Stettin ist die erste ihrer Art. Sie ist instand, täglich eine ganze Anzahl von Luftschiffen und Ballons mit Wasserstoff zu versorgen. Das gesamte Bauvorhaben wird Ende 1940 beendet sein.

Nur mit einer Woge von Oel ist also, wie man sieht, der gegenwärtige Krieg der europäischen Grossmächte durchzuführen. Gibt es kein Oel, so können keine Schiffe fahren und keine Luftflotten zum Angriffsflug aufsteigen. Im Weltkrieg verbrauchten die Alliierten allein an der Front in Frankreich und Belgien im Jahre 1918 eine halbe Million Tonnen Treibstoffe im Monat, das ist ungefähr die gesamte Produktion Rumäniens im Jahre 1938. Die Verteidigung der Heimat ist für England kaum möglich, wenn die Oelvorräte durch Unterbrechung der Zufuhren gefährdet werden, während Deutschland eher in der Lage ist, sich infolge seiner ungehe-

ren Anstrengungen auf dem Gebiete der Herstellung höchstwertiger Benzine aus der heissen Steinkohle längere Zeit zu behelfen,

zumal es ihm gelungen ist, sich in dem Feldzug gegen Polen dessen Erdöl mit 500 000 to Rohöl Jahresproduktion zu sichern.

Empfang beim deutschen Botschafter in Rio de Janeiro

Am Donnerstagabend (19. Oktober) hatte der neue deutsche Botschafter in der Bundeshauptstadt, Herr Dr. Kurt Prüfer, und Frau Gemahlin eine Anzahl führender Persönlichkeiten der deutschen Kolonie in Rio nach den schönen Räumen des Botschaftsgebäudes geladen. Gesandtschaftsrat von Cossel hatte die Vorstellung jedes einzelnen Gastes liebenswürdigweise übernommen. Der erst vor wenigen Wochen aus Deutschland eingetroffene Reichsvertreter begrüsst jeden Volksgenossen aufs kameradschaftlichste und gewann bereits mit dem ersten Händedruck alle Sympathien. In angeregter Unterhaltung liess er sich von den kleinen und grossen Sorgen der deutschen Kolonie erzählen. Auch der Rio-Vertreter des „Deutscher Morgen“ hatte Gelegenheit, den Botschafter ausführlich zu sprechen, wobei dieser sein Interesse für die anschlussreiche Wochenzeitung bekundete, die ihm übrigens schon von drüben bekannt

war. Er schilderte weiter, dass die Stadt Rio de Janeiro mit ihrer einzigartigen landschaftlichen Umgebung auf ihn einen gewaltigen Eindruck gemacht habe, und dass man sie wohl mit Recht als die schönste Stadt der Welt bezeichnen könne. Dieses Urteil kommt aus einem berufenen Munde, da Herr Dr. Prüfer bereits in anderen Erdteilen als Diplomat tätig war, so u. a. in Indien und in Abessinien. In Addis Abeba weilte er gerade zur Zeit der Besetzung durch die Italiener. Auch das in letzter Zeit viel genannte Scapa Flow ist ihm nicht unbekannt. Ausser den Herren von der Botschaft und ihren Damen waren die leitenden Persönlichkeiten der deutschen Vereine erschienen, von denen besonders der Bund der schaffenden Reichsdeutschen, die Vereinigung ehemaliger deutscher Soldaten (Kyffhäuser), die deutsche Vereinigung und der Gesangverein „Lyra“ erwähnt seien.



Unsere **Vertretung** in **Rio de Janeiro** befindet sich

Rua dos Andradas 84
2. Stock, App. 23
Telefon 23-4977
Franz Kumlau

1700 „Brocken“ wurden in Rio de Janeiro gesammelt

Die Frauengruppe des Bundes der schaffenden Reichsdeutschen in der Bundeshauptstadt ist mit grosser Einsatzbereitschaft am Werk. Vor drei Monaten bereits hatte sie eine von grösstem Erfolg gekrönte Sammlung veranstaltet. Am vergangenen Sonntag nun waren alle Mitglieder ausnahmslos tätig, um für die durch den Krieg besonders betroffenen Deutschen Kleidungsstücke und Wäsche heranzuschaffen. Die Gekleidetheit aller Volksgenossen war wieder über Erwarten gross und half ein Rekordergebnis erzielen: Die Kameraden des Bundes konnten 1700 „Brocken“ nach dem Deutschen Heim schaffen, wo zahlreiche fleissige Hände unermüdet alle Stücke musterten und verarbeiteten; dazu kommt noch eine Nachlese von Gaben, die erst für die nächsten Tage bereitgestellt

wurde. Was unter dieser genannten Anzahl von „Brocken“ zu verstehen ist, soll hier im einzelnen kurz angeführt werden: Berge von Schlusen, Kleidern, Anzügen — allein 92 gute Herrenanzüge — Strümpfe, Krawatten, und vor allem die so dringend benötigte Kinder- und Frauenwäsche. Besonders erfreulich war zu sehen, mit wieviel Sorgfalt alles gewaschen, geplättet und zusammengelegt war. Das Auspacken hat, wie alle freiwilligen Mitarbeiterinnen und Mitarbeiter versicherten, dadurch wirklich Freude gemacht. Die Leitung des BdsR spricht allen Helfern ihren aufrichtigen Dank aus und weiss, dass die Freude der Beschenkten für alle beim neugebildeten Deutschen Hilfswerk Mitwirkenden der heste Lohn sein wird.

Deutsche Botschaft Rio de Janeiro

Rua Paysandu 93, 3. Stock, Telephon Nr. 25-2804/08 ist ersucht worden, den Aufenthalt der nachstehend aufgeführten Personen, hezw. ihrer Nachkommen, zu ermitteln. Wer Auskunft über die Gesuchten geben kann, wird gebeten, der Deutschen Botschaft Mitteilung zu machen. (Sprechstunden der Botschaft sind werktätlich von 9—12 1/2 Uhr).

Arend, Hans, geb. 13. 3. 1897 in Weinbergen bei Lemberg; Arnhold, Karl Hermann, geb. 4. 12. 1914 in Leipzig; Artmann, Francisco und Francisca, geb. Krug; Berger, Melita, ungefähr 20 Jahre alt; Bilian, Rodolfo; Brozsky, Margarita Maria Amalie, geb. Spitteller; Bühler, Siegfried; Dittmer, Fritz; Engelsberger, Leopold, früher an der Linha Sorocabana wohnhaft gewesen; Faetsch, Karl; Flocke, Johann Wilhelm, Ingenieur, früher in Ponta Grossa; Frontzek, Wilhelm, früher Colonia Raul Soares, Pará de Minas; Gerlach, Walter; Glückselig, Friedrich, geb. 16. 12. 1913 in Wien; Grave, Kurt; Güttler, Hermann, früher in Nilopolis, Staat Rio, wohnhaft gewesen; Heilbronn, Walter, aus Pforzheim; Heinecke, Harry; Henders, Erich Israel, geb. 11. 2. 1895 in Berlin; Henschel, Ella; Herburg, Amanda Marie, geb. 27. 12. 1917 in Engeln; Hesse, Horst; Hofmeister, Paul Georg und Norbert; Holzmann (Bauingenieur oder Bautechniker), soll angeblich Saarländer sein; Hundt, Carlos; Jacobs, Karl, geb. 31. 5. 1916; Jakobus, Kurt, geb. 1. 8. 1902 in Osterode; Joesting, Ernst Joachim, geb. 9. 2. 1901 in Hamburg; Jurka, Hermine; Katschewski, Salomon; Klein, Michael; Kropmann(s), Peter, angeblich in Therezopolis, Pimenteira; Krug, Willi, aus Porto Alegre, geb. 23. 1. 91; Lichtenberg, Rohlf und Anna, geb. Buchholz; Löhner, Gottlieb, Inhaber eines Spielwarenimportgeschäfts; Lutz, Alberto, geb. 26. 7. 1883 in Kehl; Mager, Herbert, geb. 26. 5. 1911 in Berlin; Meyer, Georg Johannes, geb. 27. 7. 1896 zu Lübeck; Mitterlehner, Josef; Moeser, Rudolf Willi, geb. 16. 1. 1919 in Hamburg; Moeser, Marie Johanna Helene, geb. 15. 9. 1898 in Hamburg; Möhlenhoff, Bernhard, geb. 1892 in Aumund; Mosen-Cantille, Caroline; Mosse, Nathan und Edith, geb. Weiss; Müller, Hilde, geb. Geballe, geb. 3. 2. 1904 in Berlin; Nebel, Kurt;

PETER JURISCH
RECHTSANWALT
RIO DE JANEIRO — CAIXA POSTAL 136
EDIFICIO ODEON, SALA 1208



SCHUPP
DAS DEUTSCHE FACHGESCHAFT FÜR EDELSTEINE
SCHMUCK
GESCHENKARTIKEL

RUA MIGUEL COUTO 42-44,
FAHNER: RUA das OURIVES. RIO DE JANEIRO

Neufend Joseph, früher in Arassuahy (Minas); Ninitzsch, Dr. Zoran; Nowodowski, Emilie, Wilhelm u. Wilhelmine; Oberdieck, Hans Robert, angeblich in São Lourenço wohnhaft; Pallai, Alexandre; Paulisch (Paulirsch), Hermine; Petersen, Ing. Willy, geb. 9. 6. 1900 in Radenbeck bei Lüneburg; Praus, Wilhelm; Prebeck, Georg, geb. 20. 10. 1892 in Hügling; Preindl, Johanna, geb. Bunatta; Rabinowitz, Joseph; Richter, Friedrich, früher in Colonia Raul Soares, Pará de Minas; Schacht, Albert, 1937 in Santos wohnhaft gewesen; Scherer, Hanns; Schlesinger, Sarah, geb. Schlomer; Schmdt Joseph, geb. 9. 12. 1916 in Basel; Schneid, Willi Richard, geb. 15. 3. 1913 in Frankfurt am Main; Scholz Lokay, Johann, früher in Ponte Mello Vianna via Patrocínio wohnhaft gewesen; Schröder, Johannes; Seifer, Willi, geb. in Ehrang bei Trner, ca. 70 Jahre alt; Stadlmayr, Fritz, von Beruf Tapezierer, bis Ende 1938 in Cruzeiro; Stahl-Schröder, Arved; Steinger, Karl; Thiel, August, geb. 20. 4. 1906 in Altona; Tököt, Walter, geb. 17. 7. 1906 in Beuthen; Urban, Georg; Valcarce, Germano; Wedemeyer, Dr. früherer Marine-Assistenzarzt; Wichan, Elsa; Wicher, Karl, Georg, geb. 9. 5. 1919 in Hagen; Willi, Karl; Wimmer, Roberto; Würfel, früher in Taubaté wohnhaft gewesen; Zauss, Alfred und Eugenie; Zobel, Hans Arthur.

Wochenschau hierzulande

Bei einem Besuch des Bundespräsidenten in der Nationalen Schule für Leibesübungen wurde ihm von dem Direktor der Anstalt die Weltrekordschwimmerin Maria Lenk vorgestellt.

Die Vorfeste zum 15. November, des 50. Jahrestages der Republik beginnen in der Bundeshauptstadt bereits am 10. November, der bekanntlich als Jahrestag des Neuen Staates gilt. Am Abend wird auf der Praça de Paris ein Volksfest stattfinden, bei dem zwölf Kapellen spielen.

Das Sozialversicherungsinstitut der Industriearbeiter in Rio hat mit der Errichtung eines grossen Volksrestaurants auf der Praça da Bandeira begonnen. Täglich sollen 4.000 Mittagmahlzeiten verabfolgt werden.

In Rio Grande do Sul wurden im Hinblick auf die erhöhten Viehpreise folgende Preiserhöhungen von frischem Rindfleisch zugelassen: 1. Qualität 2\$100 pro Kilo, 2. Qualität 1\$600.

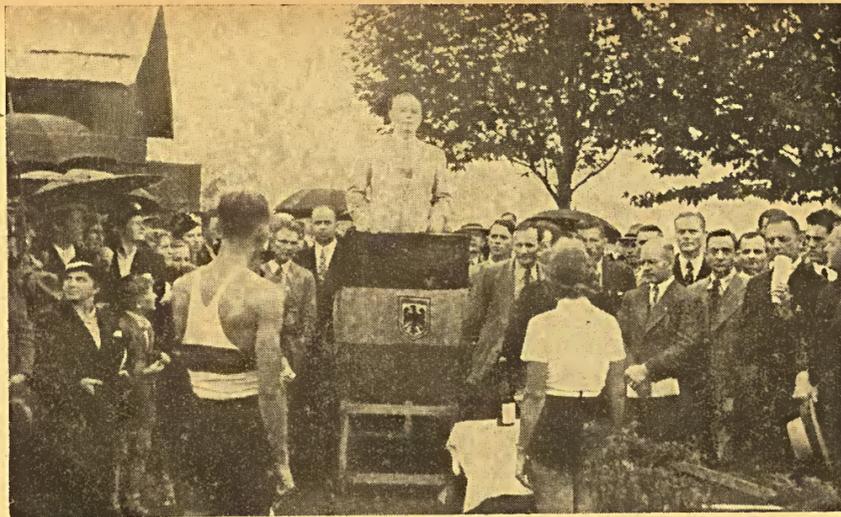
Bei einem Besuch im Hause des brasilianischen Pressverbandes in der Bundeshauptstadt hielt der Bundespräsident, Herr Getulio Vargas, eine Ansprache, in welcher er u. a. ausführte: „Die internationalen Konflikte, die seit 1918 auf bestimmte Gebiete beschränkt waren, nehmen heute Ausmass von grösstem Ernst an und ziehen die grossen zivilisatorisch schöpferischen Völker des Abendlandes hinein. Von unserer Seite, als Amerikaner und Brasilianer, können wir das nur beklagen. In politischer Hinsicht bindet uns aber nichts an die Kriegführenden. Nicht bestehen in dieser oder jener Hinsicht enge Bande der Sprache oder der Sitten, die uns unmittelbar hineinziehen und erregen. Wir stehen gleichweit entfernt von den beiden Gruppen durch unser politisches Denken, wir würden, um in den Kampf einzugreifen, nicht einmal die Rechtfertigung haben, wirtschaftliche Interessen zu verteidigen, die im allgemeinen bei den Zwistigkeiten unter den Völkern am meisten zu bewaffneten Zusammenstossen treiben. Dies sind auch jetzt die bestimmenden Motive des europäischen Konfliktes, der in jedem neuen Abschnitt den Charakter des Ringens zwischen entgegengesetzten Ideologien verliert. Die Bündnisse bilden sich oder verschwinden, nicht infolge der Verwandtschaft der Weltanschauungen, sondern nach der Berechnung und dem Ausgleich der Interessen, die leicht die sogenannten Streitigkeiten doktrinärer Art herabdrücken oder einander angleichen. Die Realität der Tatsache erteilt uns also eine wertvolle Lehre, an die wir uns erinnern müssen, immer wenn man bestrebt ist, voreilige oder tendenziöse Schlüsse zu ziehen über den Wiederhall der internationalen Ereignisse in den inneren Geschäften des Landes. Das brasilianische Volksbewusstsein wies uns gebieterisch den Weg an, den wir zu gehen haben. Indem wir das Neutralitätsgesetz dekretierten, suchten wir, zur selben Zeit durch unsere aktive Teilnahme an der Konferenz von Panama, noch näher die Bande der Solidarität zu stärken, die uns an die Völker des amerikanischen Kontinentes binden ... Nachdem so auf klare und genaue Weise unsere Haltung festgelegt ist, fällt der Presse die Aufgabe zu, der Regierung zu helfen und mit ihr zusammen zu arbeiten, den öffentlichen Geist ruhig und vertrauensvoll zu erhalten, zu vermeiden, dass er erregt wird mit der Verbreitung von Nachrichten und Eindrücken alarmierender Charakters, die mit

Deutsches Volksfest in S. Paulo — ein voller Erfolg



Das organisatorisch glänzend vorbereitete Grosse Volksfest auf dem Sportplatz des einzigen deutschen Turn- und Sportvereins D. T. D. erfüllte trotz der Ungunst der Witterung alle daran geknüpften Erwartungen. Der Sonnabendabend führte die Mitglieder der deutschen Kolonie in ungezählten Scharen nach der festlich hergerichteten Stätte, wo für Unterhaltung aller Art, Konzert, Tanz, körperliche Pflege und Zerstreung gesorgt war. Man kann wohl behaupten, dass die Vorbereitungen jene des 1. Mai bei weitem übertrafen, und dass die Fülle in den vielen Räumlichkeiten und Ständen geradezu beängstigende Ausmass erreichte. Die Losung „Gemeinnutz geht vor Eigennutz“ stand gross über aller Freude und Fröhlichkeit, und so war es kein Wunder, dass z. B. die Lose der reichhaltigen Tombola bereits am Sonnabend zum grössten Teil vergriffen waren. Als die Festeilnehmer am Sonntagfrüh aufbrachen, hatte sich allerdings der Himmel in ein graues, schweres Wolkenkleid gehüllt. Nach Monaten ungestörter Trockenheit, die zuletzt fast lästig empfunden wurde, musste es gerade an diesem Volksfestsonntag unaufhörlich über São Paulo

niedertropfen. So ist nur erklärlich, dass die Gästezahl auch am Sonntagnachmittag, als der Regenschleier schwand, nicht so stattlich war, wie die Festleitung bei Sonnenschein vorausgesetzt hatte. Dennoch wurde die Folge der sportlichen und unterhaltenden Darbietungen mustergültig abgewickelt. Im Mittelpunkt des Festes stand die feierliche Taufe eines neuen Bootes der Ruderabteilung des D. T. D. Generalkonsul Dr. Molly, der den Ehrenschutz für dieses Fest übernommen hatte, hielt die Taufansprache. Von diesem Taufakt bringen wir die obenstehenden Aufnahmen. Der Erlös der recht stattlichen Einnahme ist dem vom Deutschen Generalkonsulat durchgeführten sozialen Hilfswerk für notleidende Volksgenossen überwiesen worden. Auf jeden Fall kann das Volksfest als ein voller Erfolg nicht nur in materieller Hinsicht bezeichnet werden, sondern auch als ein hervorragender Ausdruck der Gemeinschaftsarbeit, an der sich ausser dem D. T. D. und seinen zahlreichen Helfern noch der Bund der schaffenden Reichsdeutschen, der Männergesangsverein „Lyra“ und nicht zuletzt eine grosse Anzahl deutscher Firmen beteiligten.



Aufnahme: K. Brand

unter international übertrieben werden in der Absicht, Sympathien zu erobern, Voreingenommenheiten zu erwecken und Hass zu erzeugen. Es würde nicht patriotisch und schädlich sein, in anderem Sinne zu handeln ... Es fällt uns also die Aufgabe zu, aufmerksam die Vorgänge zu verfolgen, damit wir uns ihren verderblichen Folgen entziehen und zu fordern, dass unsere Souveränität gebührend beachtet wird; andererseits aber müssen wir bestrebt sein, jeden Versuch zu demaskieren, der unter irgendeinem Vorwande unternommen wird, um die Nation in eine

schiefe Lage zu bringen, indem sie persönlichen Neigungen und Meinungen nachgibt, die fast immer aus einer gefühlsmässigen Haltung oder zweitrangigen Absichten entstehen.“

Im ganzen Staat São Paulo wird seitens der Landwirtschaft über die anhaltende Trockenheit geklagt. Viele Pflanzenkulturen sind verdorrt oder haben nicht wieder-gut-zu-machende Schäden erlitten.

Ein Soldat des Wachbataillons der Força Publica in São Paulo erschoss mit seinem

Karabiner, für den er 500 Patronen entwendet hatte, nach der Ermordung seiner Geliebten in einem öffentlichen Haus fünf weitere Personen auf offener Strasse und verletzte vierzehn Männer und Frauen ausserdem so schwer, dass verschiedene im Krankenhaus verstarben.

„Die Magd als Herrin“ Komische Oper in der Gesellschaft Germania, S. Paulo.

Intermezzo — komische Oper — in zwei Akten von Giov. Batt. Pergolesi wird am Freitag, den 3. November, um 20 1/2 Uhr im Saale der Gesellschaft Germania unter der Stabführung von Emmerich Csammer zur Aufführung gelangen. Giovanni Battista Pergolesi, geb. am 3. Januar 1710, gest. am 16. März 1736 machte sich zuerst als Kirchenkomponist einen Namen. Später wandte er sich der Opernkomposition zu und zeigte sich auch auf diesem Gebiete sehr fruchtbar. Unter den dreizehn von Pergolesi komponierten ersten wie Buffo-Opern und Intermezzi nahm „La Serva Padrona“ eine besondere Stellung ein. Für das San Bartholomeo-Theater in Neapel im Jahre 1731 komponiert, errang die später so berühmt gewordene Buffo-Oper hier ihren ersten durchschlagenden Erfolg. Von hier aus breitete sie sich schnell über ganz Europa aus und behauptete unter allen Opern heiteren Inhalts ihre bevorzugte Stellung bis zum heutigen Tage. Ueber den Inhalt nur soviel. Der Text zieht seine Wirkung aus zwei vom Publikum aller Zeiten stets gleichgeschätzten Lustspielmotiven: Der Uebertöpelung der Personen von Stand durch die ihnen an Geist und Witz überlegenen Personen aus dem Volke und dem beliebten Verkleidungseffekt. Gestützt auf diese beiden einfachen, doch überzeugenden Mittel ist das Libretto des Erfolges bei den Hörern aller Zeiten gewiss.

Die Musik wird den Eigenschaften des Textes voll und gerecht. Sie setzt sich aus knappen, kurzatmigen Gedanken zusammen, durch deren unausgesetzte, sprudelnde Bewegung der muntere Lustspielton überzeugend getroffen wird.

Für die Aufführung wurden in São Paulo schon oft bewährte Kräfte gewonnen. Die Sopranistin Rosina Kauner spielt und singt die herrschsüchtige Zerbine, der Bassist Friedrich Wenger den Hagestolz Dr. Pandolfo und Wilhelm Baethge die Doppelrolle des Bedienten Scapin. Ulrich Gogarten führt die Regie, während Emmerich Csammer für die musikalische Leitung wie für die Gesamtauführung überhaupt verantwortlich zeichnet.

Karten à 5\$800 sind im Vorverkauf zu haben bei: Deutsche Buchhandlung Kurt Hahmann, Rua Cons. Chrispiniano 2-A; Pharmacia Germania, (N. Hülskämper), Rua Libero Badaró 429 und beim Portier der Gesellschaft Germania. Für Mitglieder des Bundes schaffender Reichsdeutscher stehen, dank einer besonderen Vereinbarung, Karten zu stark ermässigten Preisen in der Geschäftsstelle des Bundes, Rua Santa Ephigenia 348, Zimmer 13, zur Verfügung.

Deutsches Berufs-Konsulat in Bello Horizonte

In der Hauptstadt des Staates Minas Geraes ist ein Deutsches Berufs-Konsulat errichtet worden. Zum Konsul des Reiches in Bello Horizonte wurde Herr Fritz Repnow ernannt.

Auf Außenposten †

Ein zweiter schwerer Verlust innerhalb Monatsfrist traf die deutsche Kolonie in Cruz Machado. Am 26. September verstarb hier im Alter von sechzig Jahren ganz plötzlich der ehemalige Seemaschinist Ernst Timm. Im Jahre 1920 siedelte er sich hier an, um sich wie viele andere eine neue Existenz zu gründen. Mit seinem Ableben scheidet wieder einer aus den Reihen derer, die trotz aller eigenen Mühen, die Sorge um Erhalt und Pflege der Kultur, die Erziehung zum Gemeinschaftsgeist unter den in den Urwald Eingewanderten in den Vordergrund stellten. Seine Hartnäckigkeit mit der er jeden sich zeigenden Egoismus bekämpfte, liess ihn manchen Strauss ausfechten. Durch seine offene und grade Haltung, durch seinen Gerechtigkeitssinn aber machte er sich die meisten seiner Widersacher zu Freunden. Die Zahl seiner Freunde und Bekannten, die weit über den Kreis der Kolonie hinausgeht, wird ihm stets ein treues Andenken bewahren. Die von ihm geübte unbedingte Hilfsbereitschaft in jeder Lage, soll uns namentlich in jetziger erster Zeit ein leuchtendes Vorbild sein. H. L.

Im Saale der Gesellschaft GERMANIA

Rua Dom José de Barros 396

FREITAG, DEN 3. NOVEMBER 1939, UM 20.30 UHR
Aufführung des Intermezzos (komische Oper) in 2 Akten

„DIE MAGD ALS HERRIN“

von G. B. Pergolesi

Personen: Dr. Pandolfo — Friedrich Wenger; Zerbine, Magd — Rosine Kaunert; Scapin, Diener — Wilhelm Baethge. — Regie: Uli Gogarten — Musikalische Leitung: Emmerich Csammer

Karten à 5\$800 in der Deutschen Buchhandlung Kurt Hahmann, Rua Cons. Chrispiniano 2-A, Pharmacia Germania (Hülskämper), Rua Libero Badaró 429. — Karten zu stark ermässigten Preisen für die Mitglieder des Bundes schaffender Reichsdeutscher in der Geschäftsstelle des Bundes, Rua Santa Ephigenia 348, Zimmer 13.

In Ponta Grossa starb nach längerer Krankheit am 15. Oktober der Volksgenosse Emil Bodenbach. Er gehörte zur Gemeinschaft der aufrechten, stets pflichtbewussten Deutschen. Seine Kameradschaft und Hilfsbereitschaft, sowie seine Verdienste um die ehemaligen deutschen Vereine werden ihm innerhalb des Kreises der Deutschen in Ponta Grossa immer ein ehrendes Gedenken bewahren.